O NASCIMENTO DE SAMUEL

(I Samuel 1)

O primeiro livro de Samuel trata da transição entre o tempo dos Juízes e a monarquia israelita. Nada melhor para começar, portanto, do que contando como foi o nascimento de Samuel. Vamos a ele.

Havia na cidade de Ramataim-Zofim (que mais tarde veio a receber o nome grego de Arimatéia, cidade natal daquele José que cedeu o túmulo a Jesus Cristo) um homem chamado Elcana. Ele tinha duas mulheres: Penina, com quem tinha filhos, e Ana, que aparentemente era estéril (mais uma...). Elcana tinha o costume de ir uma vez por ano a Siló, onde então ficava o Tabernáculo, para ali oferecer sacrifícios. Hofni e Finéias, filhos de Eli, eram sacerdotes na época. Cada vez que Elcana oferecia sacrifícios, dividia com as duas esposas e os filhos a parte da oferta destinada aos ofertantes. Sendo Ana a esposa que ele amava de verdade, dava a ela porção dobrada. Não adiantava nada, porém, porque Penina provocava Ana nessas ocasiões, irritando-a demais e deixando-a deprimida e sem apetite. Elcana ficava desesperado:

— Anita, meu amor, por que você chora? Por que não come? Por que está sempre triste?

— ...

— É por causa dessas provocações da Penina. Oras, deixe isso pra lá! Por acaso eu não sou melhor para você do que dez filhos? Hein? Hein? Hein?

— ...

— ARGH!

A história se repetia ano após ano. Quando Elcana anunciava à família que chegara o tempo de ir a Siló, todos comemoravam, menos Ana, que já se preparava para ser mais uma vez infernizada por sua rival. Até que um dia ela se cansou: estando mais uma vez a família reunida em Siló, ela foi até a Tenda Sagrada logo depois da refeição. Lá chegando, começou a chorar e falar com Javé:

— Ó, Deus! Assim não dá mais não. Olhe para mim, por favor, uma vez só! Veja a minha aflição. Javé, se você me der um filho, eu juro que ele será dedicado ao seu serviço por toda a vida, e que nunca cortará o cabelo.

A promessa de não cortar o cabelo, como já vimos na história de Sansão, significava que a criança seria um nazireu. Pois bem, Ana continuou sua oração. Suplicava em silêncio, e seus lábios apenas se mexiam, sem som. Ficou tanto tempo ali que o sacerdote Eli, que estava sentado numa cadeira junto a um pilar, notou sua

presença. Vendo aquela mulher chorando e mexendo os lábios sem dizer nada, precipitou-se em suas conclusões:

— Mas que vergonha!

— Hum... Como, senhor?

— Come, não. Bebe! Cachaceira sem-vergonha! Vê se te emenda! Onde já se viu, vir à Casa de Deus com o rabo cheio de manguaça?

— Senhor, não me julgue mal. Juro que não bebi nada, nem uma cervejinha. Mal comi, na verdade, porque vivo angustiada. Por isso vim até aqui, para contar a Javé as razões de minha angústia e pedir a ele que olhe para mim e me ajude. Se orava de um jeito estranho é porque sou uma mulher muito infeliz e sofredora.

— Er... Ahn... Aham... Sim, sim, claro. Desculpe o mau jeito, viu? Vá em paz, e que Javé lhe conceda o que você pediu.

— Muito obrigada, senhor.

Então Ana voltou para junto da família. Estava até mais feliz, tanto que chegou a comer um pouco. Na manhã seguinte, Elcana e sua família acordaram cedo e foram mais uma vez adorar a Javé, depois do que pegaram a estrada para Ramá. Lá chegando, Elcana "conheceu" a sua esposa, ou seja, teve relações sexuais com ela. Sabem como é, deu uns futucos. Passou-lhe a vara. Deu um tapa na periquita. Molhou o biscoito, afogou o ganso, decalcou a araponga. Bah, vocês entenderam: finalmente Elcana percebeu que esse negócio de amor sublimado não estava com nada. Como resultado, aprendeu de onde é que vêm os bebês: nove meses depois, Ana teve um menino e botou nele o nome de Samuel, que significa "pedir a Deus".

Quando o menino estava com três meses de vida, chegou novamente o tempo de Elcana ir a Siló. Ana, porém, resolveu ficar em Ramá:

— Não vou agora, vão vocês. Quando o menino for desmamado, eu mesma o levarei para que fique lá por toda a vida.

— Hum. Acho melhor você não ir a Siló. Quando Samuel for desmamado, você o leva para que ele fique por lá.

— Excelente idéia, Elcana!

— Bondade sua, minha querida.

Então Ana ficou em casa enquanto a família ia a Siló oferecer sacrifícios. Meses depois, quando Samuel enfim foi desmamado, ela e Elcana o levaram a Siló, juntamente com um novilho de três anos, dez quilos de farinha e um odre de vinho como ofertas. Apresentaram-se a Eli, e Ana disse:

— Seu Eli, eu sou aquela mulher que o senhor achou que estivesse bêbada no Tabernáculo uma vez, está lembrado?

— Vagamente.

— Pois então: eu estava daquele jeito porque não tinha filhos. Mas Javé ouviu minha prece e me deu um filho.

— Com a minha colaboração, é claro...

— Ah, sim: com a colaboração do meu marido aqui, é claro. Então hoje nós viemos aqui para lhe entregar esse menino, Samuel, para que seja dedicado ao serviço de Javé.

— Peraí, eu já sou muito velho para cuidar de um pirralho. Ei!

Mas o casal já havia saído para adorar a Deus. Não tendo outro remédio, Eli começou a cuidar do moleque. Deixemos o velho entretido com as fraldas sujas do menino; voltaremos à história depois. Esse Samuel ainda vai dar muito o que falar.

OS FILHOS DE ELI

(I Samuel 2)

O segundo capítulo começa com Ana fazendo uma oração. A prece é longa mas pode ser resumida assim: "Valeu a pena esperar. Agora Penina se fodeu e eu estou por cima da carne seca. Rá!". Então a família voltou para Ramá, deixando Samuel no Tabernáculo. O garoto estava destinado a ser apenas um ajudante na Tenda Sagrada, um menino de recados e mais nada. Só que Deus escreve torto por linhas tortas, como veremos.

Acontece que Hofni e Finéias, sacerdotes e filhos de Eli, não valiam nada (a tradução João Ferreira de Almeida diz que eles eram "filhos de Belial", o príncipe dos demônios), não levavam a sério o sacerdócio. Por exemplo: quando alguém estava oferecendo um sacrifício, um ajudante vinha e enfiava um garfo dentro da panela onde a carne estava sendo cozida. A carne que saísse era comida pelo sacerdote, sem o mínimo respeito pelas regras rígidas que determinavam as porções destinadas aos sacerdotes. Isso era feito rotineiramente. Da mesma forma, quando alguém estava preparando seu sacrifício, os sacerdotes enviavam um ajudante para exigir um pedaço da carne, antes mesmo que a gordura fosse queimada. Se o ofertante fosse um israelita mais zeloso, e se recusasse a tratar seu sacrifício levianamente, o sacerdote tomava a carne à força. Assim os filhos de Eli faziam seu trabalho: com arrogância, prepotência e sem o mínimo respeito pelas tradições. Nós, que já vimos do que Javé é capaz em

casos de desobediência, já podemos prever o que iria acontecer. Eles, porém, continuavam agindo da mesma forma.

Enquanto isso, o menino Samuel crescia e aprendia no Tabernáculo. Mesmo sendo ainda criança, vestia um manto sacerdotal de linho, e todos os anos sua mãe lhe trazia uma túnica nova, que ela mesma fazia. Nessas ocasiões, Eli abençoava Elcana e Ana:

— Que Javé dê a vocês muitos filhos, para tomarem o lugar deste que foi dedicado ao serviço do Tabernáculo.

E agora, que Elcana já sabia como fazer, estava fácil: o casal teve mais três filhos e duas filhas.

Quanto a Eli, já estava muito velho. Ele ouvia falar da forma como os filhos exerciam o sacerdócio, e também que comiam as putas que faziam ponto na porta da Tenda. Ele ainda tentava aconselhar:

— Meus filhos, tomem jeito! Javé é bravo, e muito mais bravo ainda com os sacerdotes. Se uma pessoa ofende a outra, Deus pode defendê-la, mas quem a defenderá se ela ofender ao próprio Deus?

— Bah, pai, que bobagem! Cê não sabe de nada. Os tempos são outros, precisamos renovar as coisas por aqui. Relaxa, velho.

E os dois não tomavam mesmo jeito. Eli vivia desgostoso, mas não havia nada que pudesse fazer — mesmo porque Javé já decidira matar Hofni e Finéias, tamanha era a raiva que sentia deles. Por outro lado, Javé gostava muito de Samuel. Todo mundo gostava: era um garoto dedicado, inteligente, respeitoso. Vendo que a situação exigia sua interferência, Javé escolheu um profeta que estava sem muito serviço e o enviou para o Tabernáculo, para que entregasse a seguinte mensagem a Eli:

Eli,

Eu me revelei a Arão, seu antepassado, e escolhi vocês para serem meus sacerdotes, e para fazerem o meio de campo entre o Israel e eu. Você conhece a história, não preciso contar tudo aqui. Eu dei a vocês o direito de ficarem com uma parte dos sacrifícios que são oferecidos. Olha só como eu sou legal. Só que acontece que esses mequetrefes desses seus filhos são têm os olhos maiores que a barriga, e comeriam um touro inteiro se conseguissem. Uma vergonha, Eli, uma vergonha!

E, cá entre nós, você está sendo omisso. Como é que você deixa seus filhos engordarem feito umas porcas prenhas, comendo a carne que devia ser destinada somente a mim? Assim não dá, Eli. No passado eu prometi que sua família serviria para sempre no sacerdócio, mas acho que vou mudar minha promessa. Chega. Eu respeito quem me respeita, e desprezo quem me despreza. E quem eu desprezo, não sei se você sabe, morre misteriosamente. Então é isso: eu vou matar todos os moços da sua família e da família do seu pai. Coisas muito boas vão acontecer em Israel, mas você vai passar por dificuldades, e nenhum homem de sua família chegará à velhice. Morrerão todos os homens da sua

linhagem, e se algum sobreviver será apenas para envergonhá-lo. Hofni e Finéias morrerão no mesmo dia; isso será um sinal para você. Então eu escolherei para mim um sacerdote, um homem honrado que fará as coisas à minha maneira. Darei a ele descendentes que estarão sempre a serviço do rei que eu vou escolher. Quanto aos seus descendentes (se existirem), vão se curvar diante do rei para pedir dinheiro e comida, e virão aqui para implorar por algum trabalho.

Gostou? Gostou? Isso é pra vocês aprenderem a não mexer na minha comida, caralho!

J.

Eli quis argumentar, dizer que havia tentado avisar os filhos, que não adiantara porque eles eram teimosos. Mas o profeta tinha vindo só para trazer a mensagem, sem instruções para esperar resposta. Então apenas sentou-se em sua cadeira para pensar na mensagem que acabava de receber. Javé falara mesmo de um rei? Grandes mudanças estavam para acontecer em Israel...

DEUS FALA COM SAMUEL

(I Samuel 3)

Os tempos em que Deus vivia falando com os homens, fosse diretamente ou com mensagens enviadas através de anjos e profetas, já havia passado. Muitos até consideravam as narrativas antigas como meras alegorias. Alguém que dissesse ter falado com Javé, como os livros diziam que Moisés e Gideão haviam feito, receberia logo o epíteto de doido. Pois bem: mas acontece que Javé resolveu que ia falar com Samuel. Este ainda era menino, e estava dormindo no Tabernáculo, enquanto Eli (que já estava quase cego) dormia em seu quarto, quando ouviu alguém chamando:

— Samuel! Ô, Samuel!

O garoto se levantou e foi ao quarto de Eli:

— Pois não, seu Eli?

— Hum? Hã? Hein? Que foi, moleque?

— O senhor me chamou?

— Eu? Eu? Claro que não! Vai dormir e me deixa em paz, cacete!

— Tá. Desculpe.

— Bah!

Samuel voltou para a cama, resmungando. Provavelmente Eli falara seu nome durante o sono. Enquanto isso, escondido atrás de uma cortina, Javé ria baixinho. Esperou Samuel dormir e retomou a brincadeira:

— Psiu! Ô! Samuel!

Ele acordou e mais uma vez foi ao quarto de Eli.

— O senhor chamou?

— Hein? Porra, Samuel, de novo??? Vai dormir, moleque doido!

Samuel voltou ainda mais indignado. Quando ia se deitar, julgou ouvir um riso abafado. Mas até vozes já andava ouvindo, então começou a encarar o fato de que talvez estivesse mesmo ficando maluco. Já estava quase dormindo quando ouviu a voz outra vez:

— Ô, Samuel! Vem cá!

Dessa vez o menino ficou nervoso, e foi batendo os pés até o quarto de Eli.

— Seu Eli, eu tenho muito trabalho pra fazer amanhã, preciso dormir. Pára de brincadeira besta, porra.

— Brincadeira? Que brincadeira, seu insolente?

— Fica me chamando, aí eu venho até aqui e o senhor diz que não chamou. Perdeu a graça, já.

— Ei, calma! Tô dizendo que não te chamei... Ei. Peraí. Será possível? Não, não, de jeito nenhum... É, mas... Hum...

— Que foi, seu Eli?

— Olha, cê vai dizer que eu tô gagá, mas foda-se: eu acho que talvez seja Javé te chamando.

— Javé? Javé, nosso Deus?

— Não. Javé, o travesti. CLARO QUE É JAVÉ, NOSSO DEUS!

— Sei não, sei não...

— Faz o seguinte: se você ouvir a voz de novo, em vez de vir aqui me encher o saco, apenas responda e veja o que acontece.

— Hum. Tá bom.

Samuel voltou para sua cama, e não demorou para ouvir seu nome novamente:

— Ô, Samuel!

Só que dessa vez ele, seguindo o conselho de Eli, respondeu:

— Oi. É você... Digo, é o SENHOR, Javé?

— Bah. Me descobriu.

— PERAÍ! É JAVÉ MESMO???

— Er... Sim...

— PUTAQUEOPARIU! Opa. Digo, LOUVADO SEJA O TEU NOME, JAVÉ! Puxa, eu não acredito! É Deus falando comigo! UAU!

— Tá, tá, chega! Que moleque deslumbrado, credo. Sou eu, Javé. Sou Senhor dos Exércitos, Criador do Céu e da Terra, Pai Celeste, essa coisa toda. Mas também não precisa tanta veadagem. Vim aqui pra te dizer um negócio...

— Pode dizer, Javé!

— Eu por acaso pedi sua autorização?

— ...

— Humpf. É o seguinte: vão acontecer coisas em Israel, coisas tão terríveis que deixarão espantados todos os que delas ficarem sabendo. Vou fazer a Eli tudo o que disse que ia fazer, a parada toda da família e tal.

— Hein?

— Ah, ele não te contou, é? Pois então, vou acabar com toda a descendência de Eli, porque os filhos dele são uns sem-vergonhas e o velho não faz nada a respeito. E agora é tarde: já tomei minha decisão, e sacrifício nenhum vai me fazer mudar de idéia.

— Hum... Que mais?

— Que mais? Xeu ver... Nah, mais nada. Era isso mesmo. Vai dormir, Samuel. A gente se fala depois, com mais tempo.

Javé foi embora, e Samuel pegou no sono depois de algum tempo pensando no que acontecera. No dia seguinte, acordou e começou a exercer suas tarefas. Estava com medo de falar com Eli sobre o que Javé dissera. Mas percebeu que não conseguiria evitar quando o velho mandou chamá-lo.

— Pois não, seu Eli.

— E aí, Samuel? Era Javé mesmo?

— Era.

— Ué... Pra falar comigo ele manda um profeta, com você ele fala diretamente. Estranho... Mas e aí, o que ele disse?

— Ah, nada de mais... Perguntou como eu estava, se gostava do trabalho aqui, essas coisas...

— Moleque, moleque! Não me esconda nada, que Deus o castigue se você não me contar tudo!

— Pô, seu Eli, não é pra tanto...

Então Samuel contou toda a conversa, sem omitir nada. Eli ficou em silêncio por algum tempo, e enfim disse:

— É... Foi isso mesmo o que ele me disse através do tal profeta. Bom, ele é Deus, o que se há de fazer? Paciência...

Samuel ficou triste ao ver a situação em que Eli se encontrava, mas não tanto a ponto de não perceber sua própria situação: se Javé falava com ele diretamente, e se ia matar todos os descendentes de Eli, então era bem provável que ele, Samuel, viesse a ser sacerdote. Não se deixou levar por esse pensamento, porém: continuou fazendo seu trabalho no Tabernáculo normalmente. De vez em quando Deus vinha falar com ele, e nessas ocasiões lhe revelava o que estava para acontecer. O povo começou a observar que tudo o que Samuel dizia acabava acontecendo, e não demorou a perceber que ali estava um verdadeiro profeta. O tempo foi passando, Samuel crescendo e sendo cada vez mais respeitado em Israel.

OS FILISTEUS TOMAM A ARCA

(I Samuel 4:1-11)

Parecia que ia ser tudo fácil para Samuel: era amado e respeitado pelo povo, e recebia uma baita moral de Javé. Mas acontece que os filisteus começaram a ameaçar o norte de Israel, e a guerra teve que ser declarada. Então os soldados israelitas acamparam em Ebenézer, os filisteus em Afeque. Ficaram naquela guerra de nervos, lançando provocações de um lado para o outro, até que os filisteus se encheram e resolveram lutar: atacaram os israelitas e os derrotaram, deixando quatro mil mortos. Os que escaparam do ataque filisteu voltaram ao acampamento, e alguns deles foram falar com os líderes de Israel:

— Por que é que Javé deixou os filisteus nos derrotarem? Talvez ele não estivesse aqui no meio de nós. Mas e se a Arca da Aliança fosse trazida para cá? Duvido que os filisteus conseguiriam alguma coisa, com Deus presente por aqui.

Os líderes acharam a idéia pelo menos tão boa quanto qualquer outra — os filisteus eram fortes, e provavelmente derrotariam os israelitas de qualquer maneira —, então enviaram mensageiros a Siló com o pedido. A Arca veio para o acampamento, trazida pelos sacerdotes Hofni e Finéias. Ao verem seu maior símbolo religioso chegando ao acampamento, todos os soldados israelitas deram um forte grito de alegria, que foi ouvido no acampamento inimigo. Os filisteus começaram a demonstrar alguma preocupação:

— Eita. Que porra foi essa? Que que essas frangas hebréias tão gritando?

— Tão dizendo que o deus deles chegou para lutar contra nós.

— Puta merda. Aquele deus maluco, que mandou pragas para o Egito e tal?

— Sim. O tal Javé.

— Ai ai ai... Agora tem um deus pra lutar contra a gente. Fodeu, fodeu!

— Controle-se, sirigaita! Os deuses dos israelitas são fortes. Mas nós os derrotamos antes, e vamos derrotá-los novamente. Ou vocês preferem ficar com medo, perder a guerra, e serem para sempre escravizados por Israel?

— DE JEITO NENHUM!

— Então sejamos homens, PORRA!

— SIM!

— HOMENS!

— SIM!

— HOMENS!

— Já entendemos, porra...

— Ah. Ok.

Assim motivados, os filisteus saíram para lutar novamente. E nem a Arca ajudou os israelitas: foram derrotados, e fugiram para suas casas com o rabicó entre as pernas. Trinta mil homens foram mortos, e pior ainda: os filisteus mataram os sacerdotes Hofni e Finéias, tomaram a Arca e a levaram para a Filistia. O que foi muito ruim para Israel, mas pior ainda para os filisteus, como veremos mais adiante.

AS MORTES DE ELI E DA VIÚVA DE FINÉIAS

(I Samuel 4:12-22)

Depois que os filisteus levaram embora a Arca, um homem da tribo de Benjamim saiu correndo do acampamento de Ebenézer e só parou ao chegar em Siló. Chegou com as roupas rasgadas, todo sujo, e tratou de espalhar pela cidade as más notícias. Eli estava na porta da cidade, sentado em sua inseparável cadeira. Preocupado com a Arca, havia se postado ali para ser o primeiro a ver um eventual mensageiro vindo da frente de batalha, e portanto o primeiro a saber do que acontecera por lá. Só tinha um detalhe: Eli já estava com 98 anos de idade e completamente cego, então o mensageiro benjamita passou por ele sem que fosse percebido. Porém, o velho notou que havia algo muito errado quando ouviu choro e gritos cada vez mais altos na cidade.

— O que está acontecendo aqui?

O mensageiro ouviu sua voz e reconheceu o velho sacerdote. Veio falar com ele:

— Seu Eli, eu fugi da batalha e vim correndo até aqui, sem parar nenhum instante.

— Hum... E o que aconteceu por lá?

— Ai ai... Não sei como contar isso ao senhor.

— Deixe de frescura! Sou velho mas ainda sou homem, cáspita. Não me esconda nada!

— Hum. Tudo bem. Seguinte: O povo de Israel fugiu dos filisteus. Foi uma derrota vergonhosa.

— MEU DEUS! Péssima notícia, rapaz, péssima notícia! Agora entendo sua preocupação, não consigo imaginar nada pior do que isso.

— Er... Então melhor ir tentando imaginar, seu Eli...

— Por quê?

— Porque eu ainda não acabei.

— Aconteceu alguma outra desgraça? O que poderia ser pior do que uma derrota para os filisteus?

— Ah, sei lá. A mo rte de seus filhos, por exemplo.

— HOFNI E FINÉIAS MORRERAM?

— Ou isso ou os abutres do deserto estão mais cegos do que o senhor...

— QUE DESGRAÇA! QUE DESGRAÇA!

— Desgraça? O senhor ainda não sabe da pior...

— HEIN? MEUS FILHOS MORRERAM, O QUE PODE SER PIOR DO QUE ISSO, SEU MEQUETREFE?

— Os filisteus levarem a Arca embora...

— O QUÊ? A ARCA? A ARCA? A ARCA? A AAAAAAAAaaaaaaaaaaaaaaa...

Descontrolado diante de tanta notícia ruim num pacote só, Eli ficou muito agitado e sua cadeira caiu para trás. Ele já estava velho, como já foi dito, e também muito gordo. O velho sacerdote quebrou o pescoço na queda, e morreu em seguida, depois de quarenta anos como líder em Israel. Uma das mortes mais ridículas da Bíblia, convenhamos.

Nesse mesmo dia, a mulher de Finéias estava sentindo as dores do parto de seu primeiro filho quando soube que o marido, o cunhado e o sogro estavam mortos, e que a Arca da Aliança estava nas mãos dos filisteus. A comoção foi forte demais. A parteira e outras mulheres que ali estavam ainda tentaram animá-la, mostrando-lhe o filho

recém-nascido. Ela não se interessou, e não disse nada. Mas deu ao menino o nome de Icabô. Algumas traduções da Bíblia grafam *Icabode* ou ainda *Ichabod*, mas eu acho Icabô melhor, porque é bem próximo do significado original, em hebraico: *Ih! Cabô a glória em Israel*.

...

Ok, perdão. Voltemos.

A viúva morreu em seguida, desgostosa com as péssimas notícias. Javé prometera acabar com a família de Eli e, como acabamos de ver, tratou logo de cumprir sua promessa.

A ARCA NA FILISTIA

(I Samuel 5)

Depois de pegarem a Arca em Ebenézer, os filisteus a levaram até a cidade de Asdode e a colocaram no templo, perto da imagem do deus Dagom. Com isso, pensavam trazer o deus israelita como oferta ao deus filisteu. Javé, porém, vivia dias de moleque, pregando peças e aplicando trotes. Foi com surpresa, então, que no dia seguinte os filisteus viram a imagem de Dagom caída de cara no chão, prostrada diante da Arca. Os sacerdotes a endireitaram novamente e não deram grande importância ao episódio. Na manhã seguinte, porém, a imagem estava prostrada novamente, e dessa vez sem os braços e sem a cabeça, que estavam caídos na soleira da porta. Os filisteus começaram a considerar a hipótese de que talvez não tivesse sido uma boa idéia mexer com o deus maluco de Israel. Supersticiosos, não quiseram entrar no lugar onde ficava a imagem de Dagom, e o lugar foi tabu por séculos.

Mas eu dizia que Javé andava brincalhão por aqueles dias. Pois é. Sua brincadeira seguinte foi mandar uma praga de hemorróidas contra todos os moradores de Asdode e vizinhanças. Sob um castigo tão doloroso quanto constrangedor, o povo começou a chiar:

— Ninguém mandou a gente mexer com os israelitas. Aquele povo é esquisito, todo mundo sabe. E agora o deus deles castigou ao nosso deus, e está castigando a nós.

A indignação começou a aumentar, até que alguém resolveu mandar mensageiros aos cinco governadores filisteus para uma reunião urgente. Os governadores de Gaza, Asquelom, Gate e Ecrom vieram e foram recebidos pelo governador de Asdode em seu gabinete. Os quatro sentaram-se em volta da mesa.

— Vossa Excelência não vai se assentar?

— Vossas Excelências hão de compreender que na minha situação...

— Qual situação?

— Então não sabem?

— A mensagem só dizia para virmos aqui para discutirmos algum problema a respeito de Israel.

— Ah. Então. Nós conseguimos pegar a Arca sagrada lá deles, como os senhores bem sabem. Mas aí coisas estranhas começaram a acontecer...

— É, fiquei sabendo do que ocorreu no templo. Lamentável.

— E isso nem foi o pior!

— Não?

— Não. Parece que o deus deles mandou um castigo contra nós.

— Castigo? Que castigo?

— Er... Hemorróidas.

— Perdão?

— Hemorróidas. HEMORRÓIDAS! Todo o povo de Asdode foi acometido por hemorróidas.

— HAHAHAHAHAHAHAHAHA!

— NÃO RIAM! ISSO É MUITO SÉRIO!

— Claro, claro. Não podemos admitir que um deus estrangeiro castigue toda uma cidade da Filistia com... Com... PFFFFFFFFFFHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA!

— Oras, cale-se.

— Mantenha o senso de humor, Excelência. Então o problema é a presença do tal baú de Javé? Pois podem mandar o baú lá para Gate.

— Olha...

— Podem mandar, eu garanto.

No mesmo dia, então, a Arca foi transportada para a cidade de Gate. As notícias de Asdode chegaram antes, porém, e o objeto sagrado israelita foi recebido com temor. No dia seguinte, todos os habitantes acordaram com uma leve coceira em certa parte do corpo — não digo que foi no cu para não ser grosseiro. A coceira foi piorando, e todos já sabiam: a praga das hemorróidas chegara a Gate. Enviaram a Arca para a cidade de Ecrom, e a praga repetiu-se com maior intensidade. Mais uma vez

mensageiros foram enviados aos governadores, e agora com uma mensagem bem clara: o povo exigia que a Arca fosse mandada de volta a Israel. Não era para menos: a praga foi muito mais forte Ecrom do que em em Gate ou Asdode, e algumas pessoas morreram. Morrer de hemorróidas, vocês hão de concordar, é algo bem vergonhoso. Por toda a cidade ouviam-se altos gritos de dor, que chegavam até o céu. E, lá do céu, Javé ouvia com prazer os gritos de dor. E ria.

Nota: Na maior parte das traduções modernas da Bíblia, é dito que Deus mandou *tumores* contra os filisteus. A edição Revista e Corrigida da Tradução João Ferreira de Almeida diz:

> *E sucedeu que, assim que a levaram, a mão do SENHOR veio contra aquela cidade, com mui grande vexame; pois feriu aos homens daquela cidade, desde o pequeno até ao grande; e tinham hemorróidas nas partes íntimas.*

A Edição Contemporânea da mesma tradução suaviza os termos:

> *Desde que a levaram para lá, a mão do Senhor veio contra aquela cidade, com grande terror. Feriu os homens daquela cidade, desde o pequeno até o grande, e nasceram-lhe tumores.*

Enquanto a Tradução na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, é mais eufemística ainda:

> *Mas depois que a arca chegou ali, o Deus Eterno castigou a cidade e pôs medo nos seus moradores. Apareceram tumores em todas as pessoas da cidade, tanto nas mais importantes como nas mais humildes.*

Pois bem: eu pensava que as traduções mais modernas da Bíblia foram atingidas por uma praga bem pior que hemorróidas: o tal do politicamente correto. Não parecia adequado falar em hemorróidas, então trocaram por tumores e pronto. Porém, pesquisando um pouco, descobri um artigo do Dr. Jairo Bueno, publicado no site da Sociedade Brasileira de Clínica Médica do Rio Grande do Sul. O Dr. Jairo diz que o que ocorreu de verdade nas cidades da Filistia foi um surto de peste bubônica, e explica:

> *A referência a hemorróidas teria sido um equívoco de tradução, como muito bem argumentou Pitanga Santos em seu artigo "O termo hemorróidas na Bíblia" (JBM 12:511-513,1967). A palavra Epholim do texto original hebraico tem o sentido de inchação, tumefação, e poderia referir-se a gânglios enfartados (bubões na região inguinal) e não a uma afecção benigna como as hemorróidas. Os gânglios inflamados ou bubões, que caracterizam a peste é que lhe valeram o nome de peste bubônica.*

A explicação me convenceu, mesmo porque no capítulo seguinte fala-se em ratos, que não haviam sido mencionados ainda. Se levarmos em conta a associação entre esses roedores e a peste bubônica, fica claro que a possibilidade de tratar-se de inflamações e não de hemorróidas é bem mais lógica.

Mas é claro que eu não ia perder a oportunidade de fazer minhas piadinhas, por isso mantive as hemorróidas. Não em mim, credo!

O RETORNO DA ARCA

(I Samuel 6)

Já fazia sete meses que a Arca da Aliança estava na Filistia, passando de cidade em cidade e deixando atrás de si um rastro de homens que não podiam se sentar. A

situação tornou-se insuportável. "Não tem cu que agüente", como diz aquela bela canção. Então os filisteus foram pedir conselho a seus sacerdotes e magos:

— Olha, não tá dando mais. Manter esse baú israelita aqui na Filistia é loucura. Queremos mandar esse troço de volta.

— Mandem, ué. Mas não mandem sem um presente, pelo menos, que é para os israelitas saberem que é de boa fé que vocês estão devolvendo o baú deles.

— Hum. Que presente?

— Algo que demonstre que reconhecemos a derrota: mandem cinco hemorróidas de ouro e cinco ratos de ouro.

— Er... HÃ???

— Isso mesmo: vocês vão mandar fundir hemorróidas e ratos de ouro, e este será o presente para os israelitas e para o deus doido lá deles. Cinco de cada um, representando os governadores filisteus. Porque a praga que atingiu o povo atingiu a eles também. Ah, atingiu! É bonito de se ver um governador se arrastando por aí, suando frio levando na mão uma almofadinha de rosca.

— Hehehehe.

— É, até uma praga tem seu lado bom. Pois então, com esse presente talvez o deus israelita deixe nossos cus em paz. Não vale a pena sermos teimosos. Há muitos séculos os egípcios resolveram ser teimosos, e o tal Javé os infernizou até o limite. O cara não desiste.

— Tá bom. E aí a gente vai até lá e entrega o baú junto com os presentes?

— Estão doidos? Os israelitas acabam com a raça de vocês. Não, não: vocês vão botar o baú numa carroça. As hemorróidas e os ratos de ouro vão numa caixa ao lado. A carroça será puxada por duas vacas. Vocês vão deixar as vacas irem por onde bem entenderem. Se elas forem para Bete-Semes, em Israel, isso significa que o que aconteceu foi mesmo um castigo do deus deles. Caso contrário, a praga terá vindo por acaso.

— Não é um procedimento meio esquisito não?

— Procedimento meio esquisito é fazer banho de assento todo dia. Somos seus sacerdotes, confiem em nós.

— Tá bom, então.

Os filisteus seguiram o conselho dos sacerdotes e magos. Para começar, fizeram os ratos e as hemorróidas de ouro. Cabe uma dúvida aqui: fazer um rato de ouro é fácil, mas e uma hemorróida? Será que usaram os governadores como modelos? Fico imaginando... Bom, não importa: fizeram as tais esculturas e botaram numa carroça

junto com a Arca. Então a carroça foi andando conforme a vontade das vacas, sendo seguida pelos governadores filisteus.

É.

Como diz aquela música, sabe? *Aonde a vaca vai / o governador vai atrás*.

AHAM!

Perdão, perdão.

As vaquinhas foram mugindo, cagando e andando, e acabaram justamente em Bete-Semes, terra natal de Josué, na fronteira com a Filistia. Os filisteus seguiram a carroça até os limites da cidade, e ficaram observando.

Os habitantes de Bete-Semes estavam colhendo trigo no vale quando viram ao longe a Arca da Aliança se aproximando. Ficaram extremamente felizes, é claro, e correram para o objeto sagrado. As vacas devem ter ficado muito contentes ao verem que sua chegada era recebida com tamanha alegria. Mas não durou muito: os israelitas retalharam as pobrezinhas e, usando a madeira da carroça como lenha, queimaram sua carne como sacrifício. Vendo que tudo terminara bem, os governadores filisteus voltaram para casa, já sentindo algum alívio em suas "partes secretas". Os israelitas festejavam e comentavam os estranhos presentes:

— Tá. Mandar esses ratos de ouro foi um negócio bem esquisito, mas pelo menos a gente sabe o que são. E essas outras esculturas aqui?

— Sei lá. Parecem com nada.

— Deixa eu ver... Ei, isso aqui não parece um cu com hemorróida?

— COMO???

— É! Olha só: o cu está aqui, aqui a hemorróida...

— Ah, você acha que é engraçado, não é?

— Er...

— Você acha que humor e escatologia são sinônimos, não é mesmo?

— Mas...

— DEVE MORRER DE RIR QUANDO ALGUÉM PEIDA, NÃO?

— Mas é que parece mesmo..

— ORAS, CALE-SE!

A festa em Bete-Semes foi até tarde, e teve apenas um pequeno contratempo: setenta homens foram fulminados porque olharam para dentro da Arca. Bobagem. O povo percebeu que a relíquia podia ser perigosa se continuasse ali, então enviaram mensageiros à cidade de Jearim, cerca de vinte quilômetros ao norte, com a seguinte mensagem:

> Queridos amigos de Jearim,
>
> Vocês não vão acreditar! Os filisteus mandaram a Arca da Aliança de volta. Não é o máximo? Ah, estamos tão felizes! Mas estávamos pensando: Jearim é uma cidade tão mais importante, não é justo que um objeto tão santo fique aqui em Bete-Semes. Então queríamos saber se vocês não gostariam de ter a honra de ficarem com a Arca.
>
> Shalom!
>
> Povo de Bete-Semes

Os homens de Jearim morderam a isca direitinho, e no dia seguinte mandaram um caminhão de mudanças para Bete-Semes.

SAMUEL GOVERNA ISRAEL

(I Samuel 7)

Um problema já estava resolvido: a Arca estava de volta a Israel, guardada por um certo Eleazar, filho de Abinadabe, numa casa no alto de um morro em Jearim. A Arca ficou na casa de Abinadabe durante quase vinte anos, sem que ninguém bulisse com ela. Deixemo-la quietinha, portanto, porque outro problema mais complicado permanecia sem solução: a opressão dos filisteus. Todos os dias o povo se lamentava e rogava a Deus por ajuda (a Edição Contemporânea da Tradução João Ferreira de Almeida diz que *"... toda a casa de Israel suspirava pelo Senhor"*, o que traz uma certa carga de veadagem).

Samuel crescera e tornara-se um homem taciturno e mal humorado. Cansado de ouvir tanta reclamação por todo canto, começou a brigar com o povo:

— Ah, vocês querem a ajuda de Javé, né? Então porque continuam adorando a outros deuses? Destruam suas imagens de Astarote e de outros deuses, e dediquem-se só a Javé. Porra, eu não precisava nem falar isso pra vocês, está tudo nos Dez Mandamentos e na Lei de Moisés. Mas vocês se fazem de burros, não é mesmo? Ô, povinho bunda!

O discurso contundente de Samuel, reforçado pela excelente reputação de que gozava, acabou convencendo os israelitas a largarem os deuses pagãos. Concluída a

limpeza, Samuel convocou o povo para uma reunião em Mispa, e disse que ia falar com Javé e ver se tinha jeito de livrar a barra de Israel. O povo atendeu à convocação. Já em Mispa, os israelitas tiraram água e ofereceram como oferta a Javé. Vejam que situação: a miséria era tanta que os caras já estavam sacrificando até água. Eles jejuaram o dia todo — até por falta de alternativa — e confessaram seus pecados a Deus.

A notícia da reunião dos israelitas em Mispa não tardou a chegar aos ouvidos dos governadores filisteus. Todo o povo de Israel reunido em uma só cidade era uma oportunidade boa demais. Então os cinco governadores juntaram seus exércitos e marcharam na direção de Mispa. Estavam certos de impor a derrota final a Israel, e ocupar todo o seu território.

Quando os israelitas souberam que os filisteus vinham para atacá-los, entraram em pânico e foram falar com Samuel:

— Ô, Samuel! Tá falando com Javé?

— Estava, até vocês me interromperem. Caralho. Que foi, hein?

— Os filisteus vêm aí, Samuel!

— Tá. E eu com isso?

— Ô bicho grosso... ELES VÃO ACABAR COM A NOSSA RAÇA!

— Não vão não. Eu só preciso falar com Javé.

— Então fala!

— FALAREI ASSIM QUE VOCÊS ME DEIXAREM EM PAZ, SEUS PUTOS!

— ...

— HUMPF!

Assim que o deixaram em paz, Samuel arrumou um carneirinho (mirrado, tadinho) e o queimou em sacrifício a Javé. Pediu mais uma vez a Deus que ajudasse o seu povo. Ele ajudaria? Samuel e todos os israelitas estavam para descobrir, porque os soldados filisteus continuavam avançando, seguros da vitória. Quando estavam quase chegando a Mispa, porém, foram surpreendidos por uma forte trovoada. O barulho e os raios os assustaram, e eles saíram correndo. Vendo que sua debandada, os israelitas saíram atrás, perseguindo-os até Bete-Car (uma cidade, embora pareça nome de concessionária), e matando muitos deles no caminho. Samuel, querendo gravar o acontecimento na memória do povo, botou uma pedra grande entre as cidades de Mispa e Sem, como memorial, dizendo:

— Até aqui Javé nos ajudou. Vamos ver daqui pra frente...

O lugar passou então a se chamar Ebenézer, que significa *"Pedra de Ajuda"*.

E foi assim que os filisteus, tendo infernizado a vida dos israelitas por tanto tempo, foram derrotados. Samuel passou a governar, aclamado pelo povo, e enquanto ele viveu a Filistia não voltou a incomodar Israel. Todas as cidades tomadas pelos filisteus, de Ecrom até Gate, foram devolvidas.

Samuel foi chefe de Israel por toda sua vida. Todos os anos ele ia a Betel, Gilgal e Mispa, e nessas cidades julgava as questões que lhes eram apresentadas pelo povo. Depois voltava para Ramá, sua cidade natal, onde também era juiz. Finalmente cumprira seu destino óbvio, o de ser Juiz de Israel. Em agradecimento, construiu um altar em Ramá. Tudo muito bom, tudo muito bem, e assim permaneceu por muitos anos. Depois de velho, porém, ele voltou a enfrentar problemas. E não estou falando de impotência sexual.

O POVO PEDE UM REI

(I Samuel 8)

Samuel governou Israel durante muitos anos, sendo sempre muito respeitado. Também, com aquele mau humor todo, ninguém tinha coragem de desrespeitá-lo. Foi ficando velho e cada vez mais rabugento, até o dia em que percebeu que estava na hora de treinar alguém para assumir seu lugar quando morresse. Escolha natural: seus dois filhos, Joel e Abias. Botou os dois para serem juízes em Berseba. O resultado foi desastroso: os filhos de Samuel tinham um conceito um tanto brasileiro do termo "juiz", então aceitavam subornos e não davam a mínima pelota para a justiça. O povo de Israel, porém, não era o povo brasileiro, e começou a reclamar. A situação foi se complicando, e os líderes israelitas decidiram ir falar com Samuel em Ramá, e expor a ele uma idéia que já estava na cabeça de todos havia muito tempo. Samuel, mais ranzinza que o Ariano Suassuna, não os recebeu muito bem. Eles acharam melhor não ir direto ao assunto:

— Seu Samuel, é por nada não, mas o senhor já está ficando velho...

— Ficando velho o cacete. Eu estou velho FAZ TEMPO. Oras. Não comecem com frescura.

— Pois então... O senhor está velho e seus filhos não seguem seu exemplo.

— Não seguem meu exemplo??? Se fosse só isso estava muito bom! Aqueles estrupícios que Deus me deu como filhos são uns meliantes, uns larápios, uns gatunos. Não seguem meu exemplo, essa é boa... Chega de eufemismos, os senhores façam logo o favor de me dizerem que diabos vieram fazer aqui. Tenho mais o que fazer além de

ficar ouvindo meia dúzia de velhos babões. Isso aqui tá parecendo um baile da terceira idade ao qual as velhas reumáticas faltaram.

— Er... Então. Nós... Quer dizer, o povo de Israel... Os... Os israelitas, sabe? Eles... Eles querem um rei. Como nos países vizinhos, sabe?

— Um... UM REI??? Oras, vão todos às putas que os pariram! Sou um homem ocupado, não posso dar ouvidos a tal sorte de bazófias!

Escorraçados, os líderes se picaram dali. Samuel foi falar com Javé:

— Viu só o que aconteceu, Javé? A canalha agora resolveu que quer um rei.

— Ah, é? Pois quer saber de uma coisa, Samuel? Dê-lhes um rei.

— COMO É QUE É?

— É isso mesmo. Eles querem um rei, não querem? Pois atenda o pedido deles.

— Mas Javé, assim eles estão me rejeitando!

— Não, Samuel. É a mim que eles rejeitam, como têm feito desde que eu tirei esse povinho bunda lá do Egito. Às vezes se arrependem e vêm chorando e fazendo sacrifícios para me agradarem, mas na maior parte do tempo o negócio deles é mesmo seguir os costumes das nações vizinhas. Adorando seus deuses, rejeitaram a mim. Agora, pedindo para serem governados por um rei, como nos outros países, rejeitam a mim e a você. Tem jeito não, Samuel. Atenda o pedido, dê-lhes um rei.

— Mas assim, de mão beijada?

— Não, não. Você vai explicar pra eles detalhadamente como é que o rei vai tratá-los. Se ainda assim eles não desistirem da idéia, paciência.

Samuel passou a noite toda preparando seu discurso, pois queria convencer os israelitas a desistirem de suas idéias monarquistas. No dia seguinte, convocou os líderes e disse a eles:

— Vocês tiveram a cara-de-pau de virem aqui para me pedirem um rei. Tudo bem: falei com Javé e ele concordou com a idéia.

— Que beleza, que beleza!

— Calma, ainda não terminei. Quero dizer a vocês como o rei os tratará. Ele tomará seus filhos para serem soldados de infantaria e cavalaria, como generais e capitães. Cultivarão as terras dele, farão suas colheitas, forjarão suas armas e fabricarão os seus equipamentos de guerra. As filhas de vocês farão os perfumes de Sua Majestade, serão suas cozinheiras e padeiras. E não é só isso! Ele tomará de vocês as melhores terras e plantações, entregando tudo a seus funcionários de confiança. Cobrará impostos de vocês, para manter o luxo de sua corte, tomará de vocês os

servos, o melhor gado e os melhores jumentos, para que trabalhem para ele. Vocês serão escravos do rei que pediram, e quando isso acontecer chorarão amargamente, mas Javé não ouvirá as suas queixas.

— Sei, sei... Que mais?

— Er... Era isso mesmo, acho.

— Só isso?

— ACHAM POUCO??? AINDA ASSIM VOCÊS QUEREM TER UM REI?

— Hum... É, queremos sim.

— COMO É QUE É?

— Tudo bem, ué. Queremos que Israel seja uma nação moderna. Esse negócio de ser governado por juízes é muito antiquado, Seu Samuel, com todo o respeito. É preciso que Israel avance, mas para isso precisamos de um rei, de uma dinastia que nos guie na direção do futuro.

— ESSE É O MAIOR MONTE DE BOSTA FUMEGANTE QUE JÁ OUVI NA MINHA VIDA!

Samuel saiu pisando duro, e os líderes foram embora. Pelo jeito teriam que esperar pela morte daquele anacrônico juiz, para aí sim começarem a tecer seus planos para a instauração da monarquia. Eles não sabiam que Javé, de certa forma, estava ao lado deles:

— Faça o que eles querem — disse ele a Samuel. — Dê um rei a eles.

— Mas, Javé...

— Ah, Samuel, não torra!

Pelo jeito, Javé começava a simpatizar com a idéia de ter um rei em Israel. A Samuel, portanto, nada mais restava do que obedecer. Como, porém, seria escolhido o primeiro rei? Logo veremos.

SAUL ENCONTRA-SE COM SAMUEL

(I Samuel 9)

Como, meu Deus, COMO seria escolhido o primeiro rei de Israel? Sei que vocês não agüentam mais de tanta expectativa, que não têm nem dormido direito, nessa agonia de não saberem como foi que começou a se desenhar a monarquia israelita. Pois acalmem-se, vou contar agora.

— *Hein? Do que cê tá falando, xarope?*

Bah! Fica quieto aí, deixa eu contar.

Havia um homem chamado Quis. Sim, Quis. Não, não farei piadinhas com o nome do cara. Quis era filho de Abiel, neto de Zeror, bisneto de Becorate e trineto de Afias. Quem eram esses caras? Sabe Deus... Bom, não importa. O negócio é que o tal Quis era um homem rico e importante (para os padrões da tribo de Benjamim, é claro), e tinha um filho chamado Saul. Saul era muito bonito, considerado por muitos o mais belo dos israelitas. Meio maluco, é verdade, mas um pedaço de homem. Era alto, forte, charmoso, gostoso, uma coisa, UMA COI... Aham... Vamos à história.

Saul parecia destinado a uma vida de playboy e nada mais. Mas o destino de um homem pode tomar o rumo mais absurdo graças a um fato banal. Foi o que aconteceu com ele: um dia Quis chamou o filho. Tinha uma missão pra ele:

— Saul, as jumentas fugiram.

— Pai, eu já pedi pra você não falar assim da mãe e da vovó...

— Não, não essas! As jumentas, jumentas mesmo. Sumiram.

— SUMIRAM? COMO ASSIM? AS JUMENTAS SUMIRAM???

— Ei, calma, não é pra tanto! Eu hein... Pois é, sumiram, escafederam-se. E eu queria te pedir um favor: pegue aí um dos empregados e vá procurar as bichinhas.

— PAI! VÊ LÁ SE EU SOU DE CORRER ATRÁS DE BICH...

— AS JUMENTAS, Saul...

— Ah. Sim, claro. Já estou indo, pai.

— Doido...

— Doido? DOIDO??? QUEM É DOIDO???

— Calma, filho, calma... Só brincadeira do papai. Tá ouvindo? Brincadeira do papai... Brincadeira do papai... Fala.

— Brincadeira do papai... Ahã...

— Iiiiiiiiisso... Agora vai lá, vai.

— Tô indo.

Saul escolheu o empregado de seu pai com quem se dava melhor, e os dois saíram para procurar as jumentas. Chegaram até as montanhas de Efraim, passaram por Salisa e pela terra de Saalim, reentraram em território benjamita, e nada das jumentas. Quando entraram na terra de Zufe, Saul finalmente percebeu que a busca era inútil, e disse ao empregado:

— Bom, chega. Vamos voltar, senão o velho deixa de se preocupar com as jumentas e começa a se apoquentar por nossa causa.

— Que é isso, Seu Saul? Vai desistir de procurar as bichinhas?

— QUEM É QUE TÁ PROCURANDO BICHINHAS, SEU FILHO DE UMA QUENGA?

— As jumentas, Seu Saul...

— Ah. Elas. Então, mas o que podemos fazer? Já estamos andando há três dias, isso lá é vida?

— Mas eu acho que a gente podia usar outros métodos pra caçar as bich... digo, as jumentas.

— Ah, é? Quais? Imitação de jumento? Bom, eu posso fazer, você sabe. Tenho um...

— Não sei e não me interessa. Não, não, tava pensando num método mais sutil.

— Qual?

— Samuel.

— QUEM???

— Vai me dizer que você não conhece o Samuel.

— Conheço não. Quem é?

— VOCÊ É ISRAELITA MESMO?

— Claro que sou, oras! Que pergunta cretina...

— Porra, é impossível alguém em Israel não conhecer esse homem!

— Pois eu não conheço. Não leio jornais. Quem é essa celebridade?

— Eu não acredito... Samuel é o maior herói israelita das últimas décadas! Além do mais, ele tem poderes paranormais. Dizem que adivinha as coisas.

— Tá. E daí?

— E daí que ele mora numa cidade logo ali. Então a gente podia ir até lá e ver se ele nos ajuda a encontrar as jumentas.

— Ué! Mas ele não é importante, poderoso, herói e coisa e tal? Duvido que vá querer ajudar a gente nisso...

— Er... É que ele anda numa fase ruim. Está bem velho, decadente, essas coisas. Mas tem lá seus poderes. Oras, você quer encontrar as jumentas ou não?

— Quero, quero. Mas quanto é que esse santo homem cobra pra fazer suas mágicas? Nem comida nós temos mais. Tem alguma coisa aí pra gente levar pra ele?

— Deixa eu ver... Hum. Tenho um pouco de prata aqui ainda.

— É, acho que tá bom. Vamos lá.

Os dois começaram a subir o morro no alto do qual ficava a cidade. No meio da subida, encontraram umas moças que desciam para pegar água, e Saul foi falar com elas.

— Oi, meninas.

Agora imaginem: um bando de garotas adolescentes encontra em sua frente, como que surgido do nada, o Rodrigo Santoro de Israel, o Brad Pitt de Benjamim. Derretaram-se todas, é claro.

— Ooooooooooi...

— Er... Então... Eu e meu amigo aqui estamos procurando o tal do adivinho que dizem morar na cidade.

— Aham...

— É... E aí a gente queria saber se ele está.

— Ahã...

— E como eu faço pra falar com ele?

— Ahã...

— Moça? Eu fiz uma pergunta.

— Hã? Ah! Sim, sim. Ele está sim. Aliás, é aquele andando ali na frente.

— Aquele cabeludo?

— Ahã...

— Ai meu saco... Tá, tá, obrigado. Vou lá falar com ele.

— Mas é melhor você se apressar.

— Por quê?

— Está na hora do sacrifício. Ele sobe até o morro, abençoa o sacrifício, e só então o povo começa a comer. A bênção é meio demorada, melhor falar com ele antes.

— Muito bem, então vou até lá. Muito obrigado, moças.

— Não tem de quêeee...

— Ai ai...

Saul e seu empregado subiram o monte, interpelando Samuel no portão da cidade:

— O senhor que é o tal vidente?

— Quem quer saber?

— Saul, filho de...

— Eu sei quem você é.

— Sabe? Como?

— Oras, como! Sou vidente, lembra? Cabra burro. Ô, tem certeza que é esse mesmo?

— Como é que é?

— Não estou falando com você.

— ...

Podia parecer que Samuel estava maluco, mas não era nada disso: um dia antes, Javé contara a ele que um homem de Benjamim viria até ali. Samuel deveria ungir esse homem como rei de Israel, e ele libertaria o povo do jugo filisteu. Notando, porém, que o tal Saul era meio despombalizado do juízo, dirigiu sua pergunta a Javé. Deus cochichou a resposta: era ele mesmo. Aquele maluco viria a ser rei. Resignado, Samuel começou a desempenhar seu papel:

— Bom, rapaz, o sacrifício está para começar, e o povo está com fome. Você e seu empregado vêm comigo até o lugar de adoração. Jantarão comigo.

— Fico muito agradecido, Seu Samuel. Mas é que eu queria saber...

— Depois, depois! Amanhã cedo eu responderei qualquer pergunta que você quiser, hoje não.

— Mas é que...

— Não se preocupe com as jumentas. Já foram encontradas enquanto vocês dois andavam por aí feito uns paspalhos.

— COMO É QUE O SENHOR SABE DAS JUMENTAS?

— Eu já não falei que sou vidente, cáspita? O que mais você quer que eu diga para acreditar? Quer que eu fale o que você faz com as pobrezinhas quando ninguém está olhando?

— NÃO! NÃO!

— Hehehehe...

— Qual é a graça?

— É que essa última foi chute... Bom, vamos comer. Saul, Saul... O povo de Israel quer você, Saul.

— Por favor, Seu Samuel! Eu sou da tribo de Benjamim, a menor de todas, e minha família nem tem importância. Como o senhor me diz que Israel me quer?

— Depois, depois! Vamos comer, já disse.

Então Samuel levou os dois ao salão de festas, deixando que se sentassem à cabeceira da mesa em que já estavam cerca de trinta convidados.

— Cozinheiro!

— Pois não, Seu Samuel?

— Traga aquele pedaço de carne que eu pedi pra você reservar para o convidado de honra.

— Sim senhor.

O cozinheiro trouxe a carne nobre, e Samuel a ofereceu a Saul. Depois do jantar, os três foram à cidade. O velho vidente e o belo benjamita ficaram conversando no terraço até bem tarde. Na manhã seguinte, Samuel foi acordar Saul:

— Está na hora de você voltar pra casa.

— Puxa. Não me oferece nem um café-da-manhã?

— Já comeu demais às minhas custas, rapaz. Vamos, levante-se!

Saul levantou-se, e Samuel acompanhou-o junto com seu empregado até a rua. Ainda sussurrou a pergunta para Deus:

— Mas você tem certeza mesmo?

O silêncio demonstrava que Javé não voltaria atrás. Samuel suspirou. Tinha que terminar o que começara. Paciência. Então disse ao benjamita:

— Saul, peça ao seu empregado que vá na frente. Tenho um recado de Deus para você.

SAMUEL UNGE SAUL

(*I Samuel 10:1-16*)

— Pois não, Seu Samuel, qual o rec... ARGH! QUE PORRA É ESSA?

— É azeite Saul.

— E POR QUE O SENHOR ESTÁ DERRAMANDO AZEITE NA MINHA CABEÇA?

— Estou te ungindo, estúpido. Vem cá.

— NÃO! BEIJO NÃO! SEM LÍNGUA!

— Pronto.

— HEIN?

— Você acaba de ser ungido rei de Israel. Era esse o recado de Deus pra você.

— Deus mandou você derramar uma lata de azeite no meu coco e me dar um beijo? CONTA OUTRA!

— Ó, pedaço de asno! É assim que os sacerdotes são consagrados, sabia não?

— Er... Não.

— Pois são! Javé bem que queria criar um ritual diferente para a consagração do monarca, mas anda sem criatividade. Gastou tudo no Levítico, sabe como é. Bom, não importa: você acaba de ser consagrado como rei, e livrará o povo de seus inimigos.

— Qual é, Samuel? Bêbado a essa hora da manhã?

— Ah, você não acredita, né? Pois então, alguns sinais de que estou falando a verdade: quando você voltar a Benjamim, encontrará dois homens perto do túmulo de Raquel, em Zelza. Esses dois homens vão a contar você que as jumentas do seu pai já foram encontradas, e que o velho anda preocupado com você.

— Ué, que meu pai está preocupado comigo eu já sei. E é bem provável que as jumentas já tenham mesmo aparecido. Com todo respeito, esse seu sinal aí não convence.

— POSSO CONTINUAR? Humpf. Depois disso, você irá até a árvore sagrada que fica em Tabor e...

— Mas e meu pai? Ele tá preocupado comigo!

— AZAR O DELE! Você vai pra Tabor, como estou mandando. Lá encontrará três homens. Eles estarão a caminho de Betel, aonde irão para oferecer sacrifícios a Javé. Um deles estará carregando três cabritos; o outro, três pães; e o terceiro, um odre de vinho. Eles vão lhe cumprimentar, e o segundo lhe oferecerá dois pães, os quais você aceitará. Aí...

— Peraí, peraí. Deixa eu anotar aqui... Cabritos... Pãos...

— PÃES!

— É, pães... Vinho... Tá. Pode continuar.

— Humpf. Depois disso, você irá até Gibeá.

— Putz, vou ter que andar pra cacete, hein? Não bastava você me mostrar um papel me nomeando rei, com a assinatura de Javé?

— MISTERIOSOS SÃO OS CAMINHOS DE DEUS, RAPAZ!

— ...

— QUE INFERNO! Então. Em Gibeá, você irá até o monte de Deus, onde há um acampamento filisteu.

— EI! Vou brigar com os caras sozinho???

— Eu MENCIONEI isso?

— Não...

— Então faça-me o favor de calar essa sua boca e me deixar falar. Na entrada da cidade de Gibeá, você vai encontrar um grupo de profetas descendo o morro, vindos do altar. Eles estarão cheios do Espírito de Deus. Sabe o que issoi significa?

— Não...

— Que estarão agindo feito uns malucos, oras: tocando harpas, tambores, flautas e liras, dançando, cantando, profetizando, que é o que os profetas fazem.

— Que mico!

— Pois é. Mas acontece que o Espírito de Deus vai se apoderar de você, que vai começar a profetizar com eles.

— Ah, não!

— Ah, sim!

— Mas e aí, o que eu faço?

— Não se preocupe, Deus guiará você.

— É isso que me preocupa...

— A mim também, mas paciência. Vai indo, você tem muito o que fazer. Encontrarei você em Gilgal, e lá ofereceremos sacrifícios.

— Hoje mesmo?

— Não. Você vai ficar lá sete dias me esperando.

— SETE dias? Por quê???

— Porque eu quero. E você, quer ser rei ou não?

— Sei lá. Hum. Acho que sim.

— ENTÃO TRATE DE ME OBEDECER, ORAS!

Saul despediu-se de Samuel, e naquele mesmo momento começou a sentir algo estranho na boca do estômago: era o Espírito de Deus chegando. Seguiu as instruções do velho vidente, e tudo aconteceu conforme ele previra. E quando chegou a Gibeá e encontrou os profetas descendo o morro, o Espírito de Deus acabou de tomar conta

dele. Saul juntou-se a eles, pegou um pandeiro e começou a fazer presepadas como um legítimo profeta. Vendo aquilo, as pessoas de Gibeá ficaram espantadas:

— Eita. Que aconteceu com o filho do Quis? Endoidou?

— Ou isso ou virou profeta.

— Ué. Será que Saul também virou profeta?

— E os outros? Será que os pais deles também são profetas?

— Hein?

— Xapralá.

A Bíblia diz que a frase "Será que Saul também virou profeta" tornou-se então um ditado em Israel. Não me perguntem o sentido de tal ditado: para mim faz tanto sentido quanto aquele "No cu, pardal!", que eu nunca entendi.

Bom, Saul voltou de seu transe, largou o pandeiro, jogou longe a guirlanda de flores que trazia na cabeça, e subiu ao morro para preparar-se para o encontro com Samuel. Lá no alto encontrou seu tio, que perguntou:

— Ô, Saul! Por onde você andou, rapaz? Seu pai estava preocupado.

— Ah. Então. Eu e meu empregado saímos para procurar as jumentas. Não conseguimos encontrar, então fomos falar com um tal de Samuel.

— Samuel? AQUELE Samuel?

— Ah, o senhor conhece?

— PORRA! Quem é que não conhece o Samuel?

— Er...

— Mas e aí, o que ele disse?

— Que já tinham encontrado as jumentas.

— Só isso?

— É. Só.

Samuel dissera muito mais, como vimos, mas Saul resolveu não contar nada. Ainda não estava tão doido a esse ponto.

SAUL É ACLAMADO REI

(*I Samuel 10:17-27*)

Saul já estava ungido rei, e a decisão era irreversível. Para apresentá-lo ao povo, porém, foi armada uma cena patética: Samuel convocou todo o povo a Mispa para uma reunião religiosa. Quando estavam todos lá, fez seu anúncio:

— Israelitas! Eu tenho aqui uma mensagem de Javé para vocês. Diz ele: "Cambada de mequetrefes, eu tirei vocês do Egito, livrei vocês de todos os povos que os maltrataram, e como é que vocês me agradecem? Rejeitam minha autoridade pedindo um rei! Eu estou de saco cheio. Vocês venceram. Organizem-se aí, em tribos e em grupos de famílias. Vamos escolher o rei".

O povo dividiu-se conforme as ordens divinas, enquanto Samuel pegava o Urim e o Tumim para o sorteio. Com o povo ordenado, ele jogou as pedrinhas e a tribo de Benjamim foi sorteada. Lançou-as de novo, e deu a família de Matri. A família adiantou-se, ansiosa. Não era para menos: dali sairia o primeiro monarca de Israel. Samuel jogou as pedrinhas, fez um certo suspense e enfim anunciou:

— O rei de Israel será... Saul, filho de Quis!

Aplausos. Vivas. Gritos. Assovios. Aplausos. Aplausos mais fracos. Silêncio.

— Eu disse SAUL, FILHO DE QUIS!

Um murmúrio na multidão. Constrangido diante do povo, Samuel foi para um canto falar com Deus:

— Javé, eu falei que isso não ia dar certo. Cadê o cara?

— Calma, Samuel. Ele está escondido no meio da bagagem.

— HÃ???

— Pode conferir.

— Mas que beleza...

Samuel voltou e pediu à família que vasculhasse sua bagagem. Foram até lá e voltaram com Saul. Alto como era, aparecia acima da multidão, que o olhava em silêncio. Samuel soltou um suspiro de alívio; estava completa sua missão:

— Estão vendo o homem que Javé escolheu? Não há outro como ele em Israel!

A declaração de Samuel não dizia grande coisa: tanto podia ser um elogio quanto uma crítica a Saul. Mas o povo, ansioso por seu rei, bradou "Viva o rei!" em uníssono. Samuel explicou aos israelitas os direitos e deveres do rei, depois escreveu-os num livro que foi colocado no Tabernáculo. E encerrou a cerimônia bem ao seu estilo:

— Acabou a palhaçada. Vão pra casa.

O povo foi saindo. Saul também foi para sua casa, em Gibeá, e com ele foram alguns homens, seus primeiros bajuladores. Outros, no entanto, murmuravam entre si:

— Mas que reizinho mais sem-vergonha, hein? Escondido no meio da bagagem!

Saul ouviu esses comentários, mas fingiu que não. Tinha um reino para ocupar a cabeça agora.

SAUL DERROTA OS AMONITAS

(I Samuel 11)

Passara-se cerca de um mês da presepada criada por Samuel para legitimar a escolha de Saul para o trono, quando Naás, rei dos amonitas, cercou a cidade de Jabes, em Gileade. Temerosos diante do exército amonita, os homens de Jabes resolveram oferecer um acordo a Naás:

— Olha, seu Naás, vamos conversar: o senhor não nos ataca, e nós o aceitamos como chefe. Que tal?

— Muito bom, muito bom! Negócio fechado.

— Ah, sabíamos que o senhor aceitaria.

— Claro, como não?

— Só tenho uma condição: furarei o olho direito de todos os homens da cidade.

— Ué, mas pra que isso???

— Por prazer, oras! Quero humilhar Israel.

E então os homens da cidade fizeram uma proposta meio amalucada a Naás:

— O senhor pode dar sete dias pra gente?

— Tão doidos? Vou ficar todo assado!

— Não, não, nada disso! Estamos falando num prazo de sete dias.

— Ah. Mas para quê?

— Vamos enviar mensageiros por toda a terra de Israel. Se ninguém vier nos ajudar, então nos entregaremos.

— Hein? Cês tão me achando com cara de trouxa, é?

— Longe de nós, seu Naás, longe de nós!

— Ah, bom. Então tá. Vocês têm sete dias.

Felizes com a burrice de Naás, mas sem garantia de virem mesmo a receber reforços, os habitantes de Jabes trataram logo de enviar seus mensageiros. Eles saíram de Jabes direto para Gibeá, onde o Saul morava. O novo rei podia ter o título, mas ainda carecia de majestade: no momento em que os mensageiros chegaram, Saul estava voltando do campo com o gado que pastoreava. Ao ver o povo da cidade em pânico, procurou informar-se:

— Que porra tá acontecendo nesta cidade?

— Parece que os amonitas estão ameaçando Jabes, Saul.

— E eu com isso?

— ...

— Que foi???

— VOCÊ É O REI!

— Putz, é mesmo. Hum, deixa eu pensar...

Não teve tempo de pensar, porém, porque imediatamente o Espírito de Deus se apossou dele, com a conseqüência habitual: Saul ficou doido de repente, cortou dois bois em pedaços que foram mandados por todo o Israel, acompanhados da mensagem:

> Israelitas!
>
> Eis o que acontecerá a quem não se juntar a mim e a Samuel para lutarmos contra os amonitas.
>
> Palavra de seu rei,
>
> Saul

Convencidos pela visão dos nacos de carne ensangüentada, os israelitas dispuseram-se a acompanhar Saul na batalha. O rei reuniu-os todos em Bezeque, 330 mil homens. Com esse impressionante exército nas mãos, Saul mandou dizer aos habitantes da cidade sitiada que eles receberiam ajuda no dia posterior, antes do meio-dia. Alegres com a notícia, os homens de Jabes resolveram aproveitar-se um pouco mais da estupidez de Naás:

— É... Ninguém veio nos ajudar. Pode deixar, seu Naás, nos entregaremos amanhã.

— Ué, mas por que não hoje?

— Tá tarde.

— Ah, é.

Naás voltou para tranqüilizar seus homens, levando o recado dos líderes de Jabes. Os soldados amonitas dormiram sossegados, e foi essa a grande vantagem de Saul: de madrugada, com seu exército dividido em três grupos, entrou no acampamento amonita, pegando o inimigo de surpresa. Lá pelo meio dia o massacre já estava quase completo, com apenas alguns amonitas espalhados pela região, em fuga desorganizada.

Aqueles que já puxavam o saco de Saul só pela sua aparência (de Saul, não do saco) quase foram ao delírio com a impressionante vitória militar. Embriagados de êxito, começaram a pedir a cabeça daqueles que não haviam seguido ao novo rei desde o primeiro dia. O rei, no entanto, foi apaziguador:

— Não, de forma alguma! Hoje é dia de festa, não vamos matar ninguém.

E Samuel, vendo na vitória inesperada uma oportunidade para consolidar o novo regime, não perdeu tempo:

— Vamos a Gilgal, para confirmar Saul como nosso rei.

Foram todos para Gilgal, e lá Saul foi definitivamente aclamado como soberano de Israel. O homem que começara seu reinado da pior forma possível — escondido no meio da bagagem da família — começava a mostrar seu valor. E um pouco de sua insanidade, também

A MENSAGEM DE DESPEDIDA DE SAMUEL

(I Samuel 12)

Com Saul ungido, confirmado e reconfirmado como rei, era hora de Samuel sair de cena. E ele o fez num discurso, aproveitando a festa de coroação improvisada:

— Israelitas! Está aí o rei que vocês me pediram, não me encham mais o saco! Eu já sou um velho de cabelos brancos, preciso de paz. Vocês têm meus filhos aí, caso precisem de alguma coisa. Mas duvido que precisem, não é? Agora vocês têm um rei! Ó, um rei, que coisa grandiosa! Humpf. Eu fui líder de vocês desde que era jovem até hoje. E se nesse tempo todo eu fiz alguma coisa — qualquer coisa! — errada, sejam machos e me acusem agora. Eu tomei alguma coisa de alguém? Aceitei suborno? Enganei ou persegui alguém? Hein? RESPONDAM!

— Que é isso, seu Samuel! De jeito nenhum!

— Olhem lá! Javé e o tal rei que ele escolheu são testemunhas de que vocês não me acusam. Têm certeza?

— Claro! Javé é testemunha!

— Sim, ele que escolheu Moisés e Arão para tirarem os israelitas do Egito, é testemunha de que vocês não me acusam. Que beleza! Que maravilha! Mas fiquem aí, que agora EU vou acusar VOCÊS.

— Epa...

— Pois é! A história de Israel tem sido só isso: eram escravos no Egito, aí Deus enviou Moisés e Arão para libertarem vocês. Ganharam essa terra aqui, uma terra boa, com vista para o Mediterrâneo. E como agradeceram? Adorando a outros deuses! Zombando de Javé! Aí ele ficou muito puto, como era de se esperar, e mandou Sísera, os filisteus e o rei de Moabe para lutarem contra Israel. Eles venceram, e então os israelitas se lembraram de Deus, implorando a ele piedade. E ele enviou Gideão, Baraque, Jefté e eu. Nós, os juízes, libertamos vocês em todas essas ocasiões. Toda vez vocês acabavam voltando aos deuses estrangeiros, eram castigados, imploravam a ajuda de Javé. E toda vez ele enviava um juiz que os libertava. Dessa vez, porém, quando viram que Naás, rei de Amon, ia atacá-los, vocês rejeitaram ao seu Deus e pediram um rei.

— Peraí, não foi bem assim...

— CALABOCA! Agora está aqui o rei. Vocês pediram e Javé lhes deu isso aí. Ele não queria, mas vocês o rejeitaram. Deram as costas ao Deus que os livrou de seus inimigos por todos esses anos. É, ingratidão é uma coisa muito feia... Mas tudo bem, tudo bem! Se vocês continuarem servindo e adorando a Javé, não têm o que temer. Pelo contrário, é claro, ele ficará contra vocês e contra esse rei aí. Então não se preocupem: é só vocês se manterem fiéis a Javé. Fácil, não? Então! Ele está muito chateado com vocês, ele me falou isso. Querem ver só? Estamos em tempo de seca, não é mesmo? Pois bem: eu vou falar com Javé e ele vai mandar chuva e trovoada na mesma hora. Se vocês fossem bons, isso poderia acontecer com mais freqüência, e jamais voltariam a se preocupar com a colheita. Mas não, vocês preferem um rei! Paciência!

O povo ficou meio cabreiro com isso, sem acreditar muito. Mas Samuel fez lá sua oração, e no mesmo dia Javé mandou trovões e chuva. Então os israelitas ficaram com medo e começaram a falar com Samuel:

— Por favor, seu Samuel, peça a Javé que nos perdoe, que não nos mate! Além dos pecados todos, ainda tivemos a cara-de-pau de pedir um rei!

— Ah, agora vocês percebem a merda que fizeram? Tarde demais! Mas não se apoquentem, já disse: basta que vocês sirvam a Javé, e não a outros deuses. Quanto a mim, continuarei orando por vocês, e aconselhando e ensinando a quem quiser. Sirvam a Deus, ou então ele destruirá vocês e o seu rei.

A mensagem de despedida, no final, deixava uma brecha: Samuel não ia se aposentar totalmente, pretendia continuar desempenhando seu papel de líder espiritual, mas sem toda a responsabilidade de antes. Ele não tinha como saber que seus serviços ainda seriam necessários.

GUERRA CONTRA OS FILISTEUS

(I Samuel 13)

Outra guerra contra os filisteus? Pois é, outra. Na última guerra, o autor de I Samuel deu a entender que os filisteus teriam sofrido uma derrota vexaminosa. Neste capítulo vemos que provavelmente a grande derrota narrada ali foi só um pequeno percalço. Só assim se explica a situação em que Israel se encontra neste capítulo: estado vassalo da Filistia, não podia sequer contar com ferreiros em seu território. Para evitar que os israelitas tivessem espadas e lanças, os filisteus os proibiram de trabalhar o ferro. Quando algum israelita precisava amolar suas ferramentas, tinha que levá-las até os filisteus, que cobravam pelo serviço. Uma situação humilhante, que fazia de Israel quase uma colônia filistéia.

Resumindo: A Filistia fazia aos israelitas mais ou menos o que Israel hoje faz aos palestinos.

— *Anti-semita! Anti-semita!*

Ué, os palestinos também são semitas. Não me torrem. E voltemos à história.

Saul já estava em seu segundo ano de reinado, e percebia que não passava de figura decorativa. Disposto a reverter a situação, escolheu três mil homens para serem seu grupo guerrilheiro. Dois mil ficaram sob seu comando em Micmás e nas montanhas de Betel, enquanto os outros mil ficaram sob as ordens de seu filho Jônatas, em Gibeá. O primeiro ato terrorista não tardou a acontecer: Jônatas matou o comandante filisteu em Geba (não confundir com *jeba*, por favor), o que emputeceu os filisteus, claro.

Orgulhoso do heroísmo de seu filho, Saul foi até Gilgal e de lá enviou mensageiros por todo o país, convocando os homens para a guerra contra os filisteus. Em pouco tempo, uma multidão vinda de todo o Israel veio juntar-se aos guerrilheiros. Milhares e milhares de israelitas imbuídos do mais puro orgulho cívico.

Sabendo da movimentação em Israel, os filisteus apressaram-se em organizarem seus exércitos, e acamparam em Micmás, do outro lado da fronteira. Tinham trinta mil carros de guerra, seis mil cavaleiros e incontáveis soldados. Vendo-se cercados por tal exército imponente, os patriotas israelitas deram uma grande demonstração de coragem: uns esconderam-se nas cavernas da região, outros em buracos, no meio das

rochas, em poços. Alguns, mais medrosos ainda, atravessaram o Jordão e foram se esconder em Gade e Gileade. Um vexame sem tamanho.

Saul via a autoridade lhe escorrendo entre os dedos conforme a debandada aumentava. Havia recebido instruções de Samuel: deveria esperar o velho profeta para que ele oferecesse sacrifícios, e então iria combater os filisteus. Passaram-se sete dias e nada de Samuel, então Saul entrou em desespero. Olhou em volta e viu seu exército consideravelmente diminuído. Pensou um pouco e deu a ordem:

— Tragam os animais para o sacrifício.

Os homens entreolharam-se, em dúvida. Os sacrifícios só deveriam ser oferecidos pelos sacerdotes ou, na falta deles, por uma autoridade religiosa, como Samuel. (Havia um sumo-sacerdote, na verdade, como veremos no próximo capítulo. Mas era descendente do velho Eli, e portanto totalmente desacreditado).Era uma ordem do rei, porém, então eles acharam melhor obedecer. Trouxeram os animais, e Saul ofereceu os sacrifícios. E é claro que Samuel logo apareceu. Saul foi cumprimentá-lo, mas o velho ignorou a mão estendida.

— Que merda você está fazendo, Saul.

— Er... Hum. Então. Os filisteus acamparam em Micmás, meus homens ficaram com medo e começaram a fugir. Você não chegava nunca. Eu pensei: "Os putos vão vir nos atacar, e eu ainda nem tive como pedir a ajuda de Javé". Então achei por bem oferecer eu mesmo os sacrifícios.

— Ah, claro! Oferecer os sacrifícios! Que bobagem!

— É, né?

— CLARO QUE NÃO! O QUE VOCÊ FEZ FOI UMA LOUCURA!

— ...

— Você foi leviano com as coisas sagradas. Se você obedecesse a Javé, sua descendência reinaria em Israel para sempre. Como não obedeceu, porém, Deus vai escolher outro homem para assentar-se no trono.

— Trono? Que trono? Nem palácio eu tenho! Pô, Samuel, alivia essa...

Mas o velho já havia se retirado, resmungando impropérios. Saul tinha outras preocupações, entretanto, e não podia ficar pensando no que Samuel dissera. Tratou logo de juntar seus homens e ir com eles até Gibeá, para encontrar Jônatas. Lá chegando, pai e filho contaram seus soldados e desanimaram: tinham com eles seiscentos homens ao todo, um quinto do que tinham antes. Não dava mais para voltar atrás, porém: os filisteus já se preparavam para o ataque, e uma simples desistência seria a esculhambação definitiva para Israel. Então Saul, Jônatas e seu exército foram

até Jeba, digo, GEBA, e ali acamparam. Enquanto isso, continuando sua estratégia de pressão psicológica, os filisteus dividiram-se em três grupos de patrulha: um ficou em Ofra, outro em Sual e o outro no monte acima do vale de Zeboim, frente ao deserto.

Era muito difícil a situação dos israelitas: eram seiscentos homens assustados cercados por milhares de filisteus. Devido às imposições de seus opressores, os hebreus não tinham espadas nem lanças (com exceção de Saul e Jônatas, cada um com sua espada). Do outro lado, os filisteus tinham um exército muito bem equipado e treinado. Para piorar tudo, parecia que nem com a ajuda de Javé os israelitas poderiam contar. Guerra perdida? Veremos.

A DERROTA DOS FILISTEUS

(I Samuel 14:1-23)

Os filisteus continuavam usando sua estratégia de pressão psicológica. A guerra de nervos fazia efeito sobre os israelitas, cada vez mais assustados. Acampados em Gibeá, esperavam pelo momento em que os filisteus desceriam para começar o massacre. Alguns até torciam por isso, ao menos acabaria com a ansiedade.

Jônatas, porém, não partilhava desse sentimento. Conhecia o passado glorioso de Israel, e não se conformava em ser vassalo da Filistia. Tinha ódio mortal dos filisteus, e estava disposto a arriscar a própria vida combatendo-os. Tanto que um dia, cansado de tanta inação, chamou seu escudeiro para conversar:

— Ei. Por que a gente não vai até ali do outro lado do desfiladeiro?

— Porque os filisteus estão acampados lá, Seu Jônatas.

— ...

— Não!

— Sim! O que nós temos a perder?

— Hum... A VIDA?

— E daí? Sua vida é tão boa assim?

— Não tenho muito do que reclamar não.

— Oras, deixe de ser bunda mole!

— Deixo. Mas precisa ser agora?

— Vamos, vamos logo!

— Mas... Mas o senhor não vai nem falar com seu pai?

— Pra quê? Meu pai está tão assustado quanto os outros. Machos mesmo neste acampamento, só eu e você.

— Er... Eu?

— Sim, você!

— Droga. Posso ao menos me despedir dos amigos?

— Pra quê? A gente volta logo.

— O senhor é muito otimista, Seu Jônatas.

— Ah, isso eu sou. E aí, vai comigo ou não?

— O senhor vai de qualquer jeito, né?

— Claro que vou. Estou doido pra chutar uns rabos filisteus. E, sei lá, pode ser que Javé nos ajude.

— E pode ser que não ajude.

— É verdade.

— Bah, foda-se! Vamos logo.

— Muito bem, rapaz, assim que eu gosto! Olha, vamos fazer assim: vamos até lá como quem não quer nada. Se eles nos mandarem parar, nós obedecemos. Mas se disserem pra gente subir até lá, este será o sinal de que Javé nos dará a vitória.

— Como é que o senhor sabe?

— Ué, ele deve estar ouvindo.

— Ai, ai...

— Vambora.

Os dois foram para o vale e ficaram andando por lá, certificando-se de que os inimigos podiam vê-los. Não demorou para que isso acontecesse, e os filisteus começaram a gritar:

— Olha lá! Dois narigudinhos perdidos!

— Que beleza, saíram da toca!

— Ei, hebreus! Subam aqui que eu tenho um negócio pra mostrar pra vocês!

Jônatas abriu um sorriso:

— É o sinal!

— Um filisteu balançando o pau pra gente é um sinal???

— Oras, estão nos chamando. É o sinal! Javé nos ouviu! Vem atrás de mim.

— Mas Seu Jôn... Ô, diabo!

Jônatas já havia começado a subir pelas pedras, engatinhando. Não tendo outro remédio, o escudeiro foi atrás. O príncipe israelita ia atacando e derrubando os filisteus enquanto subia, e o empregado os ia matando. Nesse primeiro ataque, mataram uns vinte homens em uma área de mais ou menos mil e duzentos metros quadrados.

A notícia do ataque terrorista começou a espalhar-se pelo acampamento filisteu. As informações eram desencontradas. Uma confusão danada, ninguém sabia direito o que estava acontecendo. Espiões que Saul enviara viram que os filisteus corriam de um lado para o outro, e foram avisar o chefe do que estava acontecendo. O rei ficou sem entender nada: seu exército estava ali acampado com ele, então quem estava atacando os filisteus? Deu ordem aos seus oficiais para que contassem os homens e descobrissem quem estava faltando. Eles voltaram com a notícia: Jônatas e seu escudeiro não estavam no acampamento. Saul inchou-se de orgulho:

— Ah, moleque! Esse meu filho é macho mesmo! Cadê o Aiás? Cadê o filho-da-puta daquele songomongo do Aiás?

— E-estou aqui, majestade!

— Vá puxar o saco da puta que o pariu! Que merda de sumo-sacerdote eu tenho, meu Deus! Vá buscar a Arca, vamos precisar dela.

— É pra já, meu soberano!

Enquanto Saul falava com o sacerdote (Aiás era sobrinho de Icabô, e um dos últimos descendentes do sacerdote Eli), foi informado de que a confusão no acampamento filisteu aumentava cada vez mais.

— Ah, é? Que maravilha! Aiás, esquece a Arca. Vamos atacar aqueles putos é agora!

— Mas Javé pode ficar nervoso se a gente não levar a Arca.

— Fica nada, fica nada! Para agradá-lo, faço agora um juramento: nenhum israelita comerá nada enquanto não tivermos derrotado nossos inimigos. Estamos de jejum a partir de agora, e maldito seja quem o quebrar.

Saul juntou seu pequeno exército e marchou contra o acampamento do inimigo. A confusão gerada pelos ataques de Jônatas e seu escudeiro era enorme. Os dois atacavam os filisteus um por um, pelas costas, e ninguém sabia quem estava matando os homens. Apavorados, os filisteus lutavam uns contra os outros. Alguns dos hebreus mais covardes, que ao fugir tinham passado para o lado do inimigo, trocaram de lado mais uma vez e juntaram-se ao exército de Saul. Os que estavam escondidos nas cavernas ficaram sabendo do que ocorria e saíram de seus buracos. Todos juntos

atacaram os filisteus, perseguindo-os até Bete-Avém. Mais uma vitória espetacular do exército israelita, dessa vez mais graças à temeridade de um homem do que à intervenção divina.

DEPOIS DA BATALHA

(*I Samuel 14:24-46*)

— E aí, rapaz? Há quanto tempo!

— Pois é. Estava viajando, cheguei ontem

— Ah, então você não está sabendo da confusão?

— Que confusão? A guerra?

— Também. Mas estou falando da história de Jônatas.

— Que história?

— Não se fala de outra coisa em todo o Israel! Foi assim: antes de atacarmos os filisteus, Saul impôs um jejum rigoroso a nós, os soldados. Ninguém deveria comer nada enquanto não tivéssemos derrotado os inimigos.

— Acho que ouvi algo a respeito.

— Pois então: estávamos perseguindo os filisteus, todo mundo com uma fome danada. Aconteceu que chegamos a um bosque e adivinha? As árvores estavam cheias de mel! Lembra da história da promessa de Javé a Abraão, que daria a ele uma terra de onde mana leite e mel? Pois naquele bosque o negócio era literal mesmo: favos expostos, o mel pingava das árvores.

— Deu água na boca.

— Imagine a gente! Uma fome desgraçada, todo aquele mel ali ao alcance da mão. Mas o rei havia feito um juramento, e era melhor obedecer. Ficamos ali só olhando para as árvores cheias de mel, e babando.

— Que situação triste...

— Muito triste! Mas foi aí que começou a confusão: o Jônatas, que devia estar matando filisteus no caminho, chegou atrasado ao bosque. Não teve dúvida: pegou uma vareta, enfiou num favo e comeu um pouco de mel.

— Ué, mas e a promessa do pai dele?

— Aí é que está: ele não estava no acampamento quando Saul fez o juramento. Estava matando filisteus, é o esporte preferido dele. Então olhou em volta, satisfeito.

Mas um dos soldados achou melhor avisá-lo: "Olha, seu Jônatas, seu pai falou que quem comesse hoje seria amaldiçoado".

— E ele?

— Nem deu bola! "Meu pai fez uma coisa terrível contra Israel", ele disse.

— É maluco, esse Jônatas. Gosto dele.

— É, todo mundo gosta. E não foi só isso: disse com todas as letras que os soldados deviam ter comido o alimento que tomou no inimigo, que assim ficaríamos mais fortes e mataríamos mais filisteus.

— Faz sentido.

— Faz todo o sentido! Tanto que logo depois nós continuamos perseguindo os filisteus e, quando chegamos ali em Aijalom, com eles já derrotados, avançamos sobre os animais que havíamos tirado deles, matamos tudo ali mesmo e começamos a comer. Com sangue e tudo.

— COM SANGUE?

— Pois é. Para você ter uma idéia da nossa fome.

— Puxa... Mas e aí, ficou por isso mesmo?

— Ficou nada! Algum alcagüete foi contar para o rei o que estava acontecendo. Rapaz, o homem ficou emputecido que só a peste!

— Imagino.

— Gritou, xingou, esperneou. Pelo menos foi o que me disseram.

— Claro! Vocês quebraram o juramento dele!

— Não, nem foi por isso: os filisteus já tinham sido derrotados, então podíamos comer à vontade. O problema foi esse negócio de comer carne com sangue.

— Ah, é verdade... Mas e aí?

— Aí o rei mandou rolar uma pedra grande para o meio do acampamento e mandou um mensageiro até onde estávamos. Convocava todo mundo para voltar ao acampamento e matar os animais sobre a pedra, deixando o sangue escorrer antes.

— Então não foi tão ruim assim, ué.

— A princípio não. Saul até construiu um altar, para dar uma bajulada em Javé e tal. Mas aí ele teve uma idéia: queria descer até a terra dos filisteus, matar todos eles e fazer um grande saque.

— Excelente idéia.

— Todo mundo achou. Só o sacerdote achou ruim e propôs que se fizesse uma consulta a Deus antes, para saber se ele aprovava o ataque. Saul não viu nada de mais, então perguntou se deveria atacar os filisteus e se seríamos vitoriosos.

— E a resposta?

— Não teve resposta. Era noite, e na manhã seguinte ainda não havia qualquer resposta. Saul entendeu que alguém tinha feito alguma bobagem, e que Javé estava de mal por isso. Então disse aos oficiais que precisavam descobrir que pecado havia sido cometido, e que jurava por Javé que mataria o responsável.

— Cá entre nós, acho que o rei faz juramentos demais...

— É, também acho. Fez esse juramento aí e pegou as pedrinhas de sorteio lá, como é mesmo o nome?

— Urim e Tumim.

— Isso aí. Pegou o Urim e o Tumim, ficou de um lado com Jônatas, deixando do outro lado todo o resto do povo. Então disse em voz alta: "Javé, se o problema é comigo ou com Jônatas, responda pela pedra marcada Urim, se for com o povo de Israel, responda pela pedra Tumim. Jogou as pedras e deu Urim. O negócio era entre ele e o filho. As pedrinhas foram jogadas de novo, e deu Jônatas. Então ele perguntou o que o filho havia feito, e Jônatas contou o caso do mel nas árvores.

— Xi...

— "Que eu seja morto se não o matar, Jônatas", ele disse.

— Outro juramento.

— É, muito chato isso.

— Mas e aí? Matou o próprio filho?

— Estava bem disposto a isso. Cê sabe que o Saul é maluco, né?

— Todo mundo sabe...

— Então. Mas os soldados ficaram revoltados: disseram que graças a Jônatas nós havíamos derrotado os filisteus, o que era verdade. E que juravam por Javé que ele não perderia nem um fio de cabelo.

— Pegaram o costume do rei... Mas e Saul, como ficou com essa revolta dos soldados?

— Ficou quietinho. Deve ter percebido a merda que estava fazendo.

— Menos mal. E Jônatas?

— Saiu vivo dessa, mas anda meio desconfiado do pai.

— Não é para menos. E os filisteus?

— Estão lá na terra deles, caladinhos e com medo.

— Que continuem assim.

— Tomara.

O REINADO E A FAMÍLIA DE SAUL

(I Samuel 14:47-52)

Bom, vamos encerrar logo o 14º capítulo, que já deu muito pano pra manga. Este final é só um resumo do que foi o reinado de Saul: diz-se que ele lutou contra todos os inimigos da vizinhança: Moabe, Amom, Edom , Zoba e, claro, Filistia. Fica claro que Saul foi um guerreiro competente, e que defendeu Israel de todos os ataques sofridos.

É dito também que o rei tinha três filhos (Jônatas, que já conhecemos, Isvi e Malquisua) e duas filhas (Merabe e Mical, que terá importância na história mais para a frente) com sua esposa Ainoã, filha de Aimaás. Em todo governo há nepotismo, e o reinado de Saul não foi exceção: o comandante do exército era seu primo Abner, de quem ainda ouviremos falar bastante. Os pais de Saul e Abner (Quis e Ner, respectivamente) eram filhos de um certo Abiel.

Durante toda sua vida Saul lutou ferozmente contra os filisteus, e conseguiu arregimentar um exérctio de homens fortes e valentes, que foram muito bem treinados. E esta deve ser a última referência positiva a Saul na Bíblia: daqui para a frente seu reinado começa a degringolar, como veremos.

A GUERRA CONTRA OS AMALEQUITAS E A REJEIÇÃO DE SAUL

(I Samuel 15)

Javé ficou só olhando enquanto Saul montava e treinava seu exército. Quando viu que já estava bom, mandou Samuel ir falar com o rei.

— Saul, tenho um recado de Javé para você.

— Opa. Pode dizer.

— Ele ordena que você ataque os amalequitas, e não deixe nada vivo por lá. Homens, mulheres, crianças, bois, jumentos, camelos, ovelhas: não tenha dó, mate tudo o que respirar.

— Mas... Samuel, com todo o devido respeito a Javé, os amalequitas não nos fizeram nada!

— NÃO FIZERAM NADA??? Eles atrapalharam a vida de Israel quando o povo saiu do Egito!

— Isso foi no tempo do onça!

— Não importa, Saul: Javé não esquece essas coisas. E a ordem dele foi clara: vá até lá e não deixe nada vivo.

— Bom. Se é uma ordem divina, como é que eu vou discutir, né?

— Ainda bem que você sabe.

Não tinha mesmo o que discutir, então Saul convocou seu exército e fez uma contagem de seu efetivo. Contra os filisteus ele conseguira reunir três mil homens, dos quais 2.400, mal equipados e indisciplinados, desertaram. Dessa vez ele tinha sob seu comando 210 mil homens, todos fiéis ao seu rei. Seria fácil.

O exército israelita marchou na direção de Amaleque, e se escondeu no leito de um rio. Saul mandou um recado aos queneus que moravam na cidade:

> Queneus,
>
> Saiam da cidade, porque hoje o bicho vai pegar. Como vocês são gente fina, e ajudaram os israelitas na época do Êxodo, resolvi avisá-los do ataque que faremos ainda hoje.
>
> Atenciosamente,
>
> Saul
>
> *Rei de Israel*

Tão logo os queneus saíram da cidade, Saul entrou nela com seu exército. Primeiro derrotou-os em Amaleque, a capital, e continuou sua campanha desde Havilá até Sur, que ficava a leste do Egito. Tomou o rei Agague como prisioneiro, e matou todo o povo. Vitoriosos, os israelitas voltaram para casa, exibindo como troféus o rei Agague e os melhores animais do gado amalequita.

Naquela mesma noite, enquanto Saul e todo o povo festejavam a vitória na rua, Javé foi falar com Samuel:

— Porra, Samuel. Preciso conversar com você.

— Pode dizer, Javé.

— Tô arrependido de ter escolhido Saul como rei. Me baseei só em aparências, e agora olha só o que aconteceu.

— O que aconteceu?

— ORAS, O QUE ACONTECEU! O CARA NUNCA ME OBEDECE!

— Ah.

— Ele não vai mais ser rei de Israel.

— Pô, Javé. Também não é pra tanto.

— Ué. Tá defendendo o cara agora?

— Ah, sei lá. Com o tempo eu fui simpatizando com ele.

— Pois isso não me interessa. Por mim vocês podem até se casar. Mas rei do meu povo é que ele não vai ser mais.

— Ah, Javé...

— Não torra, Samuel. Já decidi.

— Pensa bem, Javé...

— Hmmmmmm... Nah.

E assim passaram a noite toda, Samuel tentando demover Javé da idéia de destituir Saul, e Javé mantendo-se irredutível. Na manhã seguinte, sem ter dormido, Samuel saiu para procurar Saul. Ficou sabendo que ele tinha ido até a cidade de Carmelo para inaugurar um monumento em honra de si mesmo, e que depois fôra para Gilgal. Para lá foi Samuel, e encontrou o rei que, como sempre, veio cumprimentá-lo efusivamente:

— Samuel, bons olhos o vejam! Já está sabendo do que aconteceu?

— O quê?

— Oras, não se faça de bobo! Derrotamos os amalequitas, Samuel! Cumpri as ordens de Javé, e derrotamos os amalequitas!

— Você cumpriu mesmo as ordens de Javé?

— Ué. Claro que cumpri!

— Então por que é que eu estou ouvindo balido de ovelhas, mugido de vacas, zurrar de jumentos e... E... E aquele barulho que os camelos fazem?

— Er... Tá ouvindo, é? Não tô ouvindo nada. Que estranho, hein?

— NÃO DESCONVERSE!

— Tá bom, tá bom. O negócio é que os meus soldados tomaram dos amalequitas os melhores animais.

— MAS A ORDEM NÃO ERA DE MATAR TUDO?

— C-claro, claro! Mas é que... É que nós pegamos esse gado aí para oferecer como sacrifício a Javé. Olha que legal! Mas o resto nós destruímos tudo mesmo. Esses

aí também, só que não foi na mesma hora, percebe? Trouxemos para cá, e agora vamos oferecer tudo como sac...

— CALABOCA! Deixa eu te contar o que Javé me disse na noite passada.

— Hum. Fala.

— Ele disse que você não era nada, e ele o fez rei de Israel. Ele o ungiu como rei de seu povo, e confiou em você. E deu a ordem de destruir os amalequitas e seus animais. Então por que é que você não obedeceu? Por que cresceu os olhos pra cima do gado deles?

— Mas eu obedeci! Fui até lá, matei todo o povo e trouxe o rei deles como prisioneiro. Esses bichos que trouxemos para cá são um sacrifício. Um sacrifício, já disse!

— O que você acha que Deus prefere, Saul? Obediência ou sacrifícios?

— ...

— É melhor obedecer a ele do que oferecer-lhe sacrifícios. A revolta contra Javé e o orgulho são pecados tão graves quanto a feitiçaria ou a idolatria.

— Pô, Samuel. Pega leve.

— Eu tenho nada com isso, é Javé quem diz. E ele diz também que já o rejeitou como rei, porque você rejeitou as ordens dele.

— É. Eu desobedeci às ordens de Javé.

— Finalmente admite!

— Mas é que eu fiquei com medo do povo e fiz o que eles queriam!

— Ah! Então agora a culpa é do povo?

— Não, não. A culpa é minha. Mas, Samuel, agora eu preciso de você como nunca precisei antes. Por favor, perdoe o meu erro, e volte comigo para adorarmos a Javé.

— Eu não posso ir com você, Saul. Você rejeitou as ordens de Javé, e por isso ele o rejeitou como...

— ... Rei de Israel. Tô sabendo, tô sabendo. Mas custa nada!

Samuel, porém, já fazia menção de retirar-se. Então Saul o segurou pela capa, que se rasgou.

— OLHA AÍ A MERDA QUE VOCÊ FEZ! RASGOU MINHA CAPA!

— Ô. Foi mal.

— FOI MAL O CARALHO! Agora Javé vai rasgar o reino de Israel das suas mãos, e entregá-lo a outro melhor do que você. SEU PUTO!

— Ô PORRA! Eu sei que fiz cagada, mas você tem que me respeitar na frente dos líderes e do povo de Israel, pelo menos isso. Volte comigo, para que eu possa adorar a Javé.

Samuel viu o brilho de ódio nos olhos de Saul, e resolveu acompanhá-lo. Saul era grande e assustador, enquanto Samuel era apenas peludo. Brigar com o rei seria loucura. Foram, pois, até Gilgal. Lá, Samuel ordenou que lhe trouxessem Agague. Ao ver que era chamado à presença do rei de Israel e da segunda maior autoridade do país, Agague achou que seria poupado. Mesmo tremendo de medo, disse:

— Ah. Então a amargura da morte já passou.

— É o que você pensa, Agague — respondeu Samuel. — Assim como muitas mães ficaram sem seus filhos por sua causa, hoje é o dia de Dona Agaga ficar desfilhada.

— Mas o nome da minha mãe não é Ag...

Agague não teve tempo de terminar: Samuel o matou e depois despedaçou o corpo, em frente ao altar. O povo aplaudiu, Saul achou muito bom, só Samuel ficou desgostoso. Voltou para Ramá, enquanto Saul foi para sua casa em Gibeá. Nunca mais tornaram a se ver, porque Samuel ficou com muita pena de Saul. Achava que Javé se precipitara, dando uma sentença muito grave para pouca coisa. Rever Saul seria constrangedor, porém, então ele o evitava. Mas era melhor não discutir porque podia muito bem ser que Javé ainda tivesse outras missões para ele.

É UNGIDO O FUTURO REI DE ISRAEL

(I Samuel 16:1-13)

O tempo passou e Samuel continuava com pena de Saul. Mal saía de casa, envergonhado com o papel que desempenhara ao comunicar ao rei que ele seria destituído. Oras, para começo de conversa Saul nem quisera ser rei. Javé tinha insistido, e ele se tornara rei a contragosto. Vinha fazendo um mau governo? Pelo contrário! Defendera Israel de seus vizinhos hostis, treinara um exército de respeito (em contraponto à meia dúzia de camponeses assustados que antes eram toda a força de defesa israelita), unira o país em torno de si. E, por causa de um pouco de gado trazido da terra dos amalequitas, fora rejeitado pelo mesmo Deus que o escolhera. Samuel passava seus dias pensando nisso, mortificando-se, sentindo-se culpado por tudo. Até que um dia Javé veio falar com ele:

— Samuel!

— Oi.

— Ué. Que desânimo é esse, rapaz?

— Bah. Você sabe.

— Ah, Samuel! Ainda essa história do Saul? Até quando você vai ficar aí se lamentando? Parece o Jeremias!

— Quem?

— O Jer... Ah, esquece. Esse cara não foi ainda. Às vezes eu me confundo com esse negócio de linha do tempo e tal. Mas então: chega de ficar aí choramingando por causa do Saul. Eu não quero mais que ele seja rei de Israel. Não quero e pronto.

— Ah! Então o negócio do gado amalequita foi só uma desculpa?

— Er... Pode ser. E não vem ao caso. O negócio é que agora eu tenho um trabalho para você.

— Não vou ter que ir falar com Saul, né? Eu não suportaria olhar na cara dele.

— Não, nada disso. Você vai encher um chifre com azeite e levá-lo com você até Belém.

— Chifre? Chifre de quê?

— Qualquer um! Seu, do seu pai, um chifre qualquer. Não se atenha aos detalhes, Samuel, essa missão é importante. Lá em Belém você vai procurar a casa de um tal Jessé para ungir um dos filhos dele como rei.

— CÊ TÁ DOIDO??? Se Saul sabe de um negócio desse, acaba com a minha raça!

— Hum. É verdade. Bom, então é melhor você disfarçar. Já sei: leve um bezerro com você e diga ao povo que foi até lá para oferecer um sacrifício. Convide Jessé para o ritual, e depois eu digo o que você deve fazer.

Sem muita vontade, mas já sabendo que discutir com Javé era perda de tempo, Samuel pegou seu chifre de azeite, seu bezerro e tocou para Belém. Quando viram o velho profeta chegando, os líderes da cidade tremeram de medo. Conheciam a fama de Samuel, e sabiam que praga rogada por ele era pior do que praga de mãe. Então foram falar com ele:

— S-Seu Samuel. Er... Que milagre o senhor por aqui!

— Humpf.

— Hehehe. Hehe. Hehe...

— Tão rindo de quê, caralho?

— Hum. É. Bom. Essa sua visita é de paz, Seu Samuel?

— É, é sim. Não me encham o saco.

— Ah, que bom... E esse bezerro aí?

— É meu noivo...

— HEIN?

— PRA QUE EU IA ANDAR COM UM BEZERRO, PORRA?

— Er... Sacrifício?

— É ÓBVIO! E vocês purifiquem-se e venham comigo.

— Pois não, pois não...

— RÁPIDO!

Nota-se que Samuel não estava no seu melhor humor. Enquanto os líderes se lavavam, Samuel mandou uma mensagem a Jessé convidando ele e sua família para o sacrifício. Quando o belemita chegou com seus filhos, Samuel viu Eliabe, o mais velho, e pensou: "Ah, deve ser esse. É grandão, forte, bonito. Do jeito que Javé gosta". Mas Javé respondeu:

— Tá me estranhando, Samuel??? Desde quando eu fico reparando nessas coisas?

— Ué, eu só pensei. O cara tem o mesmo tipo físico de Saul, então...

— Pois é! Eu escolhi Saul me baseando só na aparência e deu no que deu. Não, não. Agora eu vou escolher com mais cuidado. Quero alguém que tenha bom coração e, principalmente, que não seja maluco. Fica calmo. Quando for o cara que eu escolhi, você saberá.

— Tá bom. — disse Samuel e, dirigindo-se a Jessé: - Eu tenho um recado de Deus para um dos seus filhos, mas já sei que não é esse. Quem é o segundo?

— Esse aqui, Abinadabe. É campeão de atletismo e faz musculação.

— Hmmmmm. Não, não é esse. O próximo?

— Meu terceiro filho, Siméia. Ponta direita do Belém F.C., escala montanhas e corre mais que o capeta.

— Sei, sei. Mas não é esse não. Próximo!

E assim Jessé apresentou a Samuel os sete filhos que estavam com ele, e nenhum deles era o escolhido por Deus.

— Você não tem mais nenhum filho, Jessé?

— Tenho mais um, o caçula, que está tomando conta das ovelhas agora.

— Ah, então mande chamá-lo.

— Seu Samuel, com todo respeito: se o recado de Deus não era para nenhum desses, para o moleque é que não vai ser.

— Eu sei, eu sei. Mas você não acha melhor oferecer o sacrifício com toda a família reunida?

— Ah, isso é.

— Então manda chamar o menino.

Jessé mandou um dos filhos chamar o caçula, e logo ele voltou trazendo o irmão. Era um rapazinho ainda adolescente, ruivo, de olhos brilhantes, muito bonito e de aparência saudável. Assim que ele apareceu, Samuel ouviu a voz de Javé em sua cabeça:

— É ESSE! É ESSE! PODE UNGIR!

— Calma, Javé. Ô. — e para o menino: — Qual o seu nome, filho?

— Davi. O que o senh... ARGH! Que é isso?

— Azeite, ué.

— AZEITE???

— É. Estou ungindo você como futuro rei de Israel.

— Peraí, Seu Samuel — interrompeu Jessé. — Deve haver algum engano.

— Engano nenhum. Seu filho Davi será rei.

— Mas é só um menino!

— Bom, discuta com Javé.

— E o sacrifício?

— Mané sacrifício! Tchau.

Samuel voltou para Ramá e deixou Davi todo besuntado em Belém. A partir daquele dia o Espírito de Deus tomou conta de Davi. Já sabemos o que isso significa: o menino estava pronto para aprontar suas loucuras.

DAVI A SERVIÇO DE SAUL

(I Samuel 16:14-23)

Vimos no capítulo anterior que o Espírito de Deus apossou-se de Davi. Mas parece que Deus ainda não dominava direito esse negócio de onipresença na época, então seu Espírito teve que sair de Saul. Todos sabemos, porém, que a bondade e a justiça divinas são perfeitas. Tanto é que, tendo retirado seu Espírito de Saul, Javé imediatamente enviou um espírito mau para substituí-lo. O que isso significa? Que o rei, que já não regulava muito, endoidou de vez. Como temos visto até agora, ser

dominado pelo Espírito de Deus também causava loucura. Mas há uma diferença: dominado pelo espírito mau, o cara só passa vergonha e não se diverte nenhum pouco. Saul, coitado, passou a ter crises cada vez mais freqüentes. Pela descrição feita na Bíblia (não neste capítulo, mas mais tarde), Saul apresentava todos os sintomas de um *esquizofrênico paranóide*. Se é que existe isso, *esquizofrênico paranóide*. Mas é bonito pra danar, vão dizer que não? Então. Foi nisso que Saul se tornou quando passou a ser atormentado pelo espírito mau: um *esquizofrênico paranóide*. Puxa, eu passaria o dia inteiro repetindo isso. *Esquizofrênico paranóide*. *ESQUIZOFRÊNICO PARANÓIDE*. ***ESQUIZOFRÊNICO PARANÓIDE***.

Tá, parei. Vamos dizer que Saul sofria de Transtorno Bipolar de Humor, associado a Síndrome de Tourette e Síndrome da Mão Alheia. Um pouquinho de Transtorno Obsessivo-Compulsivo, talvez? É, vai bem. Só pra história ficar legal.

Ficava cada vez mais difícil conviver com Saul. Suas oscilações brutais de humor, sua agressividade inesperada e sem motivo, suas manias de perseguição, tudo isso tornava em um inferno a vida dos que cercavam o rei. Cansados disso, os empregados do palácio se reuniram e foram falar com ele:

— Majestade?

— Sim! Digam, meus queridos!

— Er... Bom. Seguinte: parece que o senhor está sendo atormentado por um espírito mau.

— Sim, rapaz, também andei pensando nisso. Estava aqui tentando achar uma solução. Um despacho, talvez?

— Nós pensamos em algo mais suave, para começar...

— É mesmo? Algo mais suave, não é? E no que foi que os FILHOS DA PUTA pensaram, hein? Em trazer suas mães, aquelas ARROMBADAS, para me sossegarem um tantinho? Ou talvez os CORNOS dos seus pais para virem aqui como bobos da côrte? Ou então... Ou então... Hum. O que é que eu estava dizendo?

— Dizendo? Não, o senhor não estava dizendo nada, majestade.

— Hum. Estranho. O QUE VOCÊ TÁ ME OLHANDO, SEU CU-DE-BURRO?

— É que... É que...

— DESEMBUCHA, PUTO!

— É que o senhor está... Hum... Manipulando seu magnífico pênis real.

— Manip... Eita, não é que estou mesmo? Não sei qual é o problema com essa minha mão esquerda, parece que tem vida própria. Mas... Onde é que estávamos?

— Pois então, majestade: pensamos em procurar alguém que toque harpa, e trazer para o palácio. Assim, quando o espírito mau vier atormentá-lo, talvez o senhor se acalme com a música.

— Hum. Tá aí, gostei da idéia. Gostei mesmo. Ei, onde vocês vão???

— O senhor acenou com a cabeça, ordenando que saíssemos.

— Acenei com a cab... Ah, malditos tiques! Vão logo procurar o tal harpista. Tomara que funcione, minha vida está um inferno.

— É pra já, majestade. Aliás, eu conheço um homem chamado Jessé, lá de Belém.

— E ele toca harpa?

— Nah, aquele não toca nem campanhinha. Mas o filho dele, Davi, é um grande músico. Além disso, é um bom soldado, valente, fala muito bem, é bonito, miudinho mas definido, sabe?, ruivinho, uma graça...

— Ok. Contenha sua veadagem e traga aqui o tal Denis.

— Davi, majestade.

— Esse aí.

Mandaram chamar Davi em Belém. Jessé, todo alvoroçado com uma convocação do palácio apenas dias depois de ver seu filho tratado com a maior deferência pelo lendário Samuel, tratou de caprichar no presente para o rei: mandou que Davi levasse um jumento carregado de pão, um odre de vinho e um cabrito para Saul. Lá foi o garoto para Gibeá. Saul gostou dele logo de cara. Talvez não gostasse tanto se soubesse que estava diante de seu sucessor no trono, mas é claro que ele não tinha como saber isso. Então ele acolheu Davi, e mandou uma mensagem a Jessé pedindo que ele autorizasse o filho a ficar morando no palácio real. E é claro que Jessé concordou, na maior alegria.

A partir de então Davi ficou trabalhando no palácio. Oficialmente, foi contratado como escudeiro de Saul. Mas fazia seu verdadeiro trabalho quando o rei tinha alguma crise: pegava sua harpa e cantava belas canções, muitas delas de sua autoria. E era ele começar a cantar para Saul ir se acalmando, até voltar totalmente ao normal.

Tendo o poder de acalmar a loucura do rei, Davi começou a ficar popular no palácio. Mas ainda era pouco.

A ARMA SECRETA DOS FILISTEUS

(*I Samuel 17:1-11*)

Tanta coisa acontecendo em Israel e os filisteus quietinhos. Estranho, não? Pois é. E não durou muito: na época em que Davi estava trabalhando no palácio, os filisteus começaram a se movimentar e acamparam entre Socó e Azeca, no território de Judá, um lugar conhecido como Efes-Damin, *Fronteira Sangrenta*. Saul ficou sabendo, juntou seu agora bem treinado exército, e foi acampar no Vale de Elá.

— *É lá?*

Humpf. *Elá*, como vocês sabem, é *carvalho* em hebraico. Continuemos.

Então os filisteus ficaram no morro do lado de lá, os israelitas no morro do lado de cá, e passavam os dias trocando insultos:

— Ô, do pau cortado! Sua mãe é tão feia que a sombra dela fugiu!

— Tá falando o quê, macaco? Sua mãe é tão gorda que as pessoas fazem *cooper* em volta dela!

— Sua mãe é tão velha que esqueceu a bolsa na Arca de Noé!

— Sua mãe tem pêlo na teta!

— Sua mãe tem pêlo no útero!

— SUA MÃE PASSA ATUM NA BOCETA E DÁ PRO GATO LAMBER!

— FILHO DA PUTA!

— UHU! Apelou, perdeu!

— Merda...

E assim passavam-se os dias, com xingamentos de um lado e de outro e nenhuma ação. Até que um dia, no meio da guerra verbal, os israelitas viram alguém saindo do acampamento dos filisteus e vindo para a borda do morro.

— Ô, que palhaçada é essa? Tá montado na cacunda do seu pai? Hein! Fala! Responde! Resp... Epa.

O tal homem parecia mesmo estar encarapitado nos ombros de alguém. Claro, ninguém podia ser daquele tamanho. Mas acontece que Golias era: quase três metros de altura. Trazia na cabeça um capacete de bronze, e estava enfiado numa armadura, também de bronze, que pesava mais de 70 quilos. As pernas estavam protegidas por caneleiras e ele carregava nos ombros um dardo de bronze. Sua outra arma era uma lança, cuja haste parecia um eixo de tear, e da qual só a ponta pesava quase 10 quilos. A frente desse gigante encouraçado ia seu escudeiro, um homem de estatura normal,

mas que parecia o Nelson Ned se comparado ao patrão. Postou-se bem de frente para onde estavam os israelitas, botou as mãos na cintura e começou a gritar com seu vozeirão:

— Ô, suas frangas do inferno! O que vocês estão fazendo aí? Querem briga, é? Pois venham! Eu sou filisteu, com muito orgulho. E vocês, são o quê? Escravos de Saul? Pffff... Olhem, vou propor uma brincadeira a vocês, uma aposta. Seguinte: escolham um de seus homens para lutar comigo. Qualquer um. Se ele me matar, nós seremos seus escravos. Caso contrário, vocês nos servirão. E aí, não dizem nada? Está lançado meu desafio, suas bichas! Mandem alguém. Mandem qualquer um.

Golias deu meia-volta e retornou calmamente à sua tenda. Do lado de cá, Saul e todo o exército israelita estavam apavorados. Recusar o desafio de Golias seria uma demonstração de pusilanimidade. Mas quem poderia ir lutar contra tamanho gigante? Lembremos que, fosse quem fosse, teria o destino de Israel em suas mãos. Quem teria coragem e força suficientes para enfrentar um guerreiro de três metros de altura? Quem? Quem?

Bah, vocês sabem quem. O suspense é só para não perder o costume.

Observação: *Todas as variantes da Tradução João Ferreira de Almeida dizem que Golias tinha 6 côvados e meio de altura. Se considerarmos que o côvado tem 45 centímetros, chegamos a 2,92m. Há quem fale em côvado de 66 centímetros, o que nos daria um gigante de mais de 4 metros. No entanto, a Tradução na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, diz que o gigante filisteu tinha 2,10m, nada de descomunal. Não sei de onde os tradutores da SBB tiraram essa medida, mas arrisco dizer que foi mera preocupação com a verossimilhança. Uma grande bobagem: depois da travessia do Mar Vermelho, quem é que vai se preocupar com verossimilhança, meu Deus?*

O que eu acho: Davi matou um cara de metro e oitenta de altura, nada de mais. Falou para seu filho, Salomão, que tinha matado um homem de mais de dois metros. Salomão, por sua vez, contou a Roboão que vovô matara um filisteu de 2,5 metros. Então alguém teve a idéia de escrever logo a história, antes que começassem a dizer que Golias usava o Mar Morto como ofurô.

A ARMA SECRETA (E RIDÍCULA) DOS ISRAELITAS

(I Samuel 17:12-40)

Os israelitas estavam em seu acampamento, apavorados com a proposta de Golias. Entre eles estavam Eliabe, Abinadabe e Siméia, os três filhos mais velhos de Jessé. O caçula, Davi, ainda não tinha idade para ir à guerra, mas ia ao acampamento todos os dias para tocar sua harpa e fazer o papel de moço de recados entre o pai e os irmãos. Jogo rápido, porque ele tinha que voltar para tomar conta das ovelhas.

Durante quarenta dias Golias desafiou o exército israelita. Todas as manhãs ele vinha até a borda oposta do vale, cruzava os braços sobre o tórax enorme, e bradava seus insultos. Ao final, repetia a proposta: os israelitas deveriam escolher um homem

para lutar contra ele, e neste combate estariam decididos a guerra e o destino de ambas as nações. Um dia, preocupado com essa situação, Jessé chamou Davi, entregou a ele dez quilos de trigo torrado, dez pães e dez queijos, e disse ao filho:

— Davi, estou preocupado com seus irmãos. Eliabe é grande e forte, tenho medo de que o escolham para ir lutar contra o tal gigante. Então eu quero que você vá até o Vale do Carvalho levando esse trigo e esses pães para seus irmãos, e esses queijos para o comandante do exército. Veja se Eliabe, Abinadabe e Siméia estão bem.

— Pode deixar, pai.

Na manhã seguinte, Davi deixou um empregado tomando conta das ovelhas e foi para o Vale. Chegou justamente na hora em que israelitas e filisteus estavam alinhados dos dois lados, trocando os insultos habituais:

— Sua mãe é tão feia que faz cebola chorar!

— *Lech zayen et ima shelcha, benzona!*

— HEIN???

— "Vá foder tua mãe, filho-da-puta" em hebraico!

— FELADAPUTA!

— Apelou, perdeu! HAHAHAHAHA!

— Ah, é? Peraí...

Enquanto isso, Davi deixara os mantimentos com o oficial responsável pelas bagagens, correndo em seguida para a frente de batalha. Chegou bem a tempo de ver os filisteus dando passagem para seu grande herói, Golias. Bastou o gigante aparecer para todos os israelitas correrem para suas tendas. Cambada de bundas-moles, esses israelitas. Davi, um tanto envergonhado do comportamento de seus compatriotas, foi falar com os irmãos:

— Vocês estão bem?

— O que é que você acha, Davi? Todo dias somos humilhados por esse gigante de merda, e o jeito é...

Eliabe foi interrompido pelo trovejar da voz de Golias, que mais uma vez gritava seu desafio.

— Ué. É isso que ele quer? Alguém que vá lutar com ele?

— E VOCÊ ACHA POUCO? Viu o tamanho do cara???

— Ah, ele é grande. Mas não é dois.

— Sei não, sei não...

Sabendo que os irmãos mais velhos o desprezariam, Davi achou melhor conversar com os outros soldados que estavam por perto:

— Vocês tão sabendo de alguma recompensa? O que ganha quem matar esse filisteu pagão incircunciso filho de uma quenga velha?

— Calma, rapazinho, calma... Mas corre por aí que o rei dará ao homem que derrotar Golias uma gorda recompensa e a mão de sua filha. Ou seria só uma recompensa e a mão de sua filha gorda...? Hum. Alguma coisa assim. Além disso, isentará de impostos a família desse suposto homem valente.

— Interessante...

Porém Eliabe ouviu a conversa do irmão com o soldado, e ficou puto:

— Ô, moleque! Quem é que está tomando conta das suas ovelhas lá no deserto, hein? Seu convencido! Tá achando que é quem? Veio aqui só para ver a batalha, né? Moleque dos infernos!

— Coé, Eliabe, coé? Pega leve! Será que eu não posso nem fazer uma pergunta? Eu, hein...

Eliabe deu um muxoxo e foi cuidar de sua vida. Davi, por sua vez, saiu andando pelo acampamento, sondando aqui e ali para saber como seria recompensado o israelita que matasse Golias. De todo mundo ouviu a mesma resposta, com uma ou outra variação. De tanto ele perguntar, alguns soldados resolveram ir falar com Saul sobre o que acontecia:

— Majestade, parece que há um rapaz aí no acampamento interessado na recompensa prometida a quem matar o gigante.

— Ah, é? Que beleza, alguém mais maluco do que eu... Traga o tal rapaz aqui, quero falar com ele.

Os soldados saíram e voltaram trazendo Davi. Saul levou um susto:

— Mas você, Davi? O que está fazendo aqui?

— Seu Saul, eu acho uma vergonha o povo de Israel ter medo desse filisteu. Eu vou lutar com ele.

— Davi, Davi... Você não pode ir, meu filho.

— Ué, por que não?

— Porque você é só um adolescente, Davi. Olha aí, cheio de espinhas na cara. Aposto que vive se acabando na punheta, e que às vezes até apela pras pobres das ovelhas. Estou errado?

— ...

— Pois é. E aquele cara? Aquele gigante, além do tamanho que tem, é soldado desde que tinha sua idade. Você não tem a mínima chance, percebe?

— Permita-me discordar, majestade. Como o senhor sabe, eu sou pastor de ovelhas. Quando vem um leão ou um urso e pega uma das ovelhas, eu vou atrás do bicho, ataco o danado e pego a ovelha de volta. Se o leão ou o urso me ataca, eu agarro ele assim, ó, pelo pescoço, e dou porrada até matar o desgraçado. Comigo é assim, sem dó.

— Hum. Sei. Mata urso, é?

— Mato.

— E leão, né?

— Também.

— E com as mãos nuas, claro.

— Justamente.

— E QUER QUE EU ACREDITE NESSA POTOCA SEM-VERGONHA, DAVI?

— Juro que é verdade! JURO! Deus me ajudou a matar leões e ursos, e também vai me ajudar a matar esse filisteu do pau pelancudo.

— Hum. Pois muito bem. Vá, e que Javé te ajude.

— SÉRIO?

— É, ué.

— VIVA! OBRIGADO, MAJESTADE!

— De nada, de nada. Mas você não vai assim, oras. Vou te dar minha armadura.

— Puxa, que honra...

Saul enfiou Davi dentro de sua armadura, e botou nele um capacete de bronze. Assim guarnecido, Davi pegou a espada de Saul e a colocou na bainha. Foi saindo para ir lutar contra Golias, mas mal conseguia andar enfiado naquela geringonça. Irritado, tirou a armadura e a devolveu ao rei, junto com o capacete e a espada:

— O senhor me desculpe, mas é que eu nunca usei essas coisas e nem consigo andar com isso. Se eu for lutar assim, o gigante me mata e come minha carne chupando de dentro da armadura, feito siri.

— Você é quem sabe, Davi. Tenho nada com isso.

— Obrigado. Agora, se o senhor me dá licença, tenho um gigante para matar.

Davi pegou seu cajado, sua funda (uma espécie de estilingue, só que sem a forquilha), escolheu cinco seixos redondos e lisos no leito do riacho e saiu para enfrentar Golias.

DAVI MATA GOLIAS

(I Samuel 17:41-58)

Com todo esse negócio de guerra, ameaças e desafios, a loucura de Saul amainara um pouco. Eram tantas as preocupações ocupando a mente do rei que o espírito mau não achava uma brecha para entrar. Mas foi só Davi virar as costas para ele voltar ao abilolamento de sempre. Chamou Abner, seu primo e comandante do exército, e perguntou:

— Abner, quem é aquele rapaz indo ali?

— Qual rapaz?

— Aquele ruivinho ali, de cajado na mão.

Abner era um bajulador dos mais desavergonhados, então achou melhor não contrariar o rei:

— Meu senhor, juro pela SUA alma que não sei!

Espertinho o danado, né? Até faz juramentos, mas pela alma alheia. Muito safo, muito safo. Saul não percebeu que o juramento botava em risco apenas sua própria vida, e ordenou:

— Pois procure saber.

— Pois não, majestade, é para já.

Abner fingiu que foi averiguar quem era o tal rapaz, mas é claro que não foi. Aproveitou para tirar uma soneca em sua tenda.

Enquanto isso, a notícia de que finalmente os israelitas haviam escolhido o homem para lutar contra Golias já chegara ao acampamento filisteu. Disseram a Golias que seu oponente o esperava lá embaixo, na margem do Rio. Feliz da vida com a perspectiva de um pouco de ação depois de quarenta dias de bravatas, Golias vestiu sua armadura, chamou seu escudeiro e desceu. Lá no alto, filisteus e israelitas apinhavam-se para assistir à luta, um grupo de cada lado do vale. Do acampamento filisteu vinham gritos de "GOLIAS! GOLIAS! GOLIAS!". Do israelita, nem um pio.

Quando Golias chegou perto e viu aquele rapazote ruivo diante dele, sem nenhum tipo de armadura e de cajado na mão, teve uma crise de riso:

— Que que é isso? QUE QUE É ISSO? HAHAHAHAHAHAHAHAHAHA. É algum tipo de piada israelita? DAGOM DO CÉU! HAHAHAHAHAHAHAHAHAHA! Ai, ai. MEU ESTÔMAGO DÓI! Então é esse o golpe, querem me matar de rir? É BOA, MUITO BOA!

— Grunf.

— Tá resmungando o quê, moleque? Ou será que você é uma menina? É uma menina, é? Por acaso eu sou algum cachorro para você vir me enfrentar com uma vara, ô coisinha? Puta que pariu... Eu rogo a praga dos meus deuses contra você: *QUE VOCÊ SE FODA E QUE O MEU PAU CRESÇA!* HAHAHAHAHAHAHA! Vem pra cima com seu cajado, vem. Vou dar sua carne para os bichos do deserto comerem!

— Você vem contra mim... AHAM! Você vem contra mim com sua espada , sua lança, seu escudo, e esse equipamento todo aí que eu não sei o nome. Mas eu vou contra você com o apoio de JAVÉ!

— De quem?

— Er... Javé.

— Conheço não.

— É o nosso Deus. O Senhor dos Exércitos. O Todo Poderoso. O Criador do Céu e da Terra. O...

— Peraí. Esse é o Dagom.

— Mané Dagom!

— Escuta, viemos aqui para lutar ou para discutir teologia, ó caralho?

— Tá irritada, santa?

— Mas olha que moleque ousado... Espera aí que eu já acabo com a tua raça!

— Você? EU acabo com a TUA raça. Com a ajuda de Javé, hoje eu corto sua cabeça. E os bichos do deserto terão um jantar muito mais farto do que a minha carne: a carne de todo o exército filisteu.

— Ah, é? Depois de me matar a pauladas, vai sair matando todo mundo lá em cima? Como, mordendo os caras até a morte? Olha, chega de tanto lero-lero, já estou cansado de gastar saliva com israelita.

Dizendo isso, Golias começou a avançar na direção de Davi. O rapaz não se intimidou com o gigante, e saiu correndo contra ele. Enquanto corria, enfiou a mão no alforje e pegou uma das pedras. Quando já estava suficientemente perto de Golias, enfiou a pedra na funda e começou a girá-la sobre a cabeça. Depois de muito girar, soltou uma das pontas da funda e a física se encarregou do resto: a pedra saiu pela tangente e voou, indo cravar-se bem no meio da testa do filisteu, única parte

desprotegida de seu corpo. O gigante vacilou um pouco, olhando fixamente para Davi sem entender o que acabara de acontecer. Depois de um tempo assim parado, dobrou os joelhos e caiu de cara no chão. Davi correu, tirou a espada de Golias da bainha e com ela cortou-lhe a cabeça.

(*Davi e Golias* - Caravaggio (1606) - Kunsthistorisches Museum, Viena)

A situação inverteu-se: o acampamento israelita prorrompeu em brados de vitória, e o filisteu ficou em silêncio por um minuto, enquanto os soldados digeriam o acontecimento inacreditável. Quando finalmente se deram conta de que era verdade mesmo que seu maior campeão acabara de morrer nas mãos de um pastorzinho adolescente, ficaram apavorados e bateram em retirada. Os israelitas atravessaram o vale e perseguiram-nos até as cidades de Gate e Ecrom, na Filistia. Depois de matarem muitos inimigos e acuarem outros tantos em suas cidades, os israelitas voltaram e despojaram o acampamento filisteu.

Quanto a Davi, pegou a cabeça de Golias e a levou para Jerusalém, cidade que começava a tornar-se importante. Depois voltou para casa, levando as armas do gigante como *souvenir*.

Para quem até pouco tempo atrás era apenas um pastor de ovelhas, Davi podia dar-se por satisfeito: além de trabalhar no palácio e ter a confiança do rei (embora Saul já não se lembrasse), começava agora sua carreira militar, e da forma mais impressionante. Ele, porém, lembrava-se muito bem da estranha visita de Samuel à sua cidade, e sabia que sua história estava apenas no começo.

JÔNATAS E DAVI

(*I Samuel 18:1-4*)

Capítulo dedicado a dois amigos: Paulo Polzonoff Jr., por ter se tornado meu amigo de infância assim que nos conhecemos, e Dean Moriarty, por me ensinar que fugir de piadas óbvias pode ser um bom negócio

Finda a batalha, Saul mandou chamar Davi ao palácio:

— Rapaz, não sei como prestar a você homenagem à altura do que você fez.

— Precisa não, seu Saul...

— Mas precisa sim, precisa sim! Vou pensar em alguma coisa, pode deixar. Enquanto isso, não gostaria de trabalhar aqui comigo?

— Er...

— Que foi, que foi? NÃO QUER TRABALHAR AQUI?

— Não é isso, senhor. É que... Bom, eu já trabalho aqui.

— COMO ASSIM???

— É. Eu toco harpa.

— Mas que bagunça é isto aqui! Ninguém me informa nada! É por isso que Israel não vai pra frente! E você toca harpa na banda do palácio, certo?

— Hum... Mais ou menos isso.

— Pois a partir de hoje você será meu músico particular. Que tal, hein?

— Puxa... Sinto-me honrado, majestade.

— Claro que se sente, claro! E começa hoje mesmo, viu? Pode trazer seus panos de bunda, que agora você mora aqui no palácio.

— Morar aqui? Mas eu tenho família em Belém, majestade.

— Sua família pode vir visitá-lo quando quiser.

— Hum. E meus amigos.

— Também, oras. E aqui você ainda poderá fazer novos amigos, rapaz. Meu filho, por exemplo. JÔNATAS!

— Oi, pai!

— Vem cá! Quero te apresentar o rapaz novo!

Jônatas já conhecia Davi, claro. Mas conhecia mais ainda o pai que tinha, então fingiu que o via pela primeira vez. A verdade é que os dois haviam se tornado grandes amigos assim que se conheceram. Eram confidentes, tinham um senso de humor parecido. Eram ambos malucos, como pudemos constatar em dois episódios: quando Jônatas entrou no acampamento filisteu acompanhado apenas de um empregrado, e quando Davi matou um gigante a pedradas.

Jônatas ficou muito feliz ao saber que seu grande amigo agora viria morar no palácio. Os dois teriam mais oportunidades para suas longas conversas, para as bebedeiras e para a caça às mulheres. Como demonstração de sua alegria, deu de presente algumas de suas coisas: uma capa, uma espada, um arco, um cinto e até sua armadura.

— Pô, Jônatas. Você não sabe que eu não sei usar armadura?

— Sei, por isso mesmo te dei essa de presente. Foi muito engraçado ver você usando a armadura antes de ir lá matar o Golias. Parecia uma pata choca.

— Pata choca é tua mãe.

— Apelou, perdeu!

— Vai tomar no cu.

— No seu, que é mais azul.

— Babaca.

— Sou, mas você me ama.

— Você é meu melhor amigo, caralho.

— Sim, sim. E serei para sempre.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Veadagem da porra.

— Hehehehe.

Um belo exemplo de amizade masculina, não é mesmo? A lealdade entre os dois era coisa linda de se ver. Logo veremos o quanto a amizade de Jônatas foi preciosa para Davi.

Sempre que se fala da amizade entre Jônatas e Davi alguém levanta a hipótese do relacionamento homossexual entre os dois. Seria fácil eu me render, e passar alguns bons capítulos fazendo piadinhas com isso. Mas prefiro acreditar que sou influenciado pelo Monty Python, não pelo Casseta & Planeta.

SAUL COMEÇA A INFERNIZAR A VIDA DE DAVI

(*I Samuel 18:5-30*)

Tudo parecia muito bem: Davi era um herói nacional, Saul firmava sua autoridade com a maior de todas as vitórias contra os filisteus, Jônatas tinha um bom amigo. Só que algo aparentemente inocente veio perturbar a paz no palácio: uma música nova que começou a se espalhar por Israel quando o exército voltou da batalha. As mulheres cantavam e dançavam na rua enquanto Saul desfilava em carro aberto, e ao prestar atenção na letra o rei ficou muito contrariado. Que música era essa? Bom, as mulheres se dividiam em dois grupos. Um cantava:

Lá no campo de batalha
Lutando em nome de Deus
Escorraçamos a gentalha:
Saul matou mil filisteus.

E o outro grupo respondia:

Isso é muito notável
Nosso rei é mui viril
Sua coragem é inabalável
Mas Davi matou dez mil.

Não era à toa a contrariedade de Saul. "Dez mil para ele, e só mil para mim? Que merda é essa? Agora só lhe falta o trono!", pensava o rei, enciumado.

No dia seguinte ao desfile triunfal, o tal espírito maligno apossou-se de Saul de novo, e dessa vez com força total. Tomado pela paranóia, tinha certeza de que Davi pretendia usurpar-lhe o trono. Davi, sem saber do que ia na mente doentia do rei, correu para seus aposentos para tocar harpa e acalmar-lhe a fúria. Vendo ali a origem de sua perturbação, Saul não pensou duas vezes: pegou sua lança e arremessou-a contra o rapaz. Davi, porém, tinha reflexos rápidos, e conseguiu desviar-se da lança. Tomado pelo ódio (e pela loucura), Saul tentou mais uma vez, e outra vez Davi desviou-se. E, como não era besta nem nada, saiu correndo. Se Saul queria música para acalmar-se, que comprasse uma *jukebox*. Ele é que não ia arriscar-se a ser espetado na parede feito uma mariposa de coleção.

Davi não voltaria mesmo a tocar sua música no palácio, mas por iniciativa do rei: não suportando ver a cara daquele moço ruivo, Saul nomeou-o comandante de mil homens. Colocando-o numa posição intermediária — não tão alta a ponto de ficar longe

da batalha nem tão baixa a ponto de ser apenas mais um entre tantos — Saul esperava que os filisteus logo o livrassem daquela pedra no sapato. Mas Davi tinha uma sorte danada. Tudo o que ele fazia dava certo, os israelitas o adoravam, e isso deixava o rei mais irritado ainda.

Saul passava as noites sem dormir, pensando em que posição de risco poderia botar Davi para que os filisteus o quisessem matar, uma vez que ele ter matado seu grande campeão a pedradas não parecia o suficiente. Torturava-se procurando uma resposta, até que um dia ela caiu-lhe na cabeça. Era tão óbvia que dava raiva: entre duas nações em guerra, as famílias dos respectivos reis eram alvos preferenciais para abalar o moral do inimigo. Davi não era de sua família, mas poderia ser. Com esse intuito em mente, no mesmo dia chamou o rapaz à sua presença.

— Davi, você pensa em se casar?

— Claro, majestade, claro. Mas acho que ainda sou muito novo para isso.

— Bobagem! O que você acha de Merabe?

— Quem?

— Minha filha mais velha, Davi.

— Ah, essa... Ué. Sei lá. Ela é legal.

— Eu quero que você se case com ela.

— C-como é?

— Não gagueje, oras! Veja que honra, você será genro do rei. Em troca, eu só lhe peço que continue sendo meu soldado fiel.

— Fico muito honrado, senhor, não me entenda mal. Mas quem sou eu, que origens tenho para ousar sequer pensar em ser genro do rei?

— Bah, modéstia besta. Você se casa com ela, estou mandando!

Sabendo que não valia a pena discutir, Davi agradeceu e foi cuidar de sua vida. Porém, como já estamos cansados de saber, o rei estava doido, e acabou dando sua filha em casamento a outro homem, um tal Adriel, morador da cidade de Meolá.

— Belo casamento, Saul. Está feliz?

— Claro, Abner, claro! É um bom rapaz, esse Adriel. E veja como minha filha está feliz.

— É verdade. Só Davi que não vai gostar disso.

— Davi? Ué, por que aquele puto não vai gostar?

— Ué. Você disse a ele que lhe daria Merabe em casamento.

— PUTA QUE PARIU, É MESMO! Ah, mas que cabeça, a minha! E agora, Abner?

— Hum... Ouvi dizer que sua outra filha tem interesse em Davi.

— Mical?

— Ela mesma. Quando ele passa ela fica olhando... Dizem que escreve poemas, acrônimos com o nome dele.

— Acrônimos, é? Que mau gosto... Bom, mas se ela gosta dele, o que estamos esperando? Tratemos logo de casar esses dois, antes que eu me esqueça e a ofereça a outro.

Saul comunicou a Davi o mal-entendido, e ofereceu-lhe a compensação:

— Você pode se casar com Mical, e ainda será meu genro.

— Hum. Mas eu mal conheço sua filha!

— Bobagem, bobagem! Terá tempo para conhecê-la depois que se casarem. Vamos logo cuidar disso.

Por Saul estava tudo acertado, mas Davi ainda relutava. Tornar-se genro do rei parecia-lhe um passo largo demais. Já esperando isso, Saul chamou seus empregados e ordenou-lhes que dissessem a Davi que o rei o apreciava muito e que seria uma boa idéia casar-se com a filha dele.

— Mas falem como se estivessem fazendo mexericos, não vão deixar escapar que eu mandei dizer.

Então nas semanas seguintes, sempre que conversava com algum empregado do palácio, Davi ouvia a mesma conversa:

— Puxa, seu Davi. O rei gosta muito do senhor, viu? Vive falando do senhor. "O Davi? Aquilo é um herói! Era de um genro assim que eu precisava!".

— Que coisa... Para quem tentou me matar há tão pouco tempo, até que o rei está bonzinho.

— É a doença dele. O espírito ruim. O senhor sabe.

— Sim, eu sei, eu sei. Mas eu sou pobre, não valho nada. Ser genro do rei é uma honra grande demais para mim.

Todos os dias Saul pedia aos empregados notícias sobre a decisão de Davi, e a resposta era sempre a mesma: o rapaz continuava considerando-se indigno da filha do rei. "Hum. Então vou ter que fazê-lo acreditar que fez por merecer", ele pensou, e logo mandou um recado a Davi:

— O rei não quer nenhum dote pela sua filha. A única coisa que pede é que você traga a ele cem prepúcios de filisteus.

Com isso, mais uma vez, Saul esperava que os filisteus acabassem com a raça de Davi. Os filisteus pareciam meio frouxos ultimamente, mas o rei duvidava que fossem ficar quietos se um maluco chegasse querendo cortar-lhes a pele do pau. Sabia o quanto Davi era orgulhoso, e usava esse orgulho como arma. Era orgulhoso, de fato: ao ouvir o recado, seus olhos brilharam. Um pouco de ação não lhe faria mal, cortar uns pintos filisteus seria divertido, e ainda seria genro do rei. Mical até que era jeitosinha, valia a pena.

O noivado foi anunciado por todo o Israel. Antes do dia marcado para o casamento, Davi reuniu seus homens e marchou em direção à Filistia. Mataram duzentos filisteus. Passaram a noite cortando os paus dos defuntos, e no dia seguinte Davi levou a Saul o dote pela sua filha: duzentos prepúcios, o dobro do que havia sido pedido. Saul ainda tentou mostrar-se desconfiado:

— Como é que eu vou saber que não são prepúcios israelitas mesmo?

— E desde quando israelita tem prepúcio, majestade?

— Er... Bem pensado. Mas quantos são? Eu pedi cem, lembra?

— Lembro sim. E trouxe duzentos.

— DUZENTOS??? Não acredito. Você poderia contá-los?

— Mas majestade...

— Ué, eu preciso saber.

Cheio de nojo, davi começou a contar os prepúcios.

— Um, dois, três, quatro... Olha, este é roxo! Dezenove, vinte, vinte e um... Que grandão, deve ser de algum parente do finado Golias! Cinqüenta e sete, cinqüenta e oito, cinqüenta e nove... Olha só este, que enrugadinho. Parece uma uva-passa. Cento e doze, cento e treze... Este aqui estica, olha só! Cento e sessenta e três, cento e sessenta e quatro, cento e sessenta e cinco, cento e sess... Não, isto aqui é uma uva-passa mesmo, como é que veio parar aqui? Cento e sessenta e seis, cento e sessenta e sete... Vixe, dá pra fazer um anel com este aqui... Cento e noventa e oito, cento e noventa e nove, duzentos. Pronto.

— Humpf. Bah. Tá bom, vai. Você agora é meu genro. Muito bem, seja bem-vindo à família.

Davi e Mical casaram-se. O povo amava Davi, aparentemente Deus amava Davi, e agora até sua filha amava Davi. O ciúme corroía a alma de Saul. Ele odiava aquele moço cada dia mais, e maldizia o dia em que o contratara. Alheio a isso, Davi continuava suas campanhas vitoriosas contra os filisteus, e via sua popularidade aumentar a cada dia.

SAUL CONTINUA INFERNIZANDO A VIDA DE DAVI

(*I Samuel 19*)

— Maldito seja Davi! MALDITO! O filho da puta parece que tem o corpo fechado. Mas eu vou matar o desgraçado, ah, se vou! E vocês vão me ajudar nisso, estão me ouvindo?

Andando de um lado para outro diante de seu trono, esbravejando e soltando perdigotos enquanto falava, Saul dirigia-se a seus oficiais e a Jônatas. Eles ouviam calados, sabendo que qualquer um que ousasse fazer um aparte corria o risco de terminar seus dias espetado na parede pela lança que Saul brandia na mão direita. Ouviram tudo calados, e calados saíram. Jônatas, porém, correu para avisar o amigo:

— Davi, meu pai quer te matar.

— Ah, não me diga! Agora me conte uma novidade, Jônatas.

— Não, não. Agora o negócio é mais sério. Antes ele tentava disfarçar, agora não: chamou a mim e aos oficiais e pediu sua cabeça.

— Vixe. Tá braba, a coisa.

— Muito braba.

— Mas e então? O que eu faço? Fujo?

— Não, ainda não. O povão gosta de você. Trate de se esconder em algum lugar até amanhã cedo. Eu vou falar com meu pai, tentar fazer o velho mudar de idéia. Depois te conto o resultado.

— Boa idéia.

No dia seguinte, então, Davi ficou escondido enquanto Jônatas falava com Saul. Deu sorte de pegar o pai num bom dia, o que já era meio caminho andado.

— Ô, pai. Por que você odeia tanto o Davi?

— POR QUÊ? ORAS, POR QUÊ! PORQUE ELE... ELE... Er.. Ele...

— Tá vendo? O senhor nem sabe!

— ELE AMEAÇA O TRONO, JÔNATAS! O TRONO QUE DEVE SER SEU QUANDO EU MORRER!

— Não fala bobagem, pai. Davi nem pensa nisso, te garanto.

— Hum.

— Ele é um herói nacional, velho.

— Velho é teu passado.

— Tá, desculpa. Mas ele é um herói mesmo, não é? Arriscou a vida enfrentando o Golias, lembra? Ninguém teve coragem de encarar o gigantão, e o danado pegou uma funda, umas pedrinhas e foi lá. E o senhor mesmo ficou contente na ocasião, lembra? Então por que matar um homem que não só é inocente como ainda ajuda na estabilidade do reino?

— Hum. É, você tem razão.

— Tenho? Então o senhor não vai mais perseguir o Davi?

— Juro por Deus.

— Então tá.

Jônatas saiu dali e foi contar para Davi o que havia ocorrido. Levou o amigo à presença do pai e assistiu, feliz, à reconciliação dos dois. Davi voltou ao palácio com sua harpa e empregou-se novamente no serviço do rei. Tudo muito bom, tudo muito bem.

A harmonia não duraria muito, porém: no primeiro ataque um pouco mais sério que teve, Saul jogou sua lança na direção de Davi. Terceira vez que ele fazia isso. O rapaz já esperava e, ligeiro que só, desviou-se da lança e saiu correndo, dessa vez jurando a si mesmo que não pisaria mais no palácio daquele rei maluco. Tudo bem o cara ser bipolar, mas aquilo já era demais.

Na mesma noite, mandando às favas seu juramento solene, Saul enviou alguns homens para ficarem de tocaia na casa de Davi. A ordem era trazê-lo como prisioneiro, para que fosse executado na manhã seguinte. Os homens saíram e ficaram rodeando a casa. Mical, porém, percebeu a movimentação estranha e avisou ao marido:

— Davi, melhor você fugir. Tem uns homens aí fora, e tenho certeza que foram mandados pelo meu pai para matarem você.

Davi nem discutiu: conhecia o bom senso da mulher tanto quanto a loucura do sogro. Com a ajuda da esposa, desceu por uma janela nos fundos da casa. Com Davi já a salvo, Mical não perdeu tempo: pegou uma estátua e a colocou deitada na cama, com um pedaço de pele de cabra tingida de vermelho na cabeça. Cobriu o arranjo com uma capa e viu que estava convincente. Foi bem a tempo: mal saiu do quarto, ouviu batidas na porta da frente. Batidas secas, com o punho, coisa de polícia desde sempre. Foi antender com a maior cara de inocente do mundo:

— Pois não?

— Temos ordem de Sua Majestade para fazer a averiguação aqui do recinto.

— Fazer o quê?

— A averiguação da residência, madame. A senhora não obstrua o trabalho da polícia, positivo?

— Não estou obstruindo nada. Só queria saber a que vem isso a esta hora da noite.

— Viemos enquadrar o elemento Davi, Filho de Jessé de Belém, positivo?

— Positivo é o cacete. Eu sou filha do rei, tão me ouvindo? Voltem para suas tocas.

— Negativo, madame. Temos ordem de só retornar acompanhados do elemento Davi, Filho de Jes...

— Tá, tá. Mas acontece que ele tá doente.

— Ah. Hum. Então o elemento encontra-se enfermo?

— Foi o que eu disse.

— Positivo, positivo... Seria o caso de encaminhar o meliante ao nosocômio?

— Não é necessário.

— Positivo, madame.

Os agentes voltaram para o palácio com a notícia:

— Majestade, o meliante encontra-se acometido de enfermidade, o que nos impede de enquadrá-lo de acordo com o artigo 3, parágrafo nono do Código Penal Israelita.

— Hein?

— Davi tá doente.

— E daí???

— E daí que, de acordo com o artigo três, parágr...

— NÃO ME VENHA COM ESSE PAPO DE POLÍCIA!

— Então. A gente não pôde trazer ele.

— Porque está doente?

— Isso.

— QUE SE FODA! TRAGAM AQUELE FILHO DA PUTA NUMA MACA, SE NECESSÁRIO! Ah, querem saber? Vou com vocês.

Os agentes deram de ombros e voltaram à casa de Davi, dessa vez acompanhados pelo rei. Bateram à porta e Mical gritou lá de dentro, impaciente:

— Quem é?

— PULIÇA!

— Mas de novo, diabo? Eu já não disse que meu marido está doente?

— Positivo, madame. Mas o rei nos deu ordem para levar o elemento de qualquer maneira.

— MAS EU JÁ FALEI, ELE TÁ DOENTE! DE CAMA! NÃO PODE SE LEV...

— Mical?

— Pai? É você, pai?

— Sou eu, minha filha. Abre a porta pro papai, abre.

Mical conhecia aquela voz. A aparente doçura escondia a iminência de uma crise de fúria. Não achava muito bom enfrentar o pai, então abriu a porta.

— Muito bem, filhinha. Onde é que está meu genro?

— L-lá em cima. Na cama.

Saul subiu esfregando as mãos de antecipação, com os homens atrás dele. Imaginem vocês o ódio dele quando puxou a coberta gritando "ARRÁ!" e viu a estátua na cama.

— MICAL!

— Sim, pai?

— QUE PALHAÇADA É ESSA? POR QUE VOCÊ ME ENGANOU, DESGRAÇADA?

— Ele falou que ia me matar se eu não o ajudasse a fugir, pai!

— FILHO DA PUTA! Estão vendo? O desgraçado é capaz de matar até a própria esposa. E esse povinho aí o considera um herói. HERÓI MINHA BUNDA!

Enquanto a confusão toda acontecia, Davi já estava longe. Em Ramá, mais precisamente. Por que Ramá? Porque era lá que ele tinha seu aliado mais importante, o único capaz de impor sua vontade a Saul. Encontrou-se meio clandestinamente com Samuel, e contou ao velho profeta tudo o que lhe tinha acontecido. Samuel percebeu que o assunto era sério, e levou Davi para Naiote, a Casa dos Profetas.

Samuel achava que Naiote era um lugar seguro. Nem tanto: Saul tinha espiões espalhados por todo canto, e poucos dias depois ficou sabendo do paradeiro de Davi. Chamou alguns de seus homens e deu a ordem:

— Davi está na Casa dos Profetas, em Ramá. Vão buscá-lo.

— Positivo e operante, majestade.

Os agentes foram para Ramá, informaram-se e logo ficaram sabendo onde era a tal Casa. Quando chegaram, porém, viram um bando de profetas, com Samuel à frente

deles. Estavam profetizando, o que significa — se vocês não se lembram — que cantavam, gritavam, dançavam, davam pulos, enfim, agiam como malucos. O Espírito de Deus se apossou dos agentes, que começaram eles também a profetizar alegremente no meio dos outros.

Os espiões fizeram chegar a mensagem preocupante a Saul: os agentes enviados para prender Davi haviam endoidado. O rei não se deixou abalar e mandou outros homens a Ramá. Esses também ficaram por lá, profetizando, assim como o terceiro grupo. Emputecido com a loucura contagiosa de Naiote, Saul decidiu ir até lá pessoalmente. Maluco já era, considerava-se vacinado contra a loucura alheia. Estava enganado, porém: mal entrou em Ramá, começou a se sentir estranho. Até aí, nada de mais: sentia-se estranho com freqüência. Só que dessa vez era diferente. Em vez de ter vontade de espetar pessoas na parede com sua lança, sentia vontade de sair dançando, saltitando e lançando pétalas de flores para o ar. Eis a diferença entre a loucura divina e a diabólica: esta é macha pra diabo, aquela é divinamente gay.

O povo olhava, estarrecido, seu rei saltitando e cantando pelas ruas de Ramá. Quando chegou à Casa dos Profetas, tirou toda a roupa e ficou profetizando na frente de Samuel. Passou o dia e a noite deitado no chão, nu e profetizando. Os outros profetas queriam dormir, mas não tinham coragem de interromper os devaneios do rei.

Escondido num canto, Davi assistia à cena sem entender nada: o rei de Israel e seu mais temível inimigo jazia no chão, pelado, cantando alto e batendo palmas. Seria o fim das perseguições? Ele duvidava. E tinha razão.

JÔNATAS AJUDA DAVI

(I Samuel 20)

Vendo seu maior inimigo deitado no chão, pelado e profetizando, Davi concluiu que era uma boa hora para sair de Ramá e ir falar com seu amigo Jônatas:

— Pô, Jônatas. Seu pai foi até Ramá atrás de mim.

— Não acredito!

— Tá me chamando de mentiroso?

— Foi uma força de expressão, Davi.

— Ah, bom. Então. Por que seu pai me odeia tanto, hein? O que foi que eu fiz pra ele?

— Eu sei lá! Mas que Deus não permita que você morra, Davi!

— Deus não permite, mas vai que ele se distrai e seu pai me pega?

— Mas de jeito nenhum! Acho estranho ele ter ido até Ramá sem me dizer nada. Ele sempre me fala o que pretende fazer, por menos importante que seja.

— Ah, Jônatas, por favor! Seu pai sabe o quanto você gosta de mim. Tô te dizendo, estou à beira da morte.

— Ué. Tá doente?

— ...

— Ah, sim, entendi. Meu pai e tal. Mas o que você quer que eu faça?

— QUE ME AJUDE, PORRA!

— Eu sei, eu sei. Mas como?

— Hum... Amanhã é Festa da Lua Nova, não?

— É sim. E daí?

— E daí que numa festa assim eu sou esperado no palácio, para me sentar ao lado do rei e tal. Isso se o rei parar de falar bobagens, se vestir e vier para cá a tempo.

— HEIN???

— Ah, é uma longa história. Seu pai tá pelado lá em Ramá, deitado no chão.

— COMO? MEU PAI ENDOIDOU?

— Claro que não...

— Ufa.

— ... Aquilo já nasceu doido.

— Porra, Davi, que história é essa?

— Ele chegou a Ramá e o Espírito de Deus se apossou dele.

— Putz!

— Pois é. Tá lá profetizando. Mas do que eu estava falando antes de você me interromper?

— A Festa da Lua Nova.

— Ah, é. Então. Acontece que eu não vou à festa. Vou me esconder no campo e ficar esperando por você.

— Hum. Pra quê? Você quer que eu te leve umas coxinhas, uns brigadeiros?

— Não, Jônatas. Prestenção, porra: se seu pai notar minha ausência, você vai dizer a ele que eu pedi licença para ir a Belém visitar minha família.

— Pô, Davi. Vai pra Belém justo no dia da Festa da Lua Nova?

— Ai, meu saco... Não, Jônatas! Eu vou estar escondido no campo, lembra?

— Ah, é.

— Então. Você só vai dizer isso para ver qual será a reação do seu pai. Se ele disser que está tudo bem, então estará tudo bem. Mas se ficar com raiva, isso significa que ainda quer me matar. Entendeu?

— Entendi.

— Pensa bem, Jônatas. Eu estou pedindo para você trair seu pai.

— Ué. Não chega a ser assim uma traiçããããão.

— Mas você vai enganar o velho e me trazer informações.

— Isso é verdade.

— Tem certeza de que quer mesmo fazer isso? Você podia muito bem me matar agora. Seu pai ia te recompensar muito bem.

— Davi, você me ofende!

—...

— Eu sou seu amigo, esqueceu? Você é o melhor amigo que já tive. Tanto que tem gente por aí dizendo que você é meu namorado.

— QUEM TÁ FALANDO ESSAS BOBAGENS?

— Bah, não importa. O negócio é que somos amigos, e eu quero que você saiba que estarei sempre ao seu lado. Espero que você também esteja sempre comigo, e que cuide da minha família se um dia eu morrer.

— Um dia você vai morrer, Jônatas. Todo mundo morre.

— Se eu morrer ANTES DE VOCÊ, Davi.

— Ah, sim. Pô, Jônatas, você até comove a gente falando essas coisas. Você é o melhor amigo do mundo.

— Tá, tá. Chega de veadagem.

— Isso, chega. Mas e aí, como é que você vai me avisar do estado de espírito do seu pai?

— Hum. Tá vendo aquelas pedras ali?

— Sim.

— Então. Esconda-se atrás delas amanhã à noite. Eu vou para a festa, falo com meu pai e fico sabendo se a raiva dele já passou ou não. Assim que souber, virei aqui para treinar com o arco, usando as pedras como alvo.

— Porra, Jônatas! Quer me dar flechada?

— Claro que não, Davi. Presta atenção, ô! Eu vou atirar três flechas e depois mandar meu empregado buscá-las. Se você me ouvir dizendo "Olha lá, as flechas estão para cá", isso significa que está tudo bem e você pode sair. Se eu disser "As flechas estão para lá", quer dizer que meu pai ainda está furibundo e é melhor você se empirulitar. Entendeu?

— "Para cá", tudo bem, "para lá", fodeu. Entendi.

— Muito bem. Agora trate de se esconder, e esteja atrás das pedras amanhã e depois.

— Amanhã E depois???

— É, ué. A Festa da Lua Nova dura três dias. Pode ser que meu pai não dê por sua falta no primeiro dia, mas duvido que ele não perceba no segundo.

— É. Bem pensado.

Davi correu para se esconder e esperar o dia da festa.

No dia seguinte, Saul chegou ao salão de festas do palácio todo paramentado. Abner sentou-se ao lado do rei, e Jônatas à sua frente. O lugar de Davi, ao lado de Jônatas, permaneceu vazio. O rei notou mas não disse nada, pensando que talvez lhe tivesse acontecido alguma coisa (o que seria bom para Saul, afinal), ou que não tivera tempo para cumprir as cerimônias de purificação requeridas antes da festa.

No dia seguinte, porém, vendo a cadeira de Davi vazia outra vez, Saul perguntou a Jônatas:

— Filho, cadê o Davi? Não apareceu ontem nem hoje...

— Ah, pai, esqueci de dizer. Ele me pediu licença para ir a Belém festejar com a família.

— E você concedeu?

— Concedi, ué.

— FILHO DA PUTA![1] Agora eu tenho certeza que você está ajudando aquele desgraçado!

— Não, pai, não é b...

— CALA A BOCA! Você passou para o lado de Davi. BURRO! Não sabe que você não será rei enquanto ele não morrer? Que o desgraçado quer é usurpar o trono? Traga aquele mequetrefe aqui para morrer!

— Mas, pai... Por que você quer tanto matar o Davi? O que ele fez?

Furioso, e mal acreditando no que ouvia da boca do próprio filho, Saul pegou sua lança (que estava sempre à mão para ocasiões assim) e atirou-a contra Jônatas. Felizmente sua pontaria continuava ruim, então o príncipe não foi atingido. De uma forma ou de outra, agora tinha certeza de que a raiva do pai não passara, muito pelo contrário, aumentava a cada dia. Levantou-se da mesa com muito ódio e foi avisar a Davi.

Davi passava sua segunda noite atrás das pedras. Quase morrera de ansiedade na primeira, mas a previsão de Jônatas mostrou-se correta, e ele não recebeu notícia alguma. Já estava quase desistindo nessa segunda noite quando ouviu distintamente a voz do amigo:

— Ei, rapaz! Vai pegar as flechas! Estão para lá, ó. Para lá, entendeu? PARA LÁ! AS FLECHAS ESTÃO PARA LÁ!

Ouviu também o empregado resmungando ali perto do monte de pedras:

— Pronto, agora o feladaputa acha que eu sou burro E surdo. Isso não é vida, puta que pariu...

O empregado não entendia nada, claro, mas Davi compreendera muito bem: Saul ainda queria sua cabeça, e não descansaria enquanto não a obtivesse. Ia se levantando para sair quando ouviu novamente a voz de Jônatas:

— PRONTO! CANSEI DE TREINAR! PODE VOLTAR PARA A CIDADE, RAPAZ! VOLTE PARA A CIDADE! PARA A CIDAAAADE!

— Er... Patrão? Eu já entendi.

— SIM! JÁ ENTENDEU, NÉ? ENTÃO VOLTE PARA A CIDAAAAAADE.

— TÁ! TÔ VOLTAAAAAAAAAANDO!

— Porque cê tá gritando, seu petulante?

— ...

— Humpf. Suma daqui.

Depois que o empregado foi embora, Jônatas foi encontrar Davi em seu esconderijo.

— Peraí! Então para que toda essa presepada de flechas e códigos?

Eu sei lá! Não interrompa essa cena comovente, por favor. Porque os dois se encontraram sabendo que Davi corria perigo e deveria sumir por uns tempos. Muito agradecido a Jônatas, ele se jogou no chão e enconstou o rosto no chão três vezes.

— Obrigado, Jônatas! Muito obrigado!

— Ah, Davi, larga disso. Levanta daí.

Ele se levantou e os dois se abraçaram, chorando muito.

— Para onde você vai agora, Davi?

— Não pensei nisso ainda.

— Bom. Para onde quer que você vá, que Javé esteja com você. Ele fará com que nós e nossos descendentes cumpramos a promessa que fizemos.

Davi o abraçou uma última vez e fugiu. Jônatas voltou para o palácio, ainda enxugando as lágrimas. Pensava no quanto seria ruim a vida sem o amigo por tempo indeterminado.

---

[1] Eu já falei sobre isso. Embora eu use palavrões quase sempre nos meus textos (é mais forte do que eu, compreendam), esse *"FILHO DA PUTA!"* berrado por Saul para seu filho Jônatas é diferente: corresponde quase que literalmente ao texto original. Em traduções mais antigas o xingamento é *"Filho de uma mulher perversa e rebelde"*, ou *"Filho da perversa em rebeldia"*. A Bíblia na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, dá um passo à frente e traz *"Filho de uma mulher à toa"*. Não é preciso ser muito esperto para deduzir o que Saul realmente disse ao filho naquele momento de fúria. Aqui temos, portanto, uma prova de que a profissão mais antiga do mundo deu origem (entre outras coisas) ao xingamento mais antigo do mundo.

DAVI FOGE DE SAUL

(I Samuel 21)

Davi sabia muito bem que não estava seguro em lugar nenhum dentro do território israelita. Precisava fugir para longe, mas antes passou em Nobe para falar com o sacerdote Aimeleque (ao que parece, o Tabernáculo fora movido de Siló para Nobe. A mudança não é mencionada em parte alguma). Vendo quem se aproximava, Aimeleque ficou com medo. Sabia que Davi era *persona non grata* no reino. Foi falar com ele todo trêmulo:

— O que você está fazendo aqui?

— Ô, Aimeleque. Queria falar com você.

— Queria falar o quê? O rei está te perseguindo, que eu sei.

— O rei? Me perseguindo? Que é isso, rapaz! Isso foi antes. Ele teve um daqueles surtos, sabe como é.

— Sei, sei...

— Mas agora já está tudo bem. Tanto que ele me enviou para cumprir uma missão. Estou viajando já há algum tempo. Saí às pressas e não tive tempo de fazer provisões. Por isso vim até aqui, para ver se você tem uns pães ou alguma outra comida para me dar. Eu e meus homens estamos com uma fome desgraçada.

Aimeleque olhou em volta e não viu mais ninguém.

— Que homens, Davi?

— Que homens? Ah! Não estão comigo agora. Nos separamos e combinamos um encontro noutro lugar mais adiante. É uma missão altamente secreta. Eu nem deveria estar falando sobre isso agora. Mas confio em você, Aimeleque.

— Puxa. Obrigado.

— Oras, mas não tem de quê! Você é um homem de confiança, eu sempre soube. Mas e aí, tem alguma comida para nós?

— Pois é, Davi. Eu só tenho os Pães da Propiciação.

— Ué, acho que Dona Propiciação não vai ligar de dar uns pãezinhos pra gente...

— Ai, ai... Estou falando dos pães sagrados, Davi.

— Ah, esses. Hum. E aí, tem jeito?

— Depende. Você e seus homens estão puros?

— Como assim?

— Er... Estiveram com mulheres ultimamente?

— Bom, ontem nós conversamos com umas meninas perto do poço que fica em...

— VOCÊS ANDARAM TREPANDO?

— Ah, isso. Não, não. Claro que não, Aimeleque! Se já ficamos em abstinência quando cumprimos missões corriqueiras, tanto mais numa missão assim importante. Estamos na seca.

— Ah, então está tudo certo. Já está mesmo na hora de trocar os pães, te dou os que estão diante do altar agora. Tudo bem?

— Peraí. Não são esses os pães que são colocados todo sábado numa mesa, com incenso queimando em cima?

— Exatamente.

— Pô, Aimeleque! Vai me dar pão velho de uma semana, e ainda impregnado de incenso? Não fode!

— Bom, é só o que eu tenho. Quer ou não quer?

— Bah. Tá bom, dá aí.

Aimeleque entrou na Tenda Sagrada e voltou trazendo os doze pães, cada um pesando dois quilos. Entregou tudo a Davi, que os arrumou num saco.

— Pronto, Davi. Agora, se você me dá licença...

— Peraí, Aimeleque, só mais uma coisa. Você não tem aí alguma espada ou lança para me emprestar?

— Ué. Como é que você sai para uma missão tão importante desarmado?

— Para você ver como o negócio é urgente! Saí correndo de casa e nem tive tempo de pegar nada.

— Hum. Bom, tem uma espada aí que eu acho que você conhece.

— Que eu conheço?

— Sim. A espada de Golias. Está enrolada num pano lá dentro, atrás da estola sacerdotal.

— Que maravilha! Espada melhor que aquela não existe! Pode me emprestar a danada?

— Leva, ué. Sou sacerdote, pra que vou querer espada? Ainda mais daquele tamanho...

Aimeleque voltou a entrar no Tabernáculo para pegar a espada. Entregou a arma a Davi, que agradeceu e saiu apressado. Tinha que sumir de Israel o mais rápido possível. Por enquanto, estava tranqüilo: Saul ainda não sabia de seu paradeiro, e não teria como saber. O que Davi não sabia é que um tal Doegue, edomita e chefe dos pastores de Saul, estava presente em frente ao Tabernáculo justamente na hora em que ele e Aimeleque conversavam. Muito azar.

Davi pegou a estrada saindo de Nobe e foi para Gate, uma das cinco grandes cidades da Filistia. Chegou e foi logo falar com Áquis, governador da cidade, para lhe pedir asilo político. Contava com seu anonimato, afinal estava bem longe tanto de Belém quanto do palácio real. Porém, bastou que os servos de Áquis o vissem para que advertissem o governador:

— Excelência, acho que esse é o Davi.

— Davi? Que Davi?

— Aquele rei israelita.

— Até onde eu sei, o rei de Israel é Saul.

— É, ainda é ele. Mas dizem que esse Davi aí está de olho no trono, e não demora muito a usurpá-lo. Era para ele aquela musiquinha que as mulheres israelitas cantavam depois da última guerra.

— Que música?

— Aquela! Umas cantavam: *Lá no campo de batalha / Lutando em nome de Deus / Escorraçamos a gentalha: / Saul matou mil filisteus*, e as outras respondiam: *Isso é*

muito notável / Nosso rei é mui viril / Sua coragem é inabalável / Mas Davi matou dez mil.

— Ah, estou lembrado. Será que é ele mesmo?

— Tenho quase certeza, excelência.

Davi, sentado num canto enquanto esperava ser atendido, ouviu que um dos servos cantava a música que ele bem conhecia, e percebeu que era alvo de desconfianças. Estava em território inimigo, e os filisteus ainda se lembravam muito bem da morte de Golias, seu maior herói. O que fazer? Não tendo muito tempo para pensar, improvisou: começou a babar, balbuciar coisas sem sentido e rabiscar a madeira das portas. Áquis caiu direitinho em sua encenação:

— Mas que porra é essa? Esse cara é maluco, maluco! Por acaso estão faltando doidos na Filistia, para vocês me importarem esse de Israel? Não, já me bastam os birutas que tenho ao meu redor. Tirem esse louco daqui, por Dagom!

Os guardas pegaram Davi e o carregaram para fora da cidade, enquanto ele babava e esperneava. Já fora de Gate, soltou um suspiro de alívio. Tivera muita sorte. Poderia continuar contando com a sorte? Logo saberia.

DAVI NA CAVERNA DE ADULÃO E A MATANÇA DOS SACERDOTES

(*I Samuel 22*)

Davi estava numa situação daquelas: em Israel não podia ficar, com o rei em seus calcanhares; a Filistia estava descartada depois do episódio no palácio de Áquis, rei de Gate. Israel vivia em paz com Moabe, o que era uma alternativa mais atraente, ainda mais porque Davi era bisneto da moabita Rute. Ele considerou essa hipótese muito seriamente, mas teve que descartá-la logo. Isso porque no meio do caminho entre a Filistia e Moabe, quando pernoitava na caverna de Adulão, nas montanhas de Judá, foi surpreendido pela chegada de seus pais e seus irmãos.

— Como vocês me acharam aqui?

— Ah, Davi. As pessoas falam aqui e ali, há boatos por todo lado, acabamos te encontrando.

— Mas... MAS QUE MERDA! AGORA SAUL VAI ME ACHAR TAMBÉM!

— Vai nada, sossega.

— Como não???

— As pessoas que sabem do seu paradeiro são leais a você.

— "As pessoas"? Espero que sejam só vocês.

— Hum... Não. Tem também o pessoal lá fora.

— PESSOAL? QUE PESSOAL?

— Vai lá ver.

Davi botou a cabeça pra fora da caverna e levou um susto: quatrocentos homens estavam reunidos ali. Eram homens endividados, perseguidos, em dificuldades, procurados pela justiça. Vinham todos até ali para se apresentar a Davi.

— Hum. Então vocês estão comigo para o que der e vier?

— SIM, SENHOR DAVI! — responderam em uníssono.

— Então se ajeitem por aí, há cavernas para todo mundo.

— OBRIGADO, SENHOR DAVI!

— De nada.

— QUE BELEZA, SENHOR DAVI!

— Er... Ok, ok.

— AH, SENHOR DAVI, COMO O SENHOR É BOM PARA NÓS!

— Tá bom.

— SENHOR DAVI, CASO O SENHOR ESPIRRE: SAÚDE, VIU?

— PORRA! VÃO CAÇAR O QUE FAZER E PAREM DE ME ADULAR, CAMBADA DE PUXA-SACO!

— ...

Já sabemos agora o porquê do nome da tal caverna: adulões não faltavam a Davi nessa ocasião.

Pois muito bem, o futuro rei já tinha seu exército. Não era grande coisa, mas para começar já estava bom. Sua preocupação agora era com a segurança da família. Sabia que se Saul o pegasse não ficaria contente em matar só a ele. Claro que não: seus pais, seus irmãos, seus sobrinhos, todos iriam comer capim pela raiz. Então Davi juntou a família e foi até Mispa, capital de Moabe, para falar com o rei daquele país. Pediu ao soberano que hospedasse sua família até que a situação melhorasse um pouco. Foi atendido em consideração a seus antepassados moabitas, então voltou à caverna de Adulão. Lá, porém, um certo profeta chamado Gade o aguardava.

— Davi, não fique entocado aqui feito uma toupeira. Javé ordena que você entre na terra de Judá.

— Ué, e por que Javé não vem falar comigo, em vez de ficar mandando recado?

— Olha, eu não sei de nada. Ele me deu a mensagem e eu entreguei; agora, se o senhor me dá licença, tenho outros serviços a fazer lá embaixo.

— Ah, claro. Pode ir.

Davi pensou no que o profeta lhe dissera. Descer daquela fortaleza natural era suicídio. Uma loucura que poderia custar sua vida. Mas, pensando bem, enfrentar Golias tinha sido uma loucura bem pior, e dera certo. Então chamou seus adulões e foram todos para o bosque de Herete.

Enquanto isso, Saul estava reunido com seus homens sob um arvoredo em Gibeá. Os boatos sobre a localização de Davi já haviam chegado até ele (quem é que segura os boatos?), que não via a hora de chegar à caverna de Adulão e pegar de surpresa seu inimigo. Enquanto descansava à sombra das árvores, falava com o povo da cidade que estava por ali:

— Ê, cambada de benjamitas filhos-da-puta! Então vocês acham que o filho de Jessé vai melhorar essa sua vidinha de merda, não é mesmo? Que vai dar terras a todos, empregos, educação, saneamento básico, a papagaiada toda. Não acham? Só assim se explica que vocês tenham conspirado contra mim e ocultado o que eu precisava saber. Meu filho, meu PRÓPRIO FILHO, andou burilando planos com aquele desgraçado do Davi, e alguém me disse alguma coisa? Não, claro que não! Ninguém tem dó de mim! Ninguém vê o quanto eu sofro!

Os benjamitas se entreolhavam, sem entender a crise de paranóia misturada com auto-indulgência do rei. No entanto, Doegue, o edomeu funcionário de Saul que vira Davi falando com o sacerdote estava por ali, e percebeu que era a hora certa para cair nas graças do rei:

— Majestade...

— Diga, Deogue.

— Doegue, majestade.

— FODA-SE! FALA LOGO!

— Então... Eu vi o Davi em Nobe. Ele foi falar com Aimeleque.

— O sacerdote?

— Esse mesmo. Aimeleque consultou a vontade de Deus por ele, depois lhe deu mantimentos e a espada de Golias.

— AH, DESGRAÇADO! Tragam esse Aimeleque até aqui IMEDIATAMENTE.

Alguns dos soldados saíram e voltaram pouco tempo depois trazendo o sacerdote e toda sua família.

— Aimeleque. Aimeleque... Você é filho do finado sacerdote Aitube, não?

— Sim, senhor.

— Ah, eu sabia. Conheci seu pai, um bom homem. E queria conversar com você, Aimeleque. E queria que você me ouvisse com atenção. Pode ser?

— Claro, majestade, claro.

— Muito bem, muito bem! Pois o negócio é o seguinte: passarinho me contou que você andou conspirando contra mim.

— Como é que...

— Não, não, deixa eu terminar: você e Davi, filho de Jessé, andaram mancomunados. Você deu a ele mantimentos e uma espada muito especial, e fez por ele uma consulta a Deus. É mentira, Aimeleque?

— Não. Sim. Digo. Veja bem, majestade. Veja bem. Que eu soubesse, Davi era o homem mais honrado de todo o reino. Digo, fora da família real, é claro, que idéia. Ele precisava de comida, então dei uns pães pra ele. Tudo pão velho, sabe? Dei a espada de Golias também, é verdade. Mas, puxa, o que eu ia fazer com uma espada? Eu, sacerdote? Agora, um homem de confiança do rei passa pelo Tabernáculo, pede comida e uma arma, como é que eu vou recusar. O senhor percebe? Não faria o mesmo no meu lugar?

— Hum. E a consulta?

— Consulta? Ah, claro. A consulta. *Aquela* consulta. Ué, é praxe a gente consultar a vontade de Deus sempre que pedem. Tem nada de mais. Nada de mais! Só uma consultazinha de rotina, coisa pouca!

— Sei, sei. Aimeleque?

— Sim, majestade?

— Estou aqui pensando. Acho que você vai morrer.

— COMO?

— É. Vai morrer. Você e toda sua família. É, acho que é a melhor saída. Nada pessoal, você não me leve a mal, por favor.

— MAS PELO AMOR DE DEUS, MAJESTADE!

— Oras, não faça disso um episódio mais constrangedor do que já é. HOMENS! Matem os sacerdotes!

No entanto, algo aconteceu para enfurecer mais ainda ao rei: seus soldados se recusavam a matar os sacerdotes de Javé. O receio era justificável: embora o Deus israelita não se manifestasse mais como antigamente, não custava nada lembrar das

histórias da época em que sua ira estava no auge, e tomar certas cautelas que, assim como caldo de galinha e dinheiro no bolso, não fariam mal a ninguém.

Vendo que os homens de Saul se recusavam a cumprir uma ordem do rei, Aimeleque sentiu um alívio imenso. Não durou muito, porém. Saul, como creio que já foi dito, era louco mas de bobo não tinha nada. Percebendo quem ali estava doidinho para cumprir uma ordem sua, não importava qual fosse, repetiu a ordem, dessa vez para a pessoa certa:

— DOEGUE! Mate os sacerdotes.

Feliz da vida, Doegue pegou sua espada e degolou Aimeleque e toda sua família, oitenta e cinco homens ao todo. Não contente com isso, e querendo dar ao rei uma demonstração inquestionável de sua lealdade, juntou alguns homens e foi até Nobe, cidade dos sacerdotes, matando ali tudo o que respirasse. Um doce, esse tal Doegue.

Um dos filhos de Aimeleque, porém, conseguiu escapar da carnificina, e correu para juntar-se a Davi no bosque de Herete. Contou a ele sobre o massacre dos sacerdotes, e pediu proteção.

— Isso que você está me contando é muito sério, Abiatar — era esse o nome do rapaz. — Eu tenho culpa do que aconteceu. Devia ter visto Doegue no Tabernáculo quando estive lá, e matado o filho da puta. Mas agora é tarde para lamentar. O que importa é que agora estamos do mesmo lado: as mesmas pessoas que desejam minha morte agora desejam também a sua. Fique aqui comigo, e estará a salvo.

Abiatar foi só um dos que se juntaram a Davi: seu grupo aumentava a cada dia que passava. No entanto, tendo o filho de Aimeleque consigo, Davi tinha um trunfo sobre Saul: agora o único representante da religião oficial estava a seu lado, o que seria crucial em breve.

DAVI EM QUEILA E NO DESERTO DE ZIFE

(I Samuel 23)

Davi ainda estava escondido nos bosques de Judá quando um de seus homens veio trazer a novidade:

— Davi, os filisteus estão atacando Queila, e saqueando o trigo recém-colhido.

— E eu com isso? Nem conheço essa tal Queila...

— Não, Davi. A cidade de Queila.

— Ah, *essa* Queila... Hum. Isso muda tudo.

Intervir poderia ser vantajoso. Além dos agora seiscentos párias que o acompanhavam, era possível que Davi contasse com o apoio de toda uma cidade. Além do mais, Queila era cercada por muralhas, e daria um excelente quartel-general. A tentação de largar a vida de fugitivo para se estabelecer de vez como guerrilheiro revolucionário era muito forte. Havia um obstáculo, no entanto: Davi contava apenas com seus seiscentos companheiros, e atacar os filisteus era sempre um perigo. Os seguidores de Davi eram meros aventureiros; os inimigos eram soldados treinados para o combate desde a adolescência. Por outro lado, esse sempre fora o problema de Israel nos embates com a Filistia, e nunca impedira vitórias espetaculares.

Davi tinha uma decisão difícil a tomar. Para sua sorte, porém, contava com um trunfo: Abiatar, o único sobrevivente do clã sacerdotal. Ele viera munido da estola sacerdotal (ou éfode) com seu respectivo peitoral. E no peitoral, se vocês não se lembram, estavam incrustados o Urim e o Tumim, as duas pedrinhas usadas para consultar a vontade de Javé.

— Abiatar!

— Sim, Davi.

— Preciso da sua ajuda, rapaz.

— Opa. Pode falar.

— Preciso consultar a vontade de Deus para um negócio aí.

— Ih, acho que não vai dar...

— Como não???

— Consultar a vontade de Javé assim, fora do Tabernáculo? Sei não, sei não...

— Pô, Abiatar, não fode.

— É sério. Não sei se vai funcionar. Além do mais, fora da Tenda Sagrada é possível que eu responda querendo te agradar, e não segundo o Urim e o Tumim. É complicado.

— Hum. Ah, podemos evitar isso.

— Como?

— Você tapa os ouvidos e vira de costas quando eu fizer a pergunta. Quando eu te cutucar, você joga as pedrinhas e só me responde "SIM!" ou "NÃO!".

— Tá parecendo aquele quadro do *Domingo no Parque*...

— Eu precisava me inspirar em alguma coisa. E aí, o que você acha?

— Podemos tentar.

— Legal. Então vai lá pegar a estola, eu espero aqui.

— Tá bom.

Abiatar foi até sua tenda e voltou cingido com a estola.

— Preparado?

— Sim.

— Então vira de costas aí e tapa os ouvidos.

— Tá.

— Pronto?

— ...

— Beleza, não tá me ouvindo. Arram... SENHOR! DEVO IR ATÉ QUEILA COMBATER OS FILISTEUS? — perguntou Davi, cutucando Abiatar em seguida.

— SIIIIIIIM!

— Beleza!

— Er... Davi?

— Sim, Abiatar?

— Eu sei que você ainda vai ser rei e tal, mas não abuse.

— Hã?

— CUTUCA MAIS PRA CIMA, PORRA!

— Ah, sim. Foi mal. Peraí, vou anunciar a novidade aos homens. EI! PESSOAL! TODO MUNDO SE PREPARANDO AÍ! VAMOS ATÉ QUEILA CHUTAR UNS RABOS FILISTEUS!

Em vez dos brados de alegria que esperava, Davi só ouviu murmúrios de parte de seus guerrilheiros.

— Pô, que há com vocês? Não querem sair um pouco desse marasmo?

— Claro, seu Davi, Claro. Mas, pensa: se escondidos aqui a gente já se caga de medo, imagine indo combater os filisteus!

— Hum. Bando de bunda-mole. Mas Javé disse que podemos ir!

— Fora do Tabernáculo? Bah.

— Ai meu saco... Peraí, vou confirmar. Abiatar, de costas, mãos nos ouvidos.

— Vê lá, hein?

— Pode deixar. Aham... SENHOR! TEM CERTEZA? — e deu um piparote na orelha de Abiatar.

— PORRA, DAVI!

— Desculpa, não resisti. Fala aí, sim ou não?

— SIIIIM!

— Tão vendo, seus mequetrefes? Bora lá, Javé entregou aqueles filisteus de merda nas nossas mãos.

Ainda céticos, porém sabendo que qualquer coisa era melhor do que discutir com Javé, os homens se prepararam e já no dia seguinte partiram para Queila. Lá combateram contra os filisteus, matando muitos deles e tomando seu gado. A paz voltou à cidade, e seus moradores ficaram muito gratos a Davi, como era natural.

Aparentemente o plano de Davi funcionara às mil maravilhas. No entanto, o serviço de espionagem de Saul continuava eficiente como sempre, e o rei logo soube o que seu grande inimigo andava aprontando.

— Arrá! Agora aquele filho-da-puta está na minha mão. Que burro, foi se enfiar logo numa cidade murada! Caiu sozinho numa armadilha, o mané. De hoje ele não passa.

Davi, porém, também tinha seus espiões, e ficou sabendo logo que Saul marchava contra Queila.

— Puta que pariu, esse desgraçado não dá um tempo! ABIATAR!

— Sim, Davi.

— Preciso fazer mais uma consulta.

— Sei não, sei não...

— Ai ai ai... Que foi agora?

— Sem piparote?

— Sem piparote.

— Sem dedada?

— Sem dedada.

— ...

— JURO!

— Tá bom, vai. Manda.

— Tapou bem os ouvidos? Beleza. SENHOR! SAUL VAI VIR MESMO PRA CÁ? — cutucão.

— SIIIIIIIIM!

— E os homens de Queila vão me entregar nas mãos dele? — cutucão.

— SIIIIIIIIM!

— Peraí, Senhor, pega leve. Está dizendo que os homens desta cidade que eu acabei de livrar dos filisteus, devolvendo a eles toda a colheita de trigo, vão me trair e me entregar a Saul? — cutucão.

— SIIIIIIIIM!

— MAS SÃO UNS FILHOS DA PUTA! — e deu um tapa na nuca de Abiatar.

— SIIIIIIIIM! E, porra, cê tava indo bem...

— Desculpa, Abiatar. Fiquei nervoso.

— Que houve?

— Eu perguntei se Saul vai mesmo vir pra cá, e se os homens de Queila vão me entregar a ele.

— Putz, e Javé respondeu sim nas duas vezes. MAS QUE CAMBADA DE FILHOS DA PUTA!

— SIIIIIIIIM!

— Grunf. E aí?

— E aí que o melhor que temos a fazer é picar a mula.

— Concordo.

— Me ajuda a reunir os homens.

Davi, seu sacerdote particular e seu exército de párias fugiram de Queila sem rumo certo. Quando Saul soube disso, abortou seu plano e voltou para o palácio com seus homens.

Depois de muito vagarem, os guerrilheiros se estabeleceram na região de Zife, um lugar desértico e montanhoso, cheio de fortalezas naturais. Saul continuou com a perseguição, mas nunca conseguiu seu intento, o que o deixava mais e mais frustrado. Mesmo assim, o cerco se fechava e Davi se enfurnava cada vez mais no deserto, acabando por se estabelecer em Horesa, na parte de acesso mais difícil. Passava os dias ali com pouca água e comida, na companhia apenas de homens, com saudades de Mical, sua esposa, e dos amigos. E foi num dia particularmente triste que ele teve a surpresa de receber uma visita.

— Jônatas!

— Ei, Davi. Dessa vez você se enfiou num buraco mesmo, hein?

— Pois é, rapaz. Seu pai não me dá descanso. Mas, puxa, estou muito feliz em te ver! Pensei que nunca mais nos encontraríamos.

— Pois pensou errado. Estou aqui, não estou? Quanto ao meu pai, não se preocupe. Ele tem lá seu serviço de inteligência, mas eu sempre dou um jeito de contaminar as informações que ele recebe.

— Ah! Bem que eu estava estranhando ele ainda não ter botado as mãos em mim. Obrigado, meu irmão.

— Agradeça a Deus, Davi. Ele te protege, e vai te fazer rei de Israel.

— Que é isso...

— Bah, você sabe muito bem que está destinado a ser rei.

— Mas se o herdeiro do trono é você!

— Eu me contento com um ministério, um cargo de confiança qualquer...

— Tá pensando o quê, pilantra? Que meu governo será um trem da alegria?

— Mas é claro!

— Hehehe.

Os dois passaram o dia conversando. Quando anoitecia, despediram-se renovando suas promessas de lealdade eterna.

Com a visita do amigo, Davi recobrou ânimo. Mas o sossego não duraria muito, porque alguns dedos-duros de Zife foram até Gibeá falar com Saul:

— Majestade! Ficamos sabendo que o senhor quer muito pegar o Davi.

— Oras, quem é que não sabe?

— Pois então... Acontece que ele está em Horesa, no alto do monte Haquila, ao sul de Jesimon, logo depois daquela hospedaria amarela que pertence ao Zimoneu, filho de Zimon, aquele que tinha um cavalo baio que certa vez pulou a cerca e...

— PÁRA!

— Opa. Desculpe, majestade.

— Quanto vocês querem como recompensa?

— Nada.

— Nada?

— Nada. Sabemos o quanto o senhor quer pegá-lo, então o levaremos até ele.

— Ah, que beleza! Que Javé os abençoe por serem tão bondosos comigo.

— Amém.

— Mas então... Eu já vasculhei Israel de Dã até Berseba atrás de Davi, sem sucesso. O danado é esperto como o capeta. Então peço a vocês o seguinte: voltem a Zife e se assegurem de onde ele está. Descubram onde ele se esconde, onde compra mantimentos, essas coisas, e me informem. Dessa vez vai dar certo, nem que eu tenha que palmilhar toda a tribo de Judá atrás daquele sacripanta.

Então os alcagüetes voltaram a Zife e descobriram que Davi saíra de Horesa e agora estava com seus homens em Maom, num vale seco ao sul de Jesimon, perto daquele carvalho que foi plantando por Minâncora, a filha de Maizena, aquela que tinha umas... Enfim, Davi estava em Maom. Sabedor disso, Saul se apressou naquela direção com seus soldados. Davi ficou sabendo, e fugiu para o alto de uma montanha rochosa em Maom. Saul foi informado e logo subiu ao monte. Acontece que as informações eram desencontradas — obra de Jônatas, provavelmente —, de modo que Davi ficou de um lado do monte e Saul do outro, com um precipício entre eles. Os guerrilheiros eram em menor número, e fugiram do exército oficial, que já havia descido e subido novamente, agora do lado certo. Saul cercava Davi, e dessa vez a captura seria inevitável.

Seria, eu disse. Porque justo quando o rei já cantava vitória, recebeu a mensagem preocupante:

VOLTE IMEDIATAMENTE PT

FILISTEUS ATACANDO SUL DO PAIS PT

Saul podia ser maluco, e estar sedento do sangue de Davi, mas ainda tinha consciência de seus deveres de rei. Então reuniu seus homens e voltou a Gibeá, para de lá coordenar a resistência a mais essa invasão.

O montanha em que os dois exércitos se separaram passou a ser chamada de Selá-Hamalecote, que em hebraico é *Rocha da Separação*. Davi fora mais uma vez salvo pela sorte. Começava a preocupar-se: é notório que a sorte não acompanha ninguém por muito tempo.

SAUL E DAVI SE ENCONTRAM

(*I Samuel 24*)

Conduzindo um cerco tão pertinaz, era inevitável que Saul encontrasse Davi. Tal encontro, porém, não se deu como seria de se esperar. Já veremos por quê.

Depois de ter sido salvo pela invasão dos filisteus, Davi fugiu com seus homens para outra fortaleza natural, essa na região da fonte de Gedi. Quanto a Saul, escorraçou rapidamente os filisteus e tornou a se dedicar a seu passatempo predileto: brincar de gato e rato com Davi. Logo recebeu a notícia da localização de seu inimigo, e para lá partiu acompanhado de um exército de três mil homens, escolhidos dentre os melhores soldados de Israel. Quando estava perto de um lugar chamado Rocha das Cabras Selvagens, sentiu uma movimentação estranha no ventre. Chamou o general do exército:

— Abner, tudo em ordem?

— Sim, majestade!

— Bom, bom, muito bom. Olha, cuida de tudo aí enquanto eu vou ali naquela caverna do lado do curral de ovelhas para cobrir os pés**(1)**.

— Está com frio nos pés, majestade?

— Não, Abner... Vou me aliviar, entende?

— Claro, claro, claro. Hum... Não, na verdade não.

— VOU CAGAR, QUE EU JÁ TÔ COM O CHARUTO NO BEIÇO!

— Ah. Sim. Claro. Boa... Aham... Cobertura de pés, majestade.

— Obrigado.

Saul se afastou, entrou na caverna, abaixou os calções, levantou a túnica e fez lá seu serviço. Limpou-se como pôde, recompôs-se, saiu da caverna e ia voltando para junto dos soldados quando ouviu uma voz às suas costas:

— MAJESTADE!

Voltou-se sobressaltado e viu um homem ruivo na entrada da caverna, ajoelhado em sinal de respeito. Seria ele? Estava com a pele escura, tinha crescido e era um homem forte. Mas a cabeleira ruiva e uma certa petulância na voz não deixavam muita margem a dúvidas. Ia perguntar, mas o homem continuou:

— Rei Saul, por que é que o senhor dá ouvidos às pessoas que dizem que eu quero prejudicá-lo? Veja que Deus o entregou a mim ali dentro da caverna. Alguns de meus homens queriam que eu o matasse, mas quem sou eu para levantar a mão contra

aquele que foi ungido por Javé? Não acredita? Pois olhe para sua capa e verá que falta um pedaço. Aqui está! Eu cortei um pedaço da sua capa. Poderia tê-lo matado, mas não o fiz. Quer prova maior de que eu não pretendo fazer-lhe mal? Eu sei muito bem que o senhor quer me matar, e mesmo assim resisti quando tive a oportunidade de resolver tudo. Que Deus julgue quem de nós está errado, e me vingue por tudo o que o senhor me fez e faz, mas eu não levantarei um dedo contra o senhor. Ah, rei Saul! Quem sou eu para o senhor me perseguir dessa maneira? Não passo de um cachorro morto, uma pulga! Ah, faça-me o favor, assim não dá! Que Deus me livre do senhor!

Quanto mais Davi falava, mais boquiaberto Saul ficava. Quando terminou seu discurso, o queixo do rei quase batia no chão e a baba se acumulava nos cantos de seus lábios. Quando conseguiu falar, foi gaguejando:

— D-Davi? É você m-mesmo, meu filho? — e começou a chorar, o doido — Ah, Davi! Você está certo, claro, e eu estou errado! Você pagou com o bem todo o mal que eu tenho lhe feito. Quem é que, tendo a oportunidade de pegar seu inimigo, o deixa ir embora são e salvo? Só você mesmo, meu filho, só você mesmo! Que Javé o abençoe pelo que fez hoje. Agora eu sei que você será rei de Israel, e que terá um reinado próspero e justo. Mas, por favor, jure em nome de Deus que não acabará com meus descendentes, e assim o meu nome não será esquecido.

— Juro, majestade, claro que juro — é claro que Davi jurava, o filho do rei era seu melhor amigo.

— Ah, meu filho, muito obrigado! Você volta comigo?

— Não agora, majestade. Não leve a mal.

— Compreendo. Até logo, Davi.

— Até logo, majestade.

— Oras, me chame de Saul!

— Ainda não.

Os dois se despediram cordialmente, Saul voltou para Gibeá, e Davi para sua fortaleza. Tudo parecia estar bem. Mas só parecia: Saul era maluco, e é bom que não nos esqueçamos disso.

---

(1) As versões mais antigas da Tradução João Ferreira de Almeida traziam exatamente essa expressão: *"... e entrou nela Saul, a cobrir seus pés"*. Nas versões mais recentes, é dito que o rei foi à caverna para *"aliviar o ventre"*, enquanto a Tradução na Linguagem de Hoje, da SBB, diz que Saul foi mesmo *"satisfazer suas necessidades"*. Ou seja, foi cagar. Mas sempre gostei muito da expressão mais antiga, *"a cobrir os pés"*. Se imaginarmos (ARGH!) que, no ato, o rei deveria abaixar as ceroulas, que então ficariam enrodilhadas sobre os pés, o significado do eufemismo fica bem claro.

A MORTE DE SAMUEL E A HISTÓRIA DE NABAL

(*I Samuel 25:1*)

Vocês se lembram do Samuel? Sim, ele mesmo: o juiz e profeta que ungiu tanto Saul quanto Davi, e que dá seu nome a este e ao próximo livro da Bíblia. Lembram, né? Pois esqueçam: o pobre coitado morreu, luto nacional foi declarado, ele foi sepultado em sua casa, em Ramá, e era uma vez Samuel. Triste vida a dele: teve um começo promissor, ungiu dois reis, foi influente no início do reino de um deles. Quando estava no auge, Deus lhe disse que rejeitava Saul como rei. Ele apenas passou o recado adiante, mas mesmo assim caiu em desgraça. Quando morreu, boa parte do povo já nem se lembrava dele, o último juiz a governar Israel e grande articulador da transição para a monarquia. Triste, triste...

Ainda bem que eu não ia mesmo com a cara dele. Vamos em frente, portanto. Acompanhando Davi que, depois de dar um jeito de comparecer ao funeral de Samuel, desceu ao deserto de Parã. Ali perto ficava o monte Carmelo, e lá ficavam as propriedades de um homem muito rico, morador da cidade de Maom. Seu nome era Nabal, e ele era descendente de Calebe. Sua esposa, Abigail, era bonita e inteligente, mas ele mesmo não passava de um homem grosseiro e mau.

Como Davi estava ali por perto, e sabia quem era Nabal. Ouviu dizer que ele estava no Carmelo supervisionando a tosquia de suas ovelhas, e mandou a ele dez de seus homens com a seguinte mensagem para o rico proprietário:

> Caro Nabal,
>
> Saudações a você, tudo de bom para a família e suas posses.
>
> Envio esta mensagem porque soube que você estaria no monte Carmelo tosquiando suas ovelhas. Veja só, em todo esse tempo que eu e meus homens estamos na região convivemos dia e noite com seus empregados. Tornamo-nos amigos, e nós nunca lhes fizemos mal, nem lhes roubamos nada, muito pelo contrário: chegamos mesmo a protegê-los em algumas ocasiões. Pode perguntar a eles.
>
> Bom, o negócio é que minha situação aqui é um tanto difícil, como você deve imaginar. Então eu queria lhe pedir que me recebesse, junto com meus soldados. Viemos em dia de festa, e gostaríamos de ser recebidos em paz por você. Além disso, se você puder nos dar algum mantimento, roupas, essas coisas, ficaremos muito agradecidos.
>
> Abraço dos seus criados e de seu querido amigo
>
> Davi, filho de Jessé.

Davi mandou a mensagem já esperando a resposta positiva. Sua fama crescia a cada dia em todo o Israel, e não havia quem não o temesse e admirasse. Ficou muito surpreso, portanto, ao receber a resposta de Nabal:

davi filho de jesse?? eu naum conhesso nenhum davi como eh que eu vou saber quem eh vc?? huAHuehUehUaHuA. e se vc for um escravo que fugiu isso acontece muito hoje em dia tenho que ficar esperto. o meu pão a minha agua e os bichus que eu matei p/ dar pros meus empregado eu naum vou dar a um bando de cangaceiro que eu naum conhesso ora essa. se liga mew!

Davi passou rapidamente da surpresa a raiva. Então a fama de grosseiro e mau de Nabal era justificada. Além do mais, *nabal* quer dizer *tolo*, em hebraico. O que esperar de um cara assim? Fosse como fosse, Davi não ia deixar quieto:

— Cangaceiros, é? Ele vai ver só. Homens! Cinjam suas espadas. Nós vamos mostrar a esse desgraçado quem é cangaceiro.

Davi partiu para o monte Carmelo à frente de quatrocentos de seus homens, enquanto os outros duzentos ficavam atrás com a bagagem. O futuro rei de Israel estava emputecido, e determinado a acabar com a raça de Nabal e de quem mais encontrasse pela frente. Porém, um dos empregados de Nabal, já prevendo as conseqüências da petulância do patrão, resolvera falar com Abigail:

— Dona Abigail, a senhora ficou sabendo?

— Sabendo de quê?

— Vixe, uma confusão danada! Sabe o Davi?

— Ai ai... Aham. Claro.

— Então. Ele anda aí pelas redondezas.

— O DAVI? AQUI PERTO???

— É, ué.

— E NINGUÉM ME AVISA? Deixa eu me arrumar, criatura!

— Calma, dona Abigail. O negócio é que o Davi enviou uma mensagem ao patrão, pedindo mantimentos, essas coisas. Uma mensagem muito educada, cheia de saudações e coisa e tal. Eu achei bom, porque quando a gente estava no campo, durante todo o tempo ele tratou a gente muito bem.

— É, ouvi falar que esse Davi é um legítimo cavalheiro. Ai ai...

— Pois então. Mas acontece que o patrão mandou uma mensagem muito da mal educada em resposta, dizendo que não vai ajudar é ninguém, e chamando Davi e os homens dele de cangaceiros.

— NABAL NÃO FEZ ISSO!

— Pois fez!

— Ah, eu mereço ter me casado com essa anta...

— Eu achei bom contar pra senhora, porque falar com o patrão não adianta nada mesmo.

— E fez bem, muito bem. Obrigada. Pode deixar, vou dar um jeito.

Abigail saiu dali e, ajudada por seus empregados, pegou duzentos pães, dois odres cheios de vinho, cinco ovelhas assadas, dezessete quilos de trigo torrado, cem cachos de passas e mais um monte de pasta de figo. Botou tudo em jumentos e ordenou aos empregados que fossem na frente com aquele presente para o aventureiro filho de Jessé. Os empregados saíram, e ela saiu logo depois, montada em seu jumento.

Na direção contrária vinha Davi, resmungando para si mesmo:

— A gente ajuda os outros e ganha o quê? Nada! Só se fode, só se fode! De que me adiantou proteger aqueles filhos de uma quenga? Ah, mas isso não fica assim! Que Deus me castigue se eu deixar nem que seja um homem vivo naquela terra. Ah, eles vão ver o que é bom!

Seu resmungo foi interrompido, porém, pela chegada daqueles jumentos carregados de comida e bebida. Antes que pudesse perguntar aos homens que traziam os jumentos de quem fora tamanha bondade, viu a mulher linda que chegava. A pergunta ficou entalada na garganta enquanto ele contemplava tamanha beleza. Ao vê-lo, a mulher desmontou do jumento rapidamente, e se ajoelhou, encostando o rosto no chão.

— Senhor, escute-me! Por favor, não dê atenção a Nabal. Ele é um bobão, como bem diz seu nome. Eu não vi quando os homens foram levar sua mensagem a ele, por isso não tive como evitar essa presepada. Mas ignore, senhor, e aceite esse presente que eu lhe trago. Por favor, desista de seus planos de vingança. Eu sei que meu marido foi estúpido e o ofendeu, mas pense bem: um dia o senhor vai ser rei, e é melhor que não tenha motivos para se arrepender ou sentir remorso por ter cometido um crime assim. Deixe a vingança nas mãos de Deus, já que ele sempre o protegeu.

— Louvado seja Javé, que mandou você até aqui. Só a sua beleza já me faria desistir da vingança, mas seus argumentos inteligentes acabaram de me fazer desistir dos meus planos. Porque, veja, se não fosse por você, amanhã mesmo todos os homens de Nabal estariam mortos, até os meninos. Como você se chama, minha querida?

— Abigail.

— Ah, que nome lindo? Pois então, Abigail: volte para casa e não se preocupe. Não vou fazer mal a ninguém.

— Obrigado, senhor.

— Eu agradeço. E pode me chamar de Davi.

Abigail saiu dali feliz por dois motivos: tinha livrado as propriedades de um grande massacre, e se encontrado com Davi, o Brad Pitt de Israel naquele tempo. Chegou em casa querendo dizer a Nabal o que acontecera, mas o marido estava comendo como um rei e bebendo como um gambá, então preferiu deixar para depois. No dia seguinte, vendo o marido já sóbrio, contou a ele o ocorrido. Ele, em vez de ficar alegre por ter escapado de morte certa, sentiu tanta raiva que teve um ataque e ficou paralisado. Dez dias depois, morreu.

Quando Davi recebeu a notícia da morte de Nabal, apressou-se em mandar uma mensagem à viúva:

Querida Abigail,

Está ocupada? Se não, será que gostaria de se casar comigo?

D.

Abigail leu a mensagem e corou. Não havia nada que ela quisesse mais. Porém, conhecendo muito bem as regras sociais da época e do lugar, apenas se ajoelhou na frente dos mensageiros, humildemente:

— Eu sou escrava de Davi. Posso lavar os pés de seus empregados.

Tendo dito isso, acompanhou os homens até seu acampamento, indo morar com Davi. O filho de Jessé já havia se casado com uma certa Ainoã, da cidade de Jezreel, e tinha agora duas esposas. Teria três, na verdade, mas Saul já entregara sua filha, Mical, a um tal Palti. Era a segunda vez que Saul tirava de Davi uma filha sua. Como se Davi já não tivesse motivos suficientes para odiar o rei.

DAVI POUPA MAIS UMA VEZ A VIDA DE SAUL

(I Samuel 26)

Ao final do primeiro encontro entre Davi e Saul depois de tantas perseguições, o rei despediu-se do filho de Jessé com lágrimas nos olhos e protestos de grande arrependimento. Davi não acreditou muito, como vimos, mas mesmo assim relaxou um pouco. Primeiro arrumou tempo para se casar com duas mulheres. Depois, cansado de tanto zanzar por todo canto, resolveu voltar a Zife, o lugar do encontro fatídico. Reinstalou-se, portanto, no monte Haquila com seus rebeldes.

Os homens de Zife, porém, sedentos de recompensa, foram até Gibeá para contar a Saul que Davi voltara. O rei, maluco que era, já se esquecera das lágrimas e das promessas de reconciliação: arregimentou novamente os três mil soldados e partiu para Zife. Quando chegaram ao monte Haquila já era noite, e Abner achou melhor acampar no sopé do monte e subir assim que o dia amanhecesse para atacar os cangaceiros de Davi. Ajeitaram-se, pois, com Saul e Abner no meio do acampamento e os três mil soldados em volta, de forma que o rei e seu general ficassem protegidos e pudessem dormir o sono dos justos, mesmo que não o fossem.

Davi, que estava no deserto, ouvira dizer que Saul viera atacá-lo. Não acreditou no boato e enviou espias ao sopé do monte, os quais confirmaram a notícia. "Merda", ele pensou, e resolveu ir ele mesmo até lá para ver com que força Saul pretendia atacar dessa vez. Chegou ao acampamento, viu os três mil homens dormindo, e voltou para sua fortaleza natural no alto do monte. Acima das cavernas onde seus homens dormiam estavam as duas sentinelas do turno, Aimeleque, o heteu, e Abisai, irmão de Joabe (um sujeito que ainda será importante). Chamou-os:

— Ei! Saul está acampado lá embaixo!

— Eita! Veio pescar?

— No meio do deserto, pedaço de asno?

— Ah, é. Mas veio fazer o quê, então?

— Veio foder com a minha vida.

— Aí sim. Isso é mais a cara dele.

— Vou descer até lá para ver a situação mais de perto. Qual de vocês vai comigo?

— Eu vou.

— Muito bem, Abisai. Aimeleque, você dá conta do serviço sozinho?

— Mas é claro, majestade.

— JÁ FALEI PRA NÃO ME CHAMAR ASSIM!

— Epa, foi mal.

— Humpf. Vamos, Abisai.

Os dois desceram até onde o inimigo estava. Os soldados do rei dormiam um sono pesado, e os dois conseguiram chegar até o centro do acampamento, onde dormiam Saul e Abner. Saul dormia com sua lança cravada ao lado da cabeça. Ao ver situação tão propícia, Abisai cochicou no ouvido de Davi:

— Deixa comigo, Davi.

— O quê?

— Javé colocou seu inimigo nas suas mãos. Com um golpe só eu atravesso o feladaputa e espeto ele na terra!

— Mais respeito, moleque! Esse homem é maluco, é mau-caráter, é filho-da-puta.

— Er... Só não entendi a parte do respeito, Davi.

— É que apesar de tudo isso ele foi escolhido por Deus para ser rei de Israel. Que Deus o mate quando bem entender, mas nós não faremos nada.

— Nada? Nada, nada?

— Bom, quase nada. Pega aí o jarro de água do rei, eu fico com a lança.

Os dois assim fizeram, e foram saindo do acampamento tão silenciosamente quanto entraram. Quando já estavam a uma distância segura, Davi voltou-se para o acampamento e gritou:

— ABNER! TÁ ME OUVINDO, CABRA SAFADO?

Abner acordou assustado, mas logo se recompôs e berrou de volta:

— QUEM É O DESGRAÇADO QUE VEM GRITAR AQUI, NO ACAMPAMENTO DO REI?

— Abner! — o negócio continuava na base da gritaria, mas eu é que não vou ficar escrevendo em caixa alta aqui — Você é homem ou não é? Acho que não, sua biba! Não dizem que você é o melhor soldado de Israel? Pois eu imagino como deve ser o pior! Seu único dever é proteger o rei, e você não dá conta nem disso! Você é um bosta, Abner! Você e todos esses soldadinhos de merda aí! Vão morrer todos por não protegerem direito o rei ungido por Javé!

— Ué, proteger do quê? De algum maluco berrador? Vai pra casa curar essa bebedeira, e deixa a gente dormir!

— Cala a boca e me escuta! Onde está a lança do rei, hein? E o jarro de água, cadê?

— Estão aqui, oras! Não estão, majestade?

— Claro que... Epa. Não estão não. Que negócio é esse? Ei, eu conheço essa voz. DAVI? É VOCÊ, MEU FILHO?

— Sim, senhor, sou eu! Por que é que o senhor continua a me perseguir? Isso já tá chato, majestade! Se foi Javé quem fez o senhor se voltar contra mim, ofereça um sacrifício a ele e está tudo certo. Nossa sorte é que temos um deus subornável. Agora, se outras pessoas fizeram isso, que a maldição de Deus caia sobre elas, que elas se fodam e que o meu pau cresça!

— Precisa mesmo, Davi! Depois daquilo que o Michelangelo fez...

— EU AINDA NÃO TERMINEI! O negócio é que, se o senhor continuar a me perseguir, serei forçado a fugir para outro país e adorar outros deuses. Por favor,

senhor, não me deixe morrer longe da terra de Israel, que eu tanto amo! Por que o senhor continua perseguindo esta mísera pulga? Por que me caça como se eu fosse um pássaro selvagem? Ou um jumento bravo? Ou... Ou um... Ou um, sei lá, um camaleão pardo de patas amarelas? Ou mesmo um... Um...

— Ok, Davi, já entendi. Eu sei que errei. Volte, meu filho! Prometo que nunca mais lhe farei nenhum mal, porque esta noite você poupou minha vida mais uma vez. Eu tenho agido como um maluco!

— Grande novidade...

— O que disse, meu filho?

— Nada, nada. Só pensando alto. Continue, majestade.

— É isso. Eu cometi um grande erro. Perdoe-me, filho!

— Olha, senhor, aqui está sua lança. Mande algum de seus homens vir buscá-la. Eu vou voltar para o meu buraco. Mas lembre-se sempre de que hoje eu poupei sua vida. Que Javé poupe a minha também, continuando a me proteger como tem feito.

— Ah, meu filho, que Deus o abençoe! Você é um bom rapaz, e tudo o que fizer dará certo. Está ouvindo, Davi? Davi? DAVI! Caceta, foi embora...

DAVI ENTRE OS FILISTEUS

(I Samuel 27, 28:1-2)

Depois de poupar a vida de Saul pela primeira vez, Davi até chegou a acreditar que eram verdadeiras as boas intenções do rei. Quando da segunda, porém, ele percebeu que Sua Majestade era mesmo um maluco, e que não desistiria de persegui-lo, e que sua morte era mera questão de tempo. Bom, a morte de todo mundo (inclusive a sua, leitor) é mera questão de tempo, mas estamos falando de poucos dias.

Pensando nisso, Davi concluiu que sua única alternativa seria sair de Israel. Não para qualquer lugar, porém: Saul não hesitaria em declarar guerra a algum dos vizinhos mais fracos, se isso pudesse ajudá-lo a botar as mãos no filho de Jessé. Restava, portanto, a Filistia. A experiência de Davi por lá não fora das mais animadoras. Porém, era sua única opção, e ele resolveu arriscar. Dessa vez não iria sozinho, mas acompanhado de seus seiscentos bandoleiros. Contava com sua fama de *persona non grata* em Israel para impressionar Aquis, rei de Gate.

Foi até Gate, portanto, e apresentou-se ao rei. Aquis ainda se lembrava de Davi na última ocasião, babando e riscando as portas, expulso da cidade pelos guardas, então ficou impressionado com a altivez do israelita em sua presença.

— Ei. Você não era doido?

— Eu percebi que o senhor desconfiava de mim, então me fiz de maluco para escapar.

— Muito inteligente, muito inteligente... Entenda minha posição, Davi. Eu não podia confiar num homem tão popular em Israel, o homem que havia matado Golias, nosso maior guerreiro.

— Eu entendo, majestade.

— Mas hoje eu sei da sua situação, de como Saul o persegue e de como você e seus homens se esgueiram por todo o território de Israel. Seja bem vindo, portanto.

— Obrigado. Muito obrigado.

A verdade é que Aquis sabia que Davi era grande conhecedor do território israelita, depois de tanto tempo vagando pela terra. Como não era benquisto em Israel, o rei de Gate contava com sua lealdade, o que seria importantíssimo em caso de guerra. Sendo assim, Davi, suas duas esposas e seus soldados foram muito bem recebidos e ficaram morando em Gate. Não se sentiam à vontade na cidade, porém, então Davi foi falar com Aquis:

— Majestade, se o senhor vai mesmo com a minha cara, queria lhe fazer um pedido.

— Pode dizer, Davi.

— Queria saber se o senhor poderia me dar uma cidade para morar. Não vejo necessidade em ficar morando aqui na capital com meus soldados, atrapalhando a vida das pessoas e coisa e tal.

— Ué, vocês não estão atrapalhando em nada. Mas se você faz mesmo questão, pode ir morar em Ziclague.

Davi e seu bando mudaram-se, pois, para a cidadezinha de Ziclague, que a partir de então passou a pertencer aos reis de Judá (esse negócio de "reis de Judá" eu vou explicar mais para a frente, depois do reinado de Salomão. Tenham calma).

Davi ficou um ano e quatro meses morando na Filistia. Durante todo esse tempo, dedicou-se a atacar os povos que viviam naquela região (gesuritas, girzitas e amalequitas). Ele e seus homens matavam todas as pessoas e roubavam o gado e as roupas. Depois de cada ataque, Davi voltava a Gate para levar parte do espólio a Aquis, e o rei perguntava quem ele tinha atacado. Ele mentia, dizendo que tinha saqueado o sul de Judá, ou Jerameel, ou a terra dos queneus. Por isso precisava matar todo mundo em todo lugar que atacasse: se alguém escapasse, poderia correr até Gate e contar ao rei o que de fato acontecera. Sem testemunhas de seus crimes, agradava a Aquis ao

dizer que atacava Israel dia após dia, e enriquecia. Depois de tanto tempo vivendo como malfeitor, Davi finalmente tornara-se um verdadeiro bandido. Aquis, imaginando o quanto seu hóspede era odiado em todo o Israel (sem razão), pensava que ele lhe seria leal por toda a vida, fosse por gratidão ou por ser a única opção. Enquanto isso, Davi se aproximava cada vez mais dos líderes da tribo de Judá, preparando terreno para seu retorno à terra natal.

Tudo ia muito bem, até o dia em que Aquis, não conseguindo pensar em nada melhor para fazer, decidiu que já era hora de voltar a cutucar os israelitas. Falou com os outros quatro reis da Filistia, os cinco reuniram suas tropas, e Aquis convocou Davi.

— Seguinte, rapaz: fique sabendo que você e seus homens vão lutar ao meu lado.

Com essa Davi não contava. Cultivava as melhores relações em Gate, mas sua maior preocupação era ser querido em Israel, ou ao menos em Judá. Mas é claro que não podia dizer isso: Aquis acreditava que ele atacava sistematicamente o sul de Judá, e aquela era a pior ocasião possível para desmentir tudo. Então estufou o peito e disse:

— Pois o senhor vai ver do que sou capaz, majestade! Vou acabar com aquela cambada de israelitas. Ah, se vou! Odeio aqueles caras! Odeio! ODEIO!

— Tá, Tá. Calma, Davi. Gostei de ver sua determinação, viu? A partir de hoje você é meu guarda pessoal.

Davi agradeceu com falso entusiasmo. Enfiara-se naquela situação e agora não sabia como sair dela.

Saul consulta uma médium

(I Samuel 28:3-25)

Como vimos no último capítulo, o rei Aquis havia decidido invadir Israel. Não perdeu tempo: no dia seguinte o exército filisteu marchou e acampou na cidade de Suném. Sabendo disso, Saul reuniu seus homens no monte Gilboa, uns dezoito quilômetros a sudeste de onde se concentravam os filisteus. Assim que chegou, o rei subiu ao monte para ver o exército inimigo. Ficou apavorado: nunca antes os filisteus tinham vindo contra Israel em tão grande quantidade. Saul perguntou a Deus o que devia fazer, mas não obteve resposta por sonhos nem através de profetas. O Urim e o Tumim, a maneira mais fácil e direta de se conhecer a vontade divina, estavam em poder de Abiatar, último remanescente do clã dos sacerdotes, que bandeara-se para o lado de Davi depois do massacre dos seus. Desesperado com o silêncio de Javé, Saul chamou seus oficiais e ordenou:

— Busquem para mim uma necromante.

— Uma o quê, majestade?

— Uma necromante! Uma pitonisa!

— Ah, sim...

— Entenderam agora?

— Não...

— Ai, meu saco... Uma médium, uma mãe-de-santo, qualquer coisa!

— Ah! Mas, majestade, o senhor mesmo expulsou todos os médiuns e adivinhos de Israel.

— Puta merda! Onde é que eu estava com a cabeça? Não sobrou nem unzinho?

— Hum... Olha, tem uma mulher lá em En-Dor que dizem que é médium.

— Pois está muito bem. Tragam a bruxa aqui.

— Ih, acho que não vai dar. A mulher está entrevada, não sai de casa.

— Puta que pariu, que sorte eu tenho! Arrumem o endereço dela, eu vou até lá.

Assim determinado, Saul se disfarçou e saiu acompanhado de dois de seus oficiais. As precauções não eram exageradas: para chegar a En-Dor era necessário que o rei passasse perigosamente perto de Suném, onde estavam os filisteus. No entanto, o rei e seus seguranças chegaram à cidadezinha sem maiores problemas naquela mesma noite. Depois de andar um pouco e pedir informações a um peixeiro, pararam em frente a uma casa com uma tabuleta na porta:

MÃE PITONISA DE EN-DOR

Búzios, Tarô, Runas

Trago a pessoa amada em sete dias

"Deve ser aqui", pensou Saul, brilhante como sempre. Chamou:

— Ó de casa!

— Pode entrar — respondeu lá uma voz muito fraca. O rei entrou e viu a velha feiticeira. Sentada numa poltrona velha em frente a uma urupema de búzios, fumava um charuto, usava lenço na cabeça e repousava o queixo ossudo nas mãos cruzadas sobre o cabo de um guarda-chuva velho e esgarçado. — Ô, mizifio. O fio tá cum pobrema, mãe pode vê. Pobrema dos grande, né coisa pôca não. Que que mãe pode fazê pra mode ajudá o fio, hum?

— Er... Então. Eu preciso que a senhora faça subir um espírito aí pra me responder umas coisas.

— Epa! Mas o fio num sabe que rei Saú proibiu sas coisa de apurrinhá os morto? Se rei fica sabeno dum negóço desse, mãe vai pro saco! O fio qué que mãe vai pro saco, é?

— De forma alguma, senhora, de forma alguma! Juro por Deus que nada de mal há de ocorrer à senhora.

— Hum. HUM! Tá bão, tá bão. Quem é o esprito que o fio qué que mãe faiz subi?

— Samuel.

— Pois tá muito bão. Evém o ôme! *Ó, mo fio, do jeito que suncê tá, só o ôme que pode te ajudá.*

— Que homem?

— Samué, fio! Cê num pediu Samué? Pois tá vindo aí e... EPA! Suncê tá enganano a véia!

— Eu?

— Suncê! Suncê é rei Saú, Samué tá me dizeno aqui. Veio pra me matá, foi?

— Longe de mim, minha senhora! Fique tranqüila, já disse. É Samuel mesmo que a senhora tá vendo?

— É um véio rabujento, resmunga que só o cão, e tá todo enrolado numa capa.

— É ele mesmo! — excitado com a possibilidade de poder consultar Samuel, Saul caiu de rosto no chão, em sinal de respeito. — O que é que ele diz?

— HUM!... Ele tá priguntano o que o fio qué com ele, por que foi que tirô ele do repouso lá embaixo.

— Ah! Sim, sim. Diga a ele que estou muito angustiado. Os filisteus invadiram Israel mais uma vez. Pedi orientação divina, mas Javé não me responde por sonhos nem pelos profetas. Fiquei desesperado, então me lembrei do tempo em que Samuel ainda vivia, como me orientava e aconselhava. Então resolvi vir aqui pra pedir conselho a ele.

— Já tô falano pra Samué, viu, fio? E ele já tá respondeno, óia! HUM!... Samué diz que rei Saú tinha nada que vim pertubá ele. Se nem Deus responde, ele que num vai si metê nisso.

— Ô, dona Pitonisa. Vê se consegue arrancar mais alguma coisa dele!

— HUM!... Ele tá dizeno que rei Saú foi desobediente. Que Deus mandô matá tudo os amalequita, mas rei Saú num bedeceu. Por isso que agora Deus vai entregá Israel

nas mão dos filisteu, e amanhã rei Saú e seus fio vai tá tudo lá embaixo, junto com Samué. O minino Davi é que vai sê rei dispois disso. HUM!...

A mensagem tenebrosa de Samuel, diretamente do Mundo dos Mortos, era demais para Saul. Então por causa do velho episódio da guerra contra os Amalequitas, Javé o faria pagar junto com seus filhos, entregando o reino a Davi? Castigo demasiado só por ter poupado a vida do gado amalequita. Esmagado pelo peso de notícia tão ruim, e já enfraquecido por ter passado o dia sem comer nada, Saul caiu desmaiado. Voltou a si com a feiticeira batendo de leve em seu rosto.

— Epa! Achei que o fio num fosse vortá mais. Rei Saú tá muito fraco, precisa cumê.

— Não estou com fome.

— A véia confiô em suncê, agora é hora de suncê confiá na véia: mizifio precisa cumê.

Saul continuou dizendo que não queria comer. Mas a mulher e os oficiais que o acompanhavam insistiram, e o rei acabou cedendo. Feliz por ser útil, a pitonisa matou um bezerro e o assou, servindo-o a Saul com uns pães. Saul e seus oficiais comeram, pagaram à mulher o preço combinado mais o valor do bezerro, e pegaram a estrada de volta para o Monte Gibeá. O rei ia cabisbaixo e pensativo: aparentemente chegara a hora de ter o reino rasgado de suas mãos.

DAVI É MANDADO DE VOLTA A ZICLAGUE

(I Samuel 29)

Enquanto Saul enfrentava o caminho de volta ao monte Gilboa sob o peso dos agouros lançados pelo espírito de Samuel, os filisteus preparavam sua primeira movimentação estratégica, saindo de Sunémm e indo para Afeque, pouco mais ao sul. Quando o rei chegou, seus comandantes sugeriram que os batalhões israelitas marchassem para o vale de Jezreel, bloqueando assim o avanço inimigo. Apático, Saul apenas fez um aceno vago com a mão, aprovando o deslocamento, e foi para sua tenda. Sabia que nenhuma estratégia mirabolante seria suficiente para salvá-lo e a seus filhos.

Assim que souberam que os israelitas estavam acampados em Jezreel, os cinco governadores filisteus reuniram-se e decidiram que era o momento ideal para um ataque rápido e letal. Tomada a decisão, começaram logo a marchar. Na retaguarda, junto a Aquis, rei de Gate, iam Davi e seus soldados, dissidentes de Israel. Os outros reis filisteus não gostavam daquela situação, e foram falar com Aquis assim que fizeram a primeira parada:

— Que diabo esses hebreus estão fazendo aqui?

— Ei, já se esqueceram? Esse é Davi, homem da minha maior confiança. É israelita, sim, mas desde que se rebelou contra Saul eu nunca soube de nada que o desabonasse.

— Não interessa, Aquis! Manda esse Davi de volta lá pra Ziclague. O cara é hebreu, e está mal lá com o rei dele. Existe jeito melhor dele se reconciliar com Saul do que entregando a ele algumas cabeças de filisteus? Além do mais, não era sobre ele aquela musiquinha lá das hebréias, falando que Davi matou dez mil filisteus e não sei mais o quê?

— Puta merda, vocês não esquecem mesmo a tal musiquinha... Tá bom, eu falo com ele.

Aquis esperou que os quatro saíssem de sua tenda, então mandou chamar Davi.

— Davi, juro por Javé, o seu deus, que confio muito mais em você do que em qualquer outra pessoa.

— Sei disso, majestade, e agradeço.

— Pois é. Você é um homem correto, honesto, trabalhador, corajoso, essa coisa toda. Mas isso não basta aos outros reis, sabe?

— É? Por que não?

— Ficam desconfiados, por você ser israelita, entende?

— Entendo... Mas e então?

— Bom, Davi, eu vou ter que pedir a você que reúna seus homens e volte para Ziclague. Você não vai poder ir à batalha com a gente. Volte, e não faça nada que desagrade aos outros governadores filisteus.

Davi, que estava há semanas comendo mal e dormindo pior tentando imaginar como escaparia de lutar contra seus compatriotas, fez o possível para disfarçar o imenso alívio que lhe trazia a ordem de última hora de Aquis. Controlou-se como pôde, e fez seu teatrinho:

— Mas o que foi que eu fiz? Diga! O que eu fiz de errado desde que vim morar na Filistia, para que o senhor me recusasse a honra de lutar contra seus inimigos? POR JAVÉ, O QUE FOI QUE EU FIZ? NÃO É JUSTO! OH, MEU DEUS, NÃO É JUSTO!

— Nada, Davi, calma! Você é tão leal como um anjo, mas acontece que os outros não gostam de você. Esse negócio de política é o diabo, Davi! Às vezes a gente tem que ceder para não ser engolido. Tente entender, filho! Junte seus homens e volte para Ziclague amanhã mesmo.

— Bom, se não há outro jeito, obedeço.

— Sabia que você compreenderia, Davi.

Quase saltitando de alegria, Davi saiu da tenda de Aquis e foi dar a boa notícia a seus homens. Na madrugada seguinte eles partiram de volta para Ziclague, enquanto os filisteus subiam a Jezreel.

DAVI DERROTA OS AMALEQUITAS

(I Samuel 30)

Com a decisão de Aquis de mandar Davi de volta a Ziclague, Saul e Davi se tornaram mais opostos do que nunca: um era um rei aflito, perturbado pelas tenebrosas premonições do finado Samuel, sem nada a fazer a não ser esperar a derrota de Israel e sua própria morte; o outro era um homem feliz, livre do peso de combater os seus, sem que para isso precisasse acovardar-se, liderando seus homens leais de volta à paz de sua cidade. Enquanto Saul esperava em Jezreel pelo inevitável desfecho da guerra e de sua vida, Davi chegava a Ziclague pensando apenas em descansar e ficar com suas esposas.

O descanso, porém, teria que esperar: Ziclague estava em chamas. Os amalequitas haviam invadido a cidade, incendiando-a e levando cativos todos os que nela estavam, inclusive Ainoã e Abigail, mulheres de Davi. O desespero de ignorar o que acontecera a suas famílias foi demais mesmo para homens como eles, guerreiros forjados no deserto e nas montanhas de Israel: de repente eram seiscentos marmanjos chorando entre os destroços da cidade. Alguns dos soldados começaram a falar em apedrejar Davi, tamanho era seu desespero. Naquela situação difícil, Davi precisava pensar rápido para salvar sua pele e, se possível, remediar a situação. Resolveu apelar para um poder superior:

— Abiatar! Ô, Abiatar! Cadê você, porra?

— Aqui, Davi.

— Traz lá aquele seu cachecol com o Umim e o Turim.

— Er... A *estola sacerdotal*, com o *Urim* e o *Tumim*?

— Tanto faz, cacete! O cachecol das pedrinhas, rápido.

— Humpf. Tá aqui.

— Muito bem. Pergunta aí pra Javé se eu devo perseguir os mequetrefes que aprontaram esse furdunço.

— Xeu ver... SIIIIIIIM!

— Hum. Mas será que a gente consegue alcançar os putos?

— SIIIIIIIM!

— ENTÃO BORA FODER COM A VIDA DELES, CAMBADA!

Animados com a chancela divina, os homens se levantaram e acompanharam Davi. Saíram em marcha acelerada no rastro do inimigo. Correram tanto que duzentos dos homens não agüentavam mais dar um passo quando chegaram ao ribeiro de Besor. Davi deixou-os por ali e seguiu em frente com os quatrocentos soldados restantes. Num campo mais adiante, os soldados encontraram um homem todo escangalhado. Pelo sotaque e pela pele tisnada, dava toda pinta de ser egípcio. Levaram-no até Davi e lhe deram pão, água, figos e passas. O homem logo recobrou ânimo, e contou que estava sem comer nem beber havia três dias. Perguntado sobre sua identidade, informou que era mesmo egípcio e escravo de um amalequita.

— O patrão me abandonou porque eu fiquei doente. Também não era pra menos, né? Eu já tenho saúde fraca, e eles ainda inventam de sair fazendo baderna por todo canto, sem descansar.

— Eles? — perguntou Davi — Quem são eles? Que baderna?

— Os amalequitas, chefe. Veja você, atacamos os queretitas, depois Judá, as terras de Calebe, botamos fogo em Ziclague...

— Ah, então foram vocês!

— Bom, modo de dizer, né? Eles, os amalequitas. Eu sou só um escravo.

— Hum. Será que você conseguiria nos guiar até onde está essa tropa?

— Até consigo. Mas só se o senhor jurar que não vai me matar nem me entregar para o patrão.

— Tudo bem, tudo bem. Não te mato, não te entrego. Agora me leve até onde eles estão.

O escravo egípcio, então, guiou Davi e seus homens até o lugar onde estavam os amalequitas. Eram muitos, seu acampamento era enorme, e eles comemoravam com muita comida, bebida e música a grande quantidade de despojos que haviam tomado das terras atacadas. Aproveitando o despreparo e embriaguez dos amalequitas, Davi desceu para atacá-los. A batalha começou ao pôr-do-sol e só foi terminar no começo da tarde do dia seguinte. Ao final, com exceção de quatrocentos rapazes que fugiram montados em camelos, todos os amalequitas estavam mortos. A vitória fora relativamente fácil: embora estivessem em muito maior número, os amalequitas eram apenas arruaceiros do deserto, que se divertiam saqueando cidades e povoados desguarnecidos. Não tinham qualquer preparo militar, e portanto não eram páreo para

os bem treinados israelitas exilados na Filistia. Tudo o que haviam saqueado foi recuperado intacto, e todas as pessoas raptadas estavam a salvo. Davi pegou suas esposas e tomou o caminho de volta a Ziclague, com seus quatrocentos soldados felizes com suas famílias, e com todo o gado recuperado, além do despojo.

Quando chegaram ao ribeiro de Besor, os duzentos homens que ali haviam ficado aproximaram-se. Davi cumprimentou-os normalmente, mas alguns de seus soldados, pouco mais avarentos, começaram a confabular:

— Esses caras nem foram com a gente, não merecem o despojo da batalha.

— É verdade. Cada um que pegue sua mulher e seus filhos e vá embora.

— E lambendo os beiços!

— Isso aí!

Davi, porém, acabara de adquirir moral com a tropa, e não pretendia perdê-la tão facilmente:

— Calem a boca! Javé nos deu essa vitória. Não há como concordar com o que vocês estão dizendo. O despojo será dividido em partes iguais, e quem ficou para trás com a bagagem receberá o mesmo tanto que aqueles que foram à batalha.

Mesmo resmungando, os homens obedeceram a Davi. No futuro, o costume de dividir o despojo de guerra por igual viria a ser lei em Israel.

De volta a Ziclague, Davi teve a idéia de adquirir algum capital político com a batalha que vencera: pegou parte do despojo e enviou aos líderes das cidades de Judá que lhe eram simpáticos (de Betel, Ramá, Jatir, Aroer, Sifmote, Estemoa, Racal, Horma, Borasã, Atace, Hebrom), com uma mensagem:

Caro amigo,

Aqui vai um pequeno presente. É parte do despojo que tiramos dos inimigos de Javé, nosso Deus.

D.

Davi não era besta: sabia que sua estada na Filistia não era para sempre, e que precisaria de todo o apoio que conseguisse no dia em que tivesse que retornar a Israel. Não sabia, porém, que algo que acontecera enquanto ele derrotava os amalequitas faria com que seu retorno à terra natal se desse muito antes do que esperava.

A MORTE DE SAUL E DE SEUS FILHOS

(*I Samuel 31*)

Davi estava muito ocupado matando amalequitas quando, longe dali, os filisteus atacaram Jezreel com força total e ordem de não fazer prisioneiros. Os israelitas não resistiram por muito tempo: saíram em debandada e acabaram cercados no monte Gilboa, onde foram massacrados. Tendo matado a maior parte dos soldados, os filisteus trataram logo de identificar a família real. Primeiro mataram os três príncipes: Abinadabe, Malquisua e Jônatas, o grande amigo do exilado Davi. Voltaram então a atenção para Saul, um pelotão de flecheiros saiu no encalço do rei. Sabendo que não tinha como escapar, Saul teve um inesperado surto de lucidez, falando para seu escudeiro:

— Rápido, rapaz! Tira sua espada e me atravessa com ela, para que eu não morra nas mãos desses filisteus de pinto pelancudo.

— Queisso, majestade? Erguer a mão contra o ungido de Deus?

— Vai logo, porra!

— Sei não, sei não...

— Puta que pariu! Tem coisas que a gente tem que fazer sozinho mesmo...

Dizendo isso, Saul desembainhou sua espada e lançou-se sobre ela, morendo antes de ser alcançado pelas flechas inimigas. Vendo que seu senhor jazia morto, o escudeiro resolveu acompanhá-lo e jogou-se contra sua própria espada, suicidando-se também.

Ao ver que o exército israelita fora dizimado, e que a família real não existia mais, o povo que morava além do vale de Jezreel e a leste do Jordão abandonou suas cidades, que foram imediatamente ocupadas pelos filisteus.

No dia seguinte, voltando ao monte Gilboa para despojar os mortos, os filisteus encontraram os cadáveres de Saul e seus filhos. Cortaram, então, a cabeça do rei e o despojaram de suas armas. Enviaram, em seguida, mesangeiros a toda a Filistia para espalharem a grande notícia. Depois levaram as armas do rei morto e a expuseram no templo de Astarote, e seu corpo decapitado foi pregado nos muros da cidade de Bete-Sã.

Ao saberem dessa humilhação final, os habitantes da cidade de Jabes, em Gileade, ficaram muito indignados. Todos se lembravam de quando Saul, então um rei ainda relutante, os ajudara contra os amonitas que invadiram sua cidade. Sentiam-se em dívida para com o rei morto, e resolveram resgatar seu corpo. Naquela mesma noite, alguns dos homens mais corajosos de Jabes-Gileade foram até Bete-Sã e tiraram

de seus muros os corpos de Saul e seus filhos. Carregaram os cadáveres até Jabes, onde foram queimados e enterrados sob uma tamareira. Em sinal de luto pela morte da família real, jejuaram por sete dias.

A primeira experiência de Israel com a monarquia chegava ao fim da forma mais melancólica possível: com Saul e seus filhos mortos e tristemente enterrados, não havia sequer um herdeiro para o trono de uma nação dilapidada, sem exército nem moral. É de se imaginar que alguns israelitas pensavam na anexação à Filistia como solução natural. Os que mantiveram o orgulho, porém, acabaram provando ter razão: tempos de glória esperavam pelo povo de Javé.

Iniciado em 18 de fevereiro de 2004

Concluído em 26 de julho de 2004